

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

# **JOGANDO COM O PSICODRAMA**

**Uma contribuição para a  
Psicologia do Esporte**

**Gisela Sartori Franco**

**Campinas**

**2001**

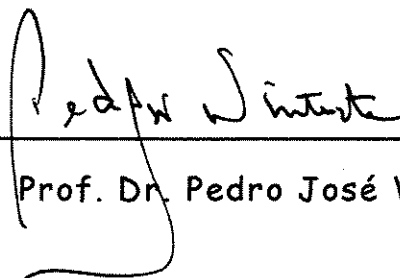
UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

## JOGANDO COM O PSICODRAMA

Uma contribuição para a  
Psicologia do Esporte

Este exemplar corresponde a redação final da dissertação de Mestrado defendida por GISELA SARTORI FRANCO e aprovada pela comissão julgadora composta pelos professores Doutores Luzia Mara Silva Lima, Jocimar Daolio e Pedro José Winterstein, no dia 01 de março de 2001.



Orientador: Prof. Dr. Pedro José Winterstein

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

F848j Franco, Gisela Sartori  
Jogando com o psicodrama : uma contribuição para a psicologia do esporte / Gisela Sartori Franco. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Pedro José Winterstein.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Psicologia aplicada. 2. Educação física.  
3. Esportes – Aspectos psicológicos. I. Winterstein, Pedro José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Parafraseando Jacob Levi Moreno,  
que afirmou:

*"Existem muito mais "Miguelângelos"  
do que aquele que pintou  
a Capela Sistina."*

Minha experiência me leva acreditar que

*Existem muito mais "Ronaldinhos"  
do que aquele que foi considerado  
melhor jogador DO MUNDO.*

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO 01

- Justificativa e Objetivo. 01

### I. DUAS ABORDAGENS INTRODUTÓRIAS:

#### PSICOLOGIA e ESPORTE. 10

- Como nasceu a Psicologia. 11
- Que Esporte é esse? 31

### II. A PSICOLOGIA DO ESPORTE 54

- Os caminhos percorridos. 56
- Contornos da psicologia do esporte. 64
- Novos rumos. 88

<b>III. O PSICODRAMA</b>	<b>96</b>
• A História.	97
• O Encontro.	106
• A visão do Psicodrama.	106
• Outras visões do <i>Nós</i> : da Filosofia e da Sociologia.	114
• Matriz de Identidade.	120
• Sociometria dos Vínculos.	126
• O Jogo Dramático.	129
<b>IV. O ENCONTRO ENTRE PSICODRAMA E ESPORTE</b>	<b>144</b>
• Por que Psicodrama no Esporte?	147
• Jogos e técnica psicodramática no esporte.	156
• "Tribunal de Justiça".	157
• "Os Dez Mandamentos do Esporte".	169
• Inversão de Papéis.	182
<b>V. O LAÇO DO PRESENTE</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>213</b>

## Índice de Tabelas

<u>Tabela 1.</u> Os Primeiros e Principais estudos Relacionados com PE publicados na Europa e nos Estados Unidos. (Baseado em FELIU, 1997).	<u>57</u>
<u>Tabela 2.</u> Datas e locais dos Congressos Mundiais promovidos pelo <i>International Society of Sport Psychology - ISSP.</i>	<u>60</u>
<u>Tabela 3.</u> Definições de Psicologia do Esporte (PE).	<u>64</u>
<u>Tabela 4.</u> Funções Profissionais do Psicólogo do Esporte (Baseado em FELIU, 2000).	<u>76</u>
<u>Tabela 5.</u> Tarefas da PE segundo a Federação Européia de PE - FEPSAC de 1996 (BECKER, 2000).	<u>77</u>
<u>Tabela 6.</u> Sociometria do Vínculos (AGUIAR, 1990).	<u>127</u>

<u>Tabela 7.</u> Tabela geral de classificação de Jogos Dramáticos (YOZO, 1996).	<u>143</u>
<u>Tabela 8.</u> Semelhanças entre os Instrumentos do Psicodrama e o Esporte (FRANCO, 1998a).	<u>150</u>
<u>Tabela 9.</u> Semelhanças entre as Etapas do Psicodrama e o Esporte (FRANCO, 1998a).	<u>150</u>



## Resumo

Sendo uma das Ciências do Esporte, a Psicologia do Esporte (PE) se interessa pelos fatores psicológicos presentes na prática esportiva e na atividade física.

Foi objetivo deste estudo apresentar e relacionar o Psicodrama com a Psicologia do Esporte. Através da fundamentação teórica do Psicodrama, das técnicas psicodramáticas utilizadas no contexto esportivo e também caminhando por entre relatos de experiências da prática desses recursos, pode-se conhecer mais uma opção de trabalho do Psicólogo do Esporte.

Inicialmente abordei a Psicologia e o Esporte para que ambos pudessem acolher a PE. No capítulo a ela dedicado explorei seus caminhos, seus contornos e novos rumos. Em seguida apresentei o Psicodrama, sua história. Mereceu destaque aqui os conceitos de: Matriz de Identidade, Encontro, Tele, Papel, Sociometria dos Vínculos e o Jogo Dramático.

Um capítulo foi aberto exclusivamente para que se pudesse expor mais detalhadamente as vivências psicodramáticas. No relato do "Tribunal de Justiça" e do "Os Dez Mandamentos do Esporte", jogos dramáticos adaptados ineditamente para o contexto esportivo, foi possível perceber que a partir dessas vivências cada grupo descobriu novas formas de lidar com situações adversas. Puderam também entrar em contato com sua espontaneidade e criatividade, fatores fundamentais para o desenvolvimento de todo esportista. A técnica de Inversão de Papéis, tradicional do Psicodrama, foi citada com suas possibilidades de aplicação no campo da PE. No final houve um enlaçamento entre a teoria psicodramática e as situações esportivas.

Se na entrada do século XXI o Esporte, como um grande fenômeno de expressão, também precisa reformular seus paradigmas, a PE deve aproveitar esse movimento e tornar o papel do Psicólogo mais voltado para os valores humanos essenciais, onde ele não seja um mero aplicador de testes ou diagnosticador de conflitos, mas sim, que veja seus praticantes como seres humanos que podem através de uma prática esportiva mais consciente encontrar autonomia, prazer e transcendência.

## Abstract

Being one of the Sciences of Sports, the **Psychology of Sport (PS)** concentrates its interest in the psychological aspects present in the practice of a sport and of a physical activity.

The objective of this piece of work was to present and relate the **Psychodrama** along with the **Psychology of Sport**. Through the **Psychodrama** theoretic fundament, through the psychodramatic techniques used in the sports context and also going through accounts of experiences of the practice of these resources, one can get to know yet another job option of the **Sport Psychologist**.

Initially I approached the **Psychology and the Sport** so that both could have the **PS**. In the chapter dedicated to that, I studied its ways, its forms and its new directions and turns. After that I presented the **Psychodrama** and its history. It was important to highlight at this point, the concepts of: **Identity Matrix, Meeting, Tele, Role, Sociometry of Bonds and the Dramatic Game**. A chapter was opened exclusively in order to expose in details the psychodramatic techniques. In the accounts of the "**Supreme Court**" and "**The Ten Commandments of Sport**", dramatic games were adapted for the first time in the sports context. It was possible to realize that having these experiences, each group found out new ways of dealing with adverse situations. They could also be in touch with their own spontaneity and creativity, important factors for the development of every sportsperson. The technique of **Role Inversion**, traditional in **Psychodrama**, was mentioned with its application possibilities in the field of **PS**. At the end, there was a bond between the **Theory of Psychodramatic and sports situations**.

If at the beginning of the **XXI Century**, the **Sport**, as a great phenomenon of expression, also needs to reformulate its paradigms, the **PS** must take advantage of this movement and turn the role of the **Psychologist** more centered in the essential human values, where he or she is not a mere test applicator or just a person who simply finds conflicts, but that he or she is able to see his or her apprentices as human beings who can, through a more conscious sport activity meet the autonomy, enjoyment and transcendence.

## **Agradeço**

**Ao meu Orientador Prof. Dr. Pedro José Winterstein pela sua paciência e ponderação presentes na construção desse trabalho;**

**Ao Prof. Dr. Jocimar Daólio que refletiu aqui as infinitas possibilidades do Esporte e da Psicologia.**

**A Prof<sup>a</sup>. Dra. Luzia Mara Silva Lima que incentivou minha criatividade, espontaneidade e espiritualidade.**

**Meus agradecimentos também, a todos os funcionários da FEF por me ajudar lembrar o valor de ser estudante.**

**Agradeço ainda,**

**À Wanda Maria e Eneide, minha mãe e minha sogra porque mais do que vovós foram durante alguns períodos, mães para meus filhos;**

**Ao Fábio meu companheiro também de sala de aula da FEF, de viagem Santos-Campinas, meu parceiro de desabafos e de amor. Amor ao Esporte, à Psicologia e muitos outros amores compartilhados...**

**Ao meu irmão João Eduardo e ao amigo Djalma pelo cuidado, empenho e carinho na leitura e releitura desse texto;**

**Ao meu pai, João e meus irmãos Eloisa e Décio por outras lições além da Ciência.**

**Em especial, agradeço aos atletas e técnicos que, mesmo anonimamente, estiveram presentes aqui. Sem eles, nada disso faria sentido.**

## **Dedico**

**Ao Tiê e ao Ilê toda a persistência, determinação e Amor que investi para a elaboração dessa dissertação.**

**E a todos aqueles que acreditam e lutam pelo desenvolvimento da Psicologia do Esporte.**

## INTRODUÇÃO

*"Mais importante do que a Ciência é o seu resultado,  
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.*

*Mais importante do que a poesia é o seu resultado,  
Um poema invoca uma centena de atos heróicos<sup>1</sup>"*

*(Moreno, 1978 p.9).*

A Psicologia do Esporte (PE), vista como uma das Ciências que auxilia o avanço do Esporte, ainda é recente diante das outras que formam as chamadas Ciências do Esporte, como por exemplo a Medicina Esportiva. Apesar disso, teorias e explicações são exigidas a todo o momento desta infante contribuinte.

Para otimizar o potencial atlético, Al Huang e Linch (1992) deixam claro que um dos principais fatores para o progresso esportivo é o treinamento emocional, que definem como sendo um treinamento voltado para as necessidades emocionais do atleta, possuindo assim, características específicas e distintas dos demais treinamentos.

---

<sup>1</sup> Escrito originariamente em 1914

Millman (1995) também reforça essas idéias ao afirmar que a essência do talento não é tanto a presença de determinadas qualidades mas, sobretudo, a ausência dos bloqueios mentais, físicos e emocionais que afetam a maioria dos atletas.

Técnicos esportivos, dirigentes, atletas e demais profissionais da área querem respostas "ontem", para suas dúvidas que envolvem aspectos emocionais. Querem explicações precisas, justificativas científicas para os entraves psicológicos que acabam brecando o desenvolvimento de seus trabalhos. Perguntas que jorram de bocas ansiosas, sedentas de fórmulas mágicas para que tudo se resolva num "plim". Respirações contidas, gritos sufocados, corações apertados diante das incógnitas do ser humano, mistérios da nossa psique que nos ludibria e nos deixa a mercê de seus "caprichos".

Para que a Psicologia do Esporte<sup>2</sup> dê respostas, profissionais acadêmicos precisam antes formular as perguntas. Perguntas claras e bem orientadas, pesquisas científicas bem fundamentadas podem, aí sim, nos conduzir a descobertas transformadoras.

---

<sup>2</sup> Para Williams, *"A PE se interessa pelos fatores psicológicos que influenciam a prática do esporte e do exercício físico, assim como pelos efeitos psicológicos que se derivam dessa participação"* (1991, p.44).

Milhares são as perguntas, mas ainda poucas são as respostas. Por isso, a importância de haver cada vez mais trabalhos científicos na área da Psicologia do Esporte, para que essa Ciência possa evoluir e demonstrar, na prática, o seu potencial em auxiliar atletas, técnicos e demais envolvidos no contexto esportivo.

Acreditando que o Esporte é um fenômeno social importante para o mundo atual, a Psicologia do Esporte, como umas das Ciências que colaboram para seu desenvolvimento, poderá estar de alguma maneira contribuindo para o aprimoramento e evolução da Sociedade como um todo.

É objetivo desse estudo apresentar e relacionar o Psicodrama - uma forma de psicoterapia que se utiliza de métodos de ação (KELLERMANN, 1998) - com a Psicologia do Esporte, revelando o potencial e a praticidade de sua aplicação. Através da fundamentação teórica do Psicodrama, das técnicas psicodramáticas utilizadas no contexto esportivo e também caminhando por entre relatos de experiências da aplicação desses recursos, poderá se conhecer mais uma opção de trabalho do Psicólogo do Esporte.



Embora alguns profissionais da área ainda tenham a visão de que a PE serve como um instrumento para se alcançar novas marcas e resultados, o objetivo desta dissertação não se restringe a isso. O próprio senso comum atesta que um indivíduo emocional e psicologicamente equilibrado está melhor preparado para a execução de seus propósitos e metas do que outro em menos condições, mas quero deixar claro que, apresentar o Psicodrama aqui, não tem o caráter de "receita" para se atingir o pódio.

Para melhor visualização, apresento esse trabalho em quatro capítulos, seguindo o seguinte Roteiro para Redação:

Inicialmente descrevo a Psicologia e o Esporte, em seus conceitos básicos. A razão deste primeiro capítulo "Duas abordagens introdutórias: Psicologia e Esporte" é para que fiquem claras as bases conceituais referidas neste trabalho.

No segundo capítulo, A Psicologia do Esporte, a intenção é situar esta Ciência num panorama histórico trazendo, em primeiro lugar, a razão pela qual Psicologia e Esporte se aproximaram. No momento seguinte, relato os contornos da PE, isto é, suas diferentes e multifacetadas definições, os variados campos de atuação do psicólogo no Esporte e na atividade física e principalmente seus objetos de trabalho. No último bloco; uma retrospectiva, baseada em visões de alguns profissionais da área.

Logo após, é abordado no terceiro capítulo, *O Psicodrama*, sua história e conceitos marcantes desta teoria, como por exemplo, *O Encontro*. Neste momento, as contribuições de Norbert Elias - na Sociologia - e Martin Buber - na Filosofia - passam a corroborar com as idéias de Moreno. Termine esse sub-capítulo do *Encontro* trazendo o "Nós" de Moreno, Buber e Elias. Ainda abordando a teoria psicodramática, apresento a *Matriz de Identidade*, a *Sociometria dos Vínculos* e explico mais detalhadamente o que significa *Jogo Dramático*. Um momento é aberto para a compreensão das técnicas mais tradicionais utilizadas no Psicodrama.

A partir daí traço a ponte entre o Esporte e a linha psicológica citada, recebendo esse quarto capítulo, a denominação de *O Encontro entre Psicodrama e Esporte*. Perguntas como "Por que Psicodrama no Esporte?" ou "Como é possível fazer um paralelo entre o homem moreniano (apresentado no capítulo respectivo) e aquele que pratica um Esporte?" vão sendo aos poucos respondidas.

O capítulo atinge seu ápice por ocasião da apresentação dos jogos "Tribunal de Justiça" e "Os dez mandamentos do Esporte", adaptados para o contexto esportivo e a sua aplicação relatada mais detalhadamente. Por esse motivo são trazidas duas experiências com grupos de atletas adolescentes e adultos

(ambos os sexos e de diferentes modalidades esportivas competitivas). Concomitantemente, um paralelo é traçado entre os conceitos de EU-TU, EU-ISSO, Tele, Matriz de Identidade e as práticas vivenciais.

No final desse capítulo, descrevo trechos de uma experiência vivida no atendimento individual onde aplico uma das técnicas básicas do Psicodrama, a Inversão de Papéis, para que sirva de apoio para discussão dos conceitos da Sociometria dos Vínculos.

Singer (1989) nos aponta que dentro das importantes funções do psicólogo do esporte, há aquela que ele denomina *conselheiro*. Embora perceba que o termo *conselheiro* possa dar margem a uma compreensão distorcida do papel que entendo ser do psicólogo do esporte<sup>3</sup>, o que quero destacar aqui é o significado que ele atribui a esse conceito.

Para esse autor, *conselheiro* é aquele que lida, entre outras coisas, com os aspectos pessoais dos atletas. Essa função, *lidar com aspectos pessoais do outro*, exige muito cuidado e profissionalismo para que não se caia no banalismo de distribuir

---

<sup>3</sup> Não vejo que este profissional deva "dar conselhos" assumindo uma posição paternalista ou de superioridade, mas sim ajudar o outro a descobrir a *sua* opção, mais adequada para cada situação.

pareceres aleatórios baseados no ponto de vista ou nos valores pessoais do próprio "conselheiro".

Acredito ser importante esclarecer e, ao mesmo tempo, incentivar a prática dessa função - lidar com o lado pessoal do esportista. É a vontade de contribuir para o desenvolvimento do papel do Psicólogo do Esporte que me fez relatar neste trabalho a prática de tal função.

Muitos atletas, por estarem se dedicando a uma prática competitiva num período de solidificação da personalidade (infância, adolescência e início da fase adulta), acabaram aprendendo com o próprio Esporte muitos de seus valores. É preciso então, acompanhá-los neste momento para que a compreensão desses valores seja ampliada.

Todos querem vencer, mas cada um aprende seu significado de acordo com as lições que teve. Para Winterstein (1992), cada pessoa se avalia em termos de êxito ou fracasso numa tarefa, de acordo com a norma de referência que ela utiliza.

De uma maneira bem sintética pode-se dizer que, ou o indivíduo escolhe se comparar com os rendimentos de outros componentes de um determinado grupo - Norma de Referência Social -, ou escolhe se comparar com seus próprios rendimentos alcançados

anteriormente, na mesma situação - Norma de Referência Individual.

Trago esses conceitos agora porque a visão de vitória ou derrota está muito relacionada a isso, e poder escolher e alternar tais referências pode trazer ao atleta experiências mais significativas e com mais êxito, efetivamente.

Pretendo com isso poder afirmar que, o que se entende por Vitória pode ser mais abrangente. Ampliando alguns valores, revendo algumas condutas, mais atletas poderão se sentir realizados e satisfeitos.

Quero trabalhar para que muitos sejam vitoriosos.

Lutar para que muitos ainda subam em diferentes pódiums.

Este é o sonho!

O sonho dos atletas que competem;

Que dão o sangue pelo Esporte de Alto Rendimento.

Mas...

"Máquinas" de fazer cestas com afetividade desconectada,

"robôs" programados para ganhar com adoração só ao *goal*, por exemplo,

Não "sobrevivem", não sonham!

Quem dá sangue é gente!  
Homem é que sonha!  
E o humano precisa estar inteiro.  
...porque sonhar é preciso!

## I. DUAS ABORDAGENS INTRODUTÓRIAS:

### PSICOLOGIA E ESPORTE.

*"Se houvesse a possibilidade de formar uma cidade ou um exército composto somente por amantes e amados, obteríamos uma constituição política ideal. E se combatêssemos juntos, tais homens, apesar de seu reduzido número, poderiam vencer quase o mundo inteiro".*

*Platão, 1986, p.30.*

*"Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos de esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída".*

*Paulo Freire, Pedagogia da Esperança.*

A intenção aqui é apresentar os dois pilares que dão suporte à Psicologia do Esporte. Por um lado, o Esporte; que tendo se mostrado multifacetado, pede um maior esclarecimento de que *Esporte* foi se referido neste trabalho e quais seus principais enfoques.

Quanto ao espaço dedicado à Psicologia, este foi em virtude de uma necessidade de contextualização para se iniciar o caminho percorrido pela própria Psicologia do Esporte. Que Psicologia existia, que trilhas percorreu tal Ciência, antes de encontrar-se com o Esporte? Essa visão retrospectiva do surgimento da Psicologia pode favorecer a compreensão daquela que hoje se alia ao Esporte.

### COMO NASCEU A PSICOLOGIA.

Entre mistérios e fascínios, e também através de pesquisas cientificamente fundamentadas, o homem, desde a sua mais remota forma de expressão, vem demonstrando profundo interesse em compreender a realidade em que vive. Essa busca do conhecimento, inerente à constituição humana, foi sofrendo desdobramentos e evoluindo ao longo dos tempos. A intenção agora é trazer alguns *flashes* desse importante caminho, na tentativa de estabelecer uma conexão entre a visão do mundo psíquico humano nos seus primórdios e a atual visão da Psicologia.

As primeiras expressões de pensamento traziam muito mais sensações e sentimentos, ainda não identificados como tal, do que, o que hoje entendemos como razão, afirma Carpigiani (2000,



p.4). O pensamento humano, no início da humanidade, não se utilizava de lógica, como nós a compreendemos hoje, para explicar a realidade. Envoltos em misticismos, deuses e demônios, os pensadores e os poetas descreviam o mito da criação, o amor e as guerras através de uma linguagem própria. Os deuses exerciam eterna soberania sobre o destino dos mortais e aquilo que não era compreendido era para ser temido (CARPIGIANI, 2000).

Entre os séculos VII e VI a.C., a humanidade viveu uma grande transformação na sua forma de expressar o pensamento. Devido a necessidade da cultura grega de expandir, esta se viu forçada a desenvolver técnicas voltadas para o processo de ensino e aprendizagem.

De um pensamento mais místico, os recém professores, conhecidos como pré-socráticos ou sofistas, começaram a teorizar algumas premissas. O pensador Thales, que viveu na cidade de Mileto, foi um grande destaque. Ele introduziu um pensamento que envolve a idéia de seqüência podendo ser, quem sabe, um indício do paradigma de causa e efeito. Segundo ele:

o quente vive com o úmido, as coisas mortas ressecam-se, as sementes de todas as coisas são úmidas e todo alimento é suculento.(...) A água é o princípio da Natureza úmida e é continente de todas as coisas; por

isso supuseram que a água é o princípio de tudo e afirmam que a terra está deitada sobre ela. (Coleção Os Pensadores. Sócrates p.11).

Porém é só no século V a.C. com o surgimento da figura inexorável de Sócrates que se pode firmar o nascimento da Filosofia, mãe de muitas Ciências que vieram a posteriori, inclusive a Psicologia. É com Sócrates que surge uma nova maneira de pensar. Pela primeira vez, um pensador coloca o Homem como o objeto realmente digno de compreensão e de estudos. Sócrates promovia o desenvolvimento da crítica enfatizando a conduta moral ancorada na consciência responsável, afirma Carpigiani (2000, p.14).

De acordo com os preceitos socráticos, para que o homem trilhasse o bom caminho, bastaria lhe ensinar a ver, clara e inteligentemente, as causas e resultados dos seus atos. (CARPIGIANI, 2000, p.14). Um ponto culminante desse modo de pensar a realidade é quando o Homem, para traçar conceitos sobre a moral ou sobre a justiça, passa a refletir sobre suas próprias atitudes e condutas individuais e sociais.

Interessante notar que nessa época já se apontavam os primeiros sinais da consciência da auto-responsabilidade perante os fatos do cotidiano; e hoje, no início do século XXI ainda sofremos

conseqüências (econômicas, ecológicas, entre outras) desastrosas pela limitação dessa consciência.

Se a Psicologia traz em seu âmago a busca pela compreensão da psique, da mente humana, é com Sócrates que se pode ver seus primórdios pois é ele quem aproxima o Homem de si mesmo, impulsionando-o em direção à introspecção e à ética que fundamenta seu comportamento. Durante todo percurso de ensinamentos, Sócrates nada registrou, restando a seus discípulos tal tarefa. Foram os escritos de Platão os mais fiéis, e o principal responsável pela disseminação de seus conhecimentos.

Atleta da época (428 a.C. - 348 a.C.) com apelido de "ombros largos", Platão conviveu com o mestre Sócrates durante nove anos e tinha apenas 28 anos quando este faleceu. Além dos 36 diálogos apoiados no pensamento socrático, esse filósofo apontava em seus próprios estudos duas fontes de conhecimento: aquela que vem por meio do corpo e a que vem da alma; e, para ele, o corpo nada mais era do que o túmulo da alma (CARPIGIANI, 2000, p.18).

Na realidade começa aí uma tentativa de explicar a ligação da alma com as idéias. O subjetivo do comportamento humano, tão cobiçado pelas pesquisas psicológicas da atualidade pode ter suas raízes nos ensaios platônicos.

Vale a pena relacionar aqui também, como um importante marco na história pregressa da Psicologia, a influência de Aristóteles. Ligado à Medicina e à pesquisa biológica, este estudioso chegou a Atenas - em 366 a.C. - com apenas 18 anos e conheceu Platão com 62 anos. Se Sócrates nos deu a Filosofia, Aristóteles nos deu a Ciência. Este último entendia que

a certeza sobre o significado de um determinado fenômeno necessita estar apoiada em normas organizadas de pensamento, apontando para critérios de sistematização que caracterizam seu forte funcionamento intelectual e ofereçam base para o desenvolvimento do pensamento científico posteriormente. (CARPIGIANI, 2000 p.21).

Aristóteles trabalha então, de maneira diferenciada de seus mestres, Platão e Sócrates, pois seus estudos eram mais sistematizados, técnicos e classificatórios. Porém da mesma forma que Sócrates e Platão, Aristóteles também pretendeu pensar e compreender a origem e a essência das coisas.

E assim, até a Antigüidade (século III d.C.) os filósofos preocuparam-se em descrever a alma, as sensações humanas, o prazer, a ética e até a morte. Com a forte influência da doutrina cristã, principalmente na cultura grega, a discussão da Filosofia e os exercícios intelectuais sobre o Homem sobreviveram

algemados ao pensamento da Igreja e a forças políticas da Idade Média - séc. V ao XIV. Querendo manipular também o desenvolvimento do saber, os gregos passam a considerar o domínio da razão como um dom de Deus.

Neste momento, por uma rigidez religiosa e política, o esforço do pensamento que vinha sendo desenvolvido desde os pré-socráticos, sofre um redirecionamento. Até o estudo da Medicina, que estava avançando bastante, misturou-se a superstições e dogmas propiciando um retorno à demonologia. O Homem passa a ser visto como um local onde os demônios e os espíritos batalhavam pelo domínio da alma.

Nas épocas seguintes, do Renascimento à Idade Média acontece uma explosão de conhecimento. Segundo Carpigiani (2000) é aí que se podem encontrar as estruturas concretas para o surgimento da Psicologia. Destacarei apenas René Descartes (1596 - 1650) que foi o filósofo que, mais do que qualquer outro, liberou a investigação e o próprio pensamento dos dogmas teológicos e tradicionais rígidos que tinham dominado o pensamento durante séculos e, segundo alguns autores, representa os primórdios da Psicologia Moderna.

Embora o pensamento cartesiano apontasse para um Homem dicotomizado, na realidade algo novo surgia. Descartes trazia um

corpo que não era dominado pela alma, era regido pela matéria física, utilizando-se assim de uma nova visão: a mecanicista. Dizia ele que as operações mentais eram realizadas pela capacidade de pensar, esse passaria a ser o ponto central da mente, desfocando dessa maneira a atenção para o estudo subjetivo da alma. Para Schultz:

A obra de Descartes serviu como o mais importante catalisador para muitas tendências que seriam depois predominantes na Psicologia. As suas concepções sistemáticas de maior importância são a concepção mecanicista do corpo, a teoria de interacionismo mente - corpo, a localização das funções mentais no cérebro e a doutrina das idéias inatas (1992, p.43).

Depois de Descartes, o pensamento científico moderno desenvolveu-se com muita rapidez. No final do século XVII e início do seguinte surgiram novas vertentes de pensamento, tais como o positivismo, o materialismo e o empirismo. Neste período se intensificam os estudos laboratoriais, como por exemplo, da glândula pineal (local supostamente definido como o alojamento das funções mentais tais como o pensamento, a percepção e a memória), dos métodos de sangria, purgação e imersões em água fria ou quente, nos tratamentos das doenças mentais. A partir disso, a primeira estruturação sistemática da Psicologia fica

profundamente amalgamada aos métodos aplicados nos laboratórios de Fisiologia.

No ano de 1879 foi criado o primeiro Instituto de Psicologia Experimental do Mundo, na cidade de Leipzig, Alemanha e seu fundador se chamava Wilhelm Wünder (1832 - 1920). Segundo Carpigiani (2000, p.41) *"com os trabalhos experimentais aí desenvolvidos foi possível articular a aplicação de métodos mais experimentais, tornando a Psicologia uma Ciência autônoma"*.

Para essa escola experimental empírica, conhecida também como Estrutural, a Psicologia se definia como a ciência da experiência imediata; possuindo como objeto de estudo a experiência em si, que acontece antes da reflexão, livre de qualquer interpretação (estavam incluídos aí as sensações, percepções, sentimentos e emoções).

Quando Titchener (1867-1927) leva para os Estados Unidos esses ensinamentos, no início do século XX, ele define a Psicologia como a Ciência da Mente, aquilo que pode ser descrito em termos de fatos observados.

Parte principalmente nos Estados Unidos uma forte corrente de pensamento que discordava do curso da Psicologia vigente. As principais características do surgimento dessa nova linha de

pensamento partiam da oposição ao pensamento Estrutural, dando assim mais importância ao conhecimento do funcionamento da mente. Essa corrente passou a se chamar **Escola Funcional**.

Na realidade esses dissidentes queriam libertar-se das paredes e técnicas dos laboratórios de Fisiologia; eles alegavam que o psicólogo deveria estar onde o homem está, ou seja, nas escolas, nas clínicas, nos hospitais. Em suas pesquisas, William James (1842-1910) - considerado o principal funcionalista - deu ênfase na Biologia, procurando compreender o funcionamento mental das crianças, do deficiente mental, do idoso, inseridos na própria sociedade, não perdendo de vista suas manifestações de necessidades e relações.

As teorias posteriores desenvolvidas na Psicologia passam a ser norteadas pelas linhas filosóficas vigentes nos períodos respectivos, assim como a base filosófica empírica que sustentou por todo tempo de sua existência as Escolas Estrutural e Funcional.

Marcando uma nova fase no percurso do desenvolvimento da Psicologia, surge na Europa, mais precisamente em Viena, Sigmund Freud (1856 - 1939). Com seus estudos sobre inconsciente, esse médico de formação, revoluciona os rumos da



Psicologia e já no início do século XX, nos presenteia com as teorias da Psicanálise.

Historicamente a Psicanálise constitui a primeira das três maiores escolas de Psicologia, sendo o Behaviorismo a segunda e a terceira, a Psicologia Humanista Existencial (apresentadas a seguir).

Importante reconhecer Freud como o criador de uma abordagem psicodinâmica da Psicologia. Isso porque para ele, nada ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais. Há uma causa em cada pensamento; para cada sentimento, há uma relação e uma dinâmica própria entre os diferentes aspectos da nossa personalidade. Desde seus primeiros escritos, a intenção de Freud era entender melhor as facetas obscuras e aparentemente inatingíveis da vida mental.

De acordo com essa teoria, os relacionamentos baseiam-se nos efeitos residuais das primeiras experiências intensas. Os encontros da adolescência e da maturidade, os padrões de amizade ou casamento constituem uma retomada de facetas não resolvidas dos primórdios da infância (FADIMAN e FRAGER, 1979, p. 25).

A visão freudiana a respeito da natureza humana é essencialmente pessimista, determinista, mecanicista e reducionista (COREY, 1983, p.26) Para Freud o homem é determinado por forças irracionais, motivações inconscientes, necessidade e pulsões biológicas e instintivas, e por eventos psicosexuais que se dão durante os primeiros cinco anos de vida.

Os psicanalistas na realidade, acreditam que o indivíduo não é fatalmente determinado pelas experiências da infância e pela dinâmica dos aspectos reprimidos, pois a partir do momento que os aspectos inconscientes da mente se tornam consciente, a pessoa passa a ser capaz de transformar seu futuro. Esse tipo de consciência acontece em termos intelectuais, isto é, o terapeuta faz interpretações e procura, com elas conduzir seu cliente a *insights*<sup>4</sup>.

A Psicologia então segue avançando em seus estudos e, a partir de 1913 novos movimentos criam raízes. Neste ano surge, em contrapartida, o Behaviorismo que propunha um distanciamento

---

<sup>4</sup> Os meios para se atingir a consciência podem ser considerados um dos grandes diferenciais entre Psicanálise e Psicodrama. Se na teoria de Freud essa busca se dá por intermédio do intelectual, do mental, do racional; para Moreno - apresentado logo adiante - o encontro com a consciência e os insights acontecem mais facilmente se a ação for o instrumento principal.

dos estudos da mente ou da consciência para dar ênfase ao comportamento observável.

A proposição básica do Behaviorismo (ou Terapia Comportamental) é a de que o comportamento é regulado e que experimentos cuidadosamente controlados poderão revelar as leis que regem esse comportamento (COREY, 1983, p.151). Essa abordagem não explicita quaisquer suposições filosóficas diretamente relacionadas com a natureza humana. Ela acredita que os seres humanos são essencialmente modelados e determinados por seu meio sócio-cultural. Modificação de comportamento é um conceito chave para essa teoria. Para os adeptos do Behaviorismo, todo comportamento humano é aprendido e se assim o é, ele pode ser controlado.

O profissional que trabalha com essa linha tem o poder, segundo Wolpe (1976, p.24), de intervir racional e previsivelmente sob o comportamento do indivíduo trabalhado, justamente em oposição à postura psicanalítica que mantém seus procedimentos num "processo interior", passivamente, ao invés de trabalhar no próprio comportamento. A finalidade desse trabalho está voltado para os hábitos impróprios, e o profissional procura substituir esses hábitos por outros adaptativos.

Apesar do Behaviorismo ter surgido com John Watson (1878-1958), foi com Skinner (1904-1990) que essa teoria se propagou mais fortemente.

Embora Freud e os teóricos psicodinâmicos estivessem igualmente interessados na base ontológica da ação, Skinner adotou uma posição mais extrema, afirmando que apenas o comportamento pode ser estudado. *"O comportamento pode ser totalmente descrito, isto é, ele é mensurável, observável e perceptível através de instrumentos de medida"* (FADIMAN e FRAGER, 1979, p.193).

Aqui, como só o comportamento pode ser estudado, o caminho para a transformação dos aspectos psicológicos do homem precisa ser atingidos por meio desses comportamentos observáveis. Para os behavioristas, o indivíduo não está bem psicologicamente porque possui hábitos comportamentais que o incomodam. Essa teoria propõe então, através da modelagem de comportamento, que esses hábitos sejam excluídos de seu repertório, isto é, a pessoa observa um novo modelo e é reforçada pela imitação do comportamento do mesmo (COREY, 1983, p.172).

De acordo com os estudos de Skinner, que obtiveram reconhecimento só no final de 1930, tudo é uma questão de

estímulo e resposta; para se obter a resposta comportamental desejada, basta escolher bem o estímulo emitido. Para quem acredita no resumo: Estímulo → Resposta, a criatividade e a espontaneidade não merecem importância. Esse é um outro fator dissímil entre Behaviorismo e Psicodrama (conforme apresentado mais adiante).

Skinner não acreditava que os trabalhos dos artistas ou poetas fossem espontâneos e criativos. Ele costumava fazer a pergunta *"Será que o poeta cria, dá origem, inicia a coisa chamada poema, ou será que seu comportamento é um mero produto de suas histórias genética e ambiental?"* (apud FADIMAN e FRAGER, 1979, p.197). Para ele, a atividade criadora não é diferente das dos outros comportamentos, exceto, de que os elementos que a precedem e determinam são mais obscuros.

A aplicação de técnicas sistematizadas e a verificação experimental são partes essenciais do trabalho do orientador behaviorista. Segundo Fadiman e Frager (1979, p.188) *"O impacto de Skinner na Psicologia provocou o aumento dos programas comportamentais de treinamento"*. Como esse importante pesquisador viveu até 1990, produzindo muitos estudos a esse respeito, a nossa sociedade atual foi e ainda está muito influenciada por ele. Haja vista, a grande quantidade de testes e averiguações numéricas e estatísticas por que passam as nossas

análises psicológicas. Inclusive no contexto esportivo, a onda de avaliações e testes psicológicos crescem entre aqueles que acreditam na premissa: Estímulo→ Resposta, entre aqueles que apostam na modelagem de comportamento como solução. Os testes aqui fundamentados servem muitas vezes, mais como rotuladores de condutas do que de transformação. Assim sendo, pouco espaço sobra para as infinitas possibilidades de que o homem é capaz fazer. Espaço para seu potencial criativo tão fundamental para o Psicodrama.

Corey (1983) levanta algumas críticas sobre essas linhas terapêuticas. Para ele a abordagem comportamental não trata as causas, ela lida superficialmente com os sintomas. Alguns psicanalistas corroboram com esse ponto de vista, avisando que se um grupo de sintomas é removido, há uma grande chance de logo em seguida, ser substituído por outros sintomas. Outra crítica de Corey (1983) é de que o Behaviorismo pode mudar comportamentos mas não os sentimentos.

A questão relacional, fundamental para a compreensão dos conflitos do indivíduo na abordagem psicodramática, nesta teoria, não merece um significado especial. O mesmo acontece com as questões sociais.

Em contra partida, também a essa linha comportamental, cresce na Alemanha desde o final do século XIX, uma corrente chamada **Psicologia da Gestalt**. Criticando todas as escolas existentes, a Gestalt traz uma visão de homem mais ativo do que passivo, um homem mais transformador da sua realidade.

O princípio mais importante da abordagem gestáltica é: *"a análise das partes nunca pode proporcionar uma compreensão do todo, uma vez que o todo é definido pelas interações e interdependências das partes"* (FADIMAM e FRAGER, 1979, p.127). Esses autores procuram esclarecer mais esse conceito abstrato afirmando que as partes divididas não mantêm sua identidade quando estão separadas de sua função e lugar no todo.

Nos Estados Unidos, da década de 1960, ganha força o movimento chamado "a terceira onda" que, em oposição ao Behaviorismo, também americano e a Psicanálise, nos mostra a **Psicologia Humanista**.

Baseada nas correntes filosóficas de Kierkgaard, Husserl, e nos existencialistas Heidegger e Sartre, a Psicologia Humanista aborda o Homem dotado de livre arbítrio com possibilidades de criar-se mais independente de seus condicionamentos (contrapondo-se ao Behaviorismo) ou do seu instinto de vida ou

de morte (duas forças propulsoras do comportamento, conforme afirma a psicanálise).

Com raízes na Psicanálise, na Psicologia Humanista e na Filosofia Fenomenológica e Existencial, concordando com algumas premissas de cada uma delas como o inconsciente e o livre arbítrio dos homens, e acrescentando conceitos advindos do teatro, surge dentro das chamadas Psicologia Humanista, o Psicodrama. Este traria em um dos seus diferenciais a perspectiva da Saúde.

Enquanto na psicanálise a ênfase era dada à manifestação do instinto sexual reprimido no homem, ao comportamento anormal e a dor psíquica, o Psicodrama passa a priorizar a expressão da espontaneidade e da criatividade como prognóstico para a busca da Saúde. Sobre essa vertente da Psicologia será dedicado neste trabalho, um capítulo exclusivo - Capítulo III - para que possa ser melhor explanada e detalhada.

Importante destacar aqui a influência e conseqüentemente a importância da Fenomenologia na formação do Psicodrama. O postulado básico dessa corrente filosófica é a noção de intencionalidade. Ela pretende realizar a superação da dicotomia, razão-experiência no processo de conhecimento, afirmando que toda consciência é intencional. Sob a ótica da Fenomenologia,



não há objeto em si, já que o objeto só existe para um sujeito que lhe dá significado (ARANHA e MARTINS, 1993, p.123). Conhecer é um processo que não acaba nunca, e não é através de uma experiência única ou de uma verificação experimental que se obterá a compreensão humana. A consciência, que o homem tem do mundo, é mais ampla que o mero conhecimento intelectual, pois a consciência é fonte de intencionalidades, não só cognitivas, mas afetivas e práticas.

Heidegger (1889-1976), um dos importantes representantes desse movimento, faz uma crítica ao pensamento analítico que procede por decomposição, enumeração e categorização dos objetos, fragmentando-os. Para recuperar a integridade e a compreensão do Ser, a Fenomenologia, segundo Arranha e Martins (1993), propõe uma relação poética, extra-racional, até mesmo irracional.

Com todas essas contribuições (Psicanálise, Behaviorismo, Gestalt, Psicodrama entre outros), o corpo teórico da Psicologia, como um todo, vem se enriquecendo e conseqüentemente se transformando. Segundo Bastos e Achcar (1994), as tendências atuais da prática da Psicologia parecem estar mais voltadas para enfoques teóricos que deixam de considerar apenas a dimensão intrapessoal.

Parece estar havendo uma reformulação dos esquemas conceituais que embasa a atuação profissional (...) O traço distintivo de tal mudança consiste na busca de compreender o indivíduo e os fenômenos psicológicos de forma integrada a outros fenômenos, especialmente aqueles de cunho social, cultural e político. (BASTOS E ACHCAR, 1994, p. 251).

Com relação a natureza das intervenções, Bastos e Achcar (1994) apontam a necessidade de uma integração de múltiplas perspectivas profissionais. *"O trabalho em equipes multiprofissionais passa a ser um imperativo para que o enfrentamento do problema seja congruente com as múltiplas facetas que ele assume"* (p.254). Acrescentam também esses autores que antes a prática da Psicologia tinha mais um caráter "curativo" e remediativo, mas a tendência agora pede uma ação preventiva e prospectiva. O compromisso e a preocupação do profissional de Psicologia que, anteriormente, estavam mais voltadas para o atendimento das necessidades individuais, agora, se estende, buscando além disso, um engajamento pela transformação social.

Em termos de panorama nacional, Rocha Júnior (2000, p.94) nos conta que embora a Associação Brasileira dos Psicólogos já existisse no Rio de Janeiro desde 1954, a prática de tal Ciência

era voltada mais para as instituições, para as doenças mentais e ao ajustamento educacional.

O trabalho em consultórios se encontrava, ainda naquele momento, em período embrionário pois os cursos de Psicologia no País eram inexistentes. Somente em 1960 é que surge a primeira turma de Psicologia formada pela PUC do Rio de Janeiro. Apesar desse episódio, na prática a Psicologia no Brasil só foi regulamentada em 1962, criando assim a profissão de Psicólogo.

Segundo Rocha Júnior (2000, p.94), devido a problemas políticos vigentes no país neste período, mais especificamente com o golpe militar de 1964 e a instalação de um regime repressivo, o avanço da Psicologia e suas conquistas foram logo retardadas.

Por volta de 1970 novos cursos universitários da área surgem mas com a falta de controle de qualidade de ensino, muitos profissionais saem para o mercado de trabalho com uma formação precária e limitada. Com o tempo e com a transformação político-educacional do Brasil, a carreira de Psicólogo passa a ser melhor reconhecida pela sociedade, conforme afirma Rocha Júnior (2000, p.103).

Desde o final do século XX o mercado de trabalho cresce, extrapola as fronteiras das áreas mais tradicionais (Educativa,

Institucional e Clínica), abrindo novos e propulsores campos de atuação, como a Psicologia Jurídica, A Psicologia do Marketing, e a Psicologia do Esporte, destaque e razão dessa dissertação.

### QUE ESPORTE É ESSE?

Tendo caminhado pela busca da compreensão da alma, da mente e até dos sentimentos, proponho agora aproveitar as "margens" filosóficas e sociológicas que orientaram o nascimento da Psicologia, e a partir deste veio, visualizar que Esporte é esse que tomei como referência. Sendo assim, foram trazidos neste final de capítulo alguns autores, através de seus textos, que enfocam criticamente o Esporte numa perspectiva das ciências sociais e humanas.

Mereceram destaque também, sociólogos e pesquisadores sociais que, tendo uma visão de vanguarda da sociedade como um todo, vão corroborar e acolher o Esporte que quero trazer como "opção de jogo" para esse início de terceiro milênio.

Pensando no Esporte Moderno, é possível encontrar sua gênese na Europa, por volta do século XVIII quando os jogos com bola, os jogos populares e as atividades corporais surgiam por entre a

nobreza inglesa. Com o processo de industrialização, principalmente, esses jogos sofreram um declínio. As novas exigências para uma formação de uma sociedade urbanizada e uma certa pressão exercida pelo poder público da época fizeram com que os jogos tradicionais perdessem boa parte da sua função original, isto é, sua forte ligação com as festas de colheita, festas religiosas, etc. (BRACHT, 1997).

Distanciando-se dessa origem e sendo obrigada a aderir a ideologia vigente, a partir do início do século XX, a prática esportiva passa a ser regida pelo poder político, social e cultural da época<sup>5</sup>.

Bracht (1997) revela que, embora seja incontestável que no século passado o mundo foi acometido pelo "boom" esportivo, com seu crescimento acelerado nos cinco continentes do planeta, surgiram algumas vozes, principalmente no meio acadêmico, expressando dúvidas quanto aos valores humanos e sociais deste fenômeno e é justamente essa vertente que quero destacar aqui.

---

<sup>5</sup> O desenvolvimento histórico do Esporte, desde seu surgimento até os dias atuais não será abordado com detalhes nesta dissertação (diferente do que foi feito com a Psicologia). A prioridade volta-se para a discussão da influencia dos aspectos sociais e culturais na formação do Esporte, em determinados momentos da nossa sociedade.

Autores como Eichberg e Rigauer (apud BRACHT, 1997, p.11) entendem que alguns princípios que passaram a reger a sociedade capitalista industrial acabaram sendo incorporados pelo Esporte, como foi o caso do princípio do rendimento.

Concordo com esses autores quando percebo, no pensamento e no dia-a-dia dos atletas que atendo, os lemas do capitalismo: "Que bom que eu produzi mais do que ele"; "o que importa é chegar antes dele"; "sou melhor porque apareço mais" ou "consegui porque sou mais poderoso do que ele". Esse tipo de pensamento pode ser mesmo fruto da visão mercantilista que se apossou do Esporte principalmente após 1970.

E o Esporte de alto rendimento inflou tanto sob essa égide que absorveu e sobrepujou, a outra vertente do Esporte, conhecida como Lazer, criando pseudo-necessidades como, por exemplo, consumo exagerado de material esportivo específico para cada tipo de prática lúdica; propaganda e divulgação em massa de lugares intactos e belos da natureza para a exploração de caminhadas, escaladas, canoagem, etc.

Vale esclarecer nesse momento a questão das diferentes expressões esportivas. Embora tenham acontecido inúmeras tentativas de classificar ou separar didaticamente as manifestações do Esporte, inclusive incorporado pela

Constituição Federal de 1988 que dividia o Esporte em três tipos (performance, participação e educação), compartilho com Bracht (1997, p.12) quando ele nos mostra que o Esporte, na realidade, possui uma manifestação dual. Ou se toma o Esporte como um Espetáculo, um complemento para a expressão de "alto-rendimento"; ou como uma atividade de Lazer. É excluído o termo Esporte-Educação ou Esporte-Educacional porque qualquer expressão esportiva carrega em si um cunho educativo, isto é, *"toda prática esportiva é educacional, mesmo que num sentido diverso da nossa concepção de Educação."* (BRACHT, 1997, p.12).

Retomando a questão da dominância do Esporte de alto rendimento sobre o Esporte como atividade de Lazer e esse primeiro sofrendo a forte influência do regime mercantilista, pode-se imaginar então, a sombra do capitalismo pairando por tudo o que se entende ser Esporte.

Essa sombra, acredito, acabou trazendo, dois problemas. Em primeiro lugar uma névoa sob o olhar de alguns praticantes e espectadores, sobre o que é realmente uma prática esportiva, encobrendo valores sociais e humanos do Esporte.

Em segundo lugar, essa falta de "Sol" ou luz (devido a sombra), sofrida por uma parcela do Esporte, pode ter sido responsável pela "esfriada" nos ânimos de alguns novos atletas que desejavam

entrar no time do Esporte. Um time onde muitos poderiam jogar; os menos rápidos - mas talvez bem estratégicos; os mais baixos - mas com chances de se tornarem excelentes líderes de grupo; as mulheres com medo do confronto físico - mas com uma persistência invejável; os quartos lugares; e tantos outros que não caberiam aqui listá-los.

É preciso elucidar que não se trata de uma visão piedosa ou caridosa num sentido piegas, mas sim ver o Esporte sem os contornos impostos por essa sombra. A faixa que separa os praticantes dos não praticantes precisa ser redimensionada ou revista. Que o Sol/luz que faz o Esporte brilhar e ser admirado por tantos, não deixe aqueles que poderiam vibrar com ele ficarem na margem, permitindo luz e calor somente para alguns privilegiados<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup>Outra questão que também me incomoda: a evasão esportiva. Não seria ela formada por elementos que não suportaram a "sombra" e o desprezo daqueles privilegiados? Será que nesta fatia, não se encontram atletas que não aguentaram a pressão psicológica e por falta de preparo e assistência especializada, viram-se "obrigados" a abandonar o Esporte? Penso que se esses atletas (e seus respectivos pais...) tivessem tido oportunidade de compreender melhor "o jogo" tendo um bom acompanhamento psicológico, talvez pudessem estar ainda aproveitando os benefícios dessa prática.



Irônico pode parecer mas, continuando nesta metáfora, esse Sol forte que ilumina e colore o Esporte realmente não é para todos. A oportunidade deveria ser para todos, mas a prática não é necessária para todos. Deveria ser para todos que desejam, mas nem todos estão inclinados a ficarem "bronzeados". Esse Sol doura mas exige cuidados, renúncias e desapegos que nem todos estão dispostos a atendê-los. Nem todos querem, nem todos precisam passar por esse "jogo" para se sentirem vitoriosos. Esse endeusamento do Esporte também pode ser causado pela própria névoa interesseira, ávida por mais adeptos inveterados.

Acredito que a prática esportiva seja um grande instrumento para encontrar essa sensação importantíssima - de vitória -, mas não é o único. Vários outros podem nos conduzir ao sucesso; como por exemplo a dedicação à arte, à música, ao bom trabalho, ao convívio com a família, etc. Na minha experiência profissional encontrei vários atletas que, talvez envoltos por essa névoa sombria que endeusa e privilegia poucos, insistiam com suas raquetes pesadas e seus tênis incômodos buscar o sucesso através do Esporte, sem dar espaço para outros "jogos": com a música, a pintura, o convívio com os amigos, etc.

Levantar agora os prejuízos que o Esporte sofreu - e sofre! - por estar a mercê da ideologia capitalista e mercantilista, torna-se, a meu ver, inoportuno e desnecessário. Vários estudiosos da área

já comprovaram tais danos e por isso, pareceu-me um tanto repetitivo continuar descrevendo as conseqüências dessas influências, embora reconheça a importância desse conhecimento para a conscientização dessa prática.

Se Bracht (1997) aponta dois diferentes códigos utilizados na prática esportiva<sup>7</sup>, é porque não existe um único cravado naquilo que se chama Esporte. A saúde, o prazer e a sociabilidade podem ser A regra do jogo, basta que um outro valor ou interesse surja na nossa sociedade.

Quando Huizinga afirma que *"seja qual for a sua importância para os jogadores e os espectadores, ele - o Esporte - é sempre estéril, pois nele o velho fator lúdico sofreu uma atrofia quase completa."* (apud Bracht, 1997, p.19), vejo uma brecha de luz na fresta que antagoniza o "sempre" e o "quase". Criticado também por Bracht, discordo que o Esporte é sempre estéril. Conheço atividades esportivas (Esportes Adaptados, Esportes para Terceira Idade e até para Gestantes) que muitos frutos transformadores e positivos geram em seus participantes.

---

<sup>7</sup> *"o esporte espetáculo é pautado pelos códigos da Vitória-derrota, da maximização do rendimento e da racionalização dos meios. (...) No Esporte como atividade de lazer, outros códigos apresentam-se como relevantes e capazes de orientar a ação. Por exemplo, motivos ligados à saúde, ao prazer e a sociabilidade"* (Bracht, 1997, p.15).

Estou ciente que existem algumas práticas esportivas estéreis, mas elas não são a totalidade e isso impede de torná-la uma definição absoluta. E quanto ao "quase", o que seria do "tudo" e do "para sempre", se o "quase" não existisse! Se o "quase completa" existe, há uma porcentagem, mesmo que pequena, de algo ainda incompleto. Quem de nós pode saber o que lá germinará? Depende das sementes que forem lançadas, nesta nesga de espaço<sup>8</sup>.

Proponho também, neste capítulo, uma re-leitura - assim como Bracht (1997) também o fez - de alguns textos de cunho mais marxistas que insistiam (ou ainda insistem) em atrelar a leitura de uma sociedade oprimida pelo sistema à prática esportiva, deixando pouco espaço para que ela se regenere. Reunidos em Bracht (1997), autores franceses e alemães influenciados pela Escola de Frankfurt, transparecem em suas análises do Esporte, críticas severas, como por exemplo:

- Tanto o Esporte de rendimento quanto o Esporte de lazer desviam a agressividade potencial das suas origens sociais para as ações esportivas. (p.28).
- ... diluem-se as energias necessárias para uma transformação das condições societárias, que são assim inibidas e não acontecem. (p.28).

---

<sup>8</sup> Convém se valer da lenda, lembrada por Santin (1995, p.24) onde "Se é bom ou se é mal, só o fruto dirá".

- ... o intensivo engajamento no esporte provocaria um desinteresse político. (p.29).
- ... o esporte de alto rendimento desenvolveu um ritual que reforça o comportamento e pensamento nacionalista exacerbado. Assim, as injustiças sociais podem ser compensadas por uma identificação com a nação no contexto do confronto esportivo internacional. (p.30).
- Na prática do esporte são compensados fracassos sociais e psíquicos (p.32).

Não seria possível trocar essas afirmações por possibilidades para assim abrir brechas e desvelar um lado positivo da prática esportiva? Ou pelo menos datar essas afirmações (que têm o seu grau de verdade, não se pode negar), no sentido de limitar a declaração, por exemplo: "Hoje, ou ontem, foi assim...", mas amanhã pode não ser mais; isso significa que não permanecerá sempre assim. Não faz parte da essência - do Esporte - e sim da contingência: local e momentânea!

Huizinga entende que *"o Esporte corrompe uma das características fundamentais do jogo que é a espontaneidade"* (1996, p.219). Amante e defensor do Esporte e do jogo, o professor não deixou, nesta frase, um feixe de luz. Assim como Bracht (1997) que criticou esse modo de abordar o Esporte, eu também não o vejo dessa maneira. Admito que a prática rotineira

e desconectada do prazer vital, distancia o homem dessa característica tão essencial para a sobrevivência que é a Espontaneidade<sup>9</sup>, mas atribuir ao Esporte a total responsabilidade pelo seu distanciamento, acredito ser uma visão parcial e pessimista.

Tudo aquilo que "pode ser", não "é" por essência. O esporte, mais uma vez, pode ser responsável por esse deterioramento, mas não o é, em seu perfil inicial.

Por que tender para o lado mais negativo, se há um outro mais próspero e com melhores perspectivas?<sup>10</sup> O que "pode ser", genial e felizmente, pode também "não ser". Onde cabe o "pode ser", sobra um espaço para o "não ser". Eu escolho acreditar no bom que o Esporte proporciona, se não, por que estar aqui?

Encontrei ressonâncias em Bracht (1997) nesta minha maneira de perceber as influências sofridas pelo Esporte. Quando Bracht (1997, p.74) cita Foucault pode-se perceber a intenção de ambos em destacar faces positivas do Esporte, afirma ele: *"O poder não*

---

<sup>9</sup> No Capítulo III será destacada a **Espontaneidade** como um dos pontos cruciais para o desenvolvimento da saúde, segundo o criador do Psicodrama.

<sup>10</sup> Vale a pena consultar um artigo que escrevi intitulado "Por que, às vezes, deixamos de ser otimistas?" (FRANCO, 2000a, p.79). Estudos explicam o porque dessa tendência onde o pessimismo não é algo inerente à condição humana mas sim uma influência cultural e da sociedade ao longo dos tempos.

*só disciplina o corpo no sentido "negativo" da repressão, mas também, no sentido "positivo" da manipulação/estimulação, e que a força nada frágil do poder, não serve só para reprimir, mas para despertar o desejo e o saber."*

Mas se o poder público, que tem sido em muitos momentos, injusto e corrompido, se a dominação do capitalismo egoísta e a "lei do Gerson"<sup>11</sup> estiveram presentes no século XX, quem pode afirmar que eles vão permanecer neste terceiro milênio?

Se o Esporte é regido ou influenciado pela sociedade vigente, disso não tenho réstia de dúvida, por que essa sociedade não pode ter seus valores transformados (ou recuperados), e estar apoiados em novos paradigmas?

Para traçar perspectivas do Esporte para esse século XXI que estamos iniciando, Tubino (1993, p.125) entende como necessário uma análise do contexto atual de sociedade como fundamento para um estudo de tendências. Concordo plenamente, querendo destacar então a tendência dessa nossa nova sociedade do terceiro milênio. Em que valores ela estará apoiada? Para responder isso trago alguns autores que a vislumbram.

---

<sup>11</sup> Aquela "máxima" proferida pelo senso comum que queria dizer "Tirar vantagem, PARA SI, de tudo".

Segundo Leonard, o momento é de rever alguns conceitos que precisam ser re-denominados. Para ele:

Há sinais de uma redução no ritmo do progresso conseguido a partir dos presentes modelos de tecnologia e definições de realidade. (...) O fim de nosso atual impulso tecnológico não significa o fim de nossa jornada evolutiva; mas implica em redefinirmos o que é "progresso". (LEONARD, 1999, p.223).

Para Migliori, Educadora e Diretora do Instituto de Estudos do Futuro:

Os novos paradigmas nos sugerem a visão de integração, da complexidade e da complementaridade. (...) A diversidade é essencial à integração e a Paz é o resultado da harmonia na diversidade. É a substituição do julgamento pelo discernimento (MIGLIORI, 1998, p.31).

Interessante notar que nessa transformação de paradigmas, de resgate de valores essenciais para convivência humana, a iniciativa não deve partir dos países mais adiantados culturalmente, daqueles que pertencem ao chamado "primeiro mundo". Para espanto de alguns acomodados, não são esses, necessariamente, que irão desencadear a mudança. Ela pode brotar no cerne de qualquer nação incomodada e criativa. Aquela

que sabe que precisa mudar e começa a fazer a sua parte. Neste sentido, Cristovam Buarque alerta:

O Brasil carrega toda a tragédia e toda a potencialidade do final do século XX. E está descobrindo a necessidade de mudança.(...) o Brasil tem todos os ingredientes da crise de sua alternativa. Por isso, pode ser o local onde uma nova modernidade ética poderá surgir. (BUARQUE, 1999, p.38).

E há quem concorde com ele. Quando foi perguntado a Leonardo Boff, por ocasião dos 500 anos de Brasil, "Que Brasil queremos?" ele respondeu que caberia à intelectualidade lúcida e generosa e, principalmente, à universidade reforçar e garantir os novos horizontes para a Sociedade. E acrescentou:

O Brasil é um país de grandes sonhos, esperanças enarredáveis e utopias generosas.(...) Talvez seja esta visão encantada do mundo, uma das maiores contribuições que os brasileiros podem dar à cultura mundial emergente. A universidade deve constituir-se num laboratório onde esta alquimia social se reforça e se universaliza, alimentando um horizonte utópico promissor, na convicção compartilhada de que ainda temos todas as condições de encontrarmos nosso caminho de realização na sociedade.(...) rumo a uma justiça mínima para todos, um cuidado essencial com a Vida (BOFF, 2000, p.94).



Quando Gadotti (2000) cita a carta da Ecopedagogia:

Educar para a cidadania planetária supõe o desenvolvimento de novas capacidades tais como sentir, vibrar emocionalmente; imaginar, inventar, criar e recriar; relacionar e inter-conectar-se, auto-organizar-se; (...) buscar causas e prever conseqüências; criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões. (2000, p.185).

Por um acaso existe algum item desses que não pode ser vivido no Esporte? Não seria o Esporte, também, um grande campo de prática da educação para cidadania?

Posso citar o ponto de vista de outro Educador, Professor emérito, da nossa própria casa - UNICAMP, Dr. Ubiratan D`Ambrosio. Ele descreve no início de um dos seus trabalhos (2000, p.227), as atrocidades que são cometidas quando uma sociedade ou um grupo começa a repetir atitudes e comportamentos que prejudicam ou pervertem a própria sobrevivência humana sem consciência daquilo que está fazendo. Determinadas condutas nocivas são "defendidas" ferozmente e repetidas pelo simples poder envolvente da imitação.

Se for necessário expandir além da visão vinda de educadores e filósofos, é possível encontrar ressonâncias também em outros contextos. Henderson, uma pioneira visionária do novo

pensamento econômico mundial, vem pesquisando nesses últimos anos, o potencial positivo dos grupos, dos movimentos e associações, tanto para a inovação social como para o desenvolvimento da ética e das sociedades humanas. Ela relata em seu livro "Construindo um mundo onde todos ganhem" que a comunidade dos negócios começa a edificar pontes. (HENDERSON, 1998, p.330). Pontes no sentido de aproximações mais respeitadas, cooperativas e justas.

Os estudos de Henderson são apoiados também na força das organizações de grupos, cada vez mais crescentes, para a transformação dos valores de uma sociedade. Muitas ONGs puderam, ao longo de suas jornadas, mobilizar grupos e segmentos significativos de pessoas para importantes reflexões exigindo, de alguma maneira, re-direcionamentos de conduta e posicionamentos mais coerentes. Isso porque

Organizações de cidadãos constituem um recurso social inestimável, oferecendo novos paradigmas a sociedades agarradas a velhos costumes ou aprisionadas, como as sociedades industrializadas, a hábitos e a tecnologia de produção e consumo desperdiçadoras, que estão se comprovando não-sustentáveis (HENDERSON, 1998, p.152).

E esse tipo de movimento tem aumentado muito nos últimos anos<sup>12</sup> e acompanhando esse crescimento a sociedade vai evoluindo. Para essa economista *"À medida que a mudança global se acelera, os inovadores sociais que tem, pacientemente, "arado os campos" no ativismo popular estão ficando mais visíveis."* (HENDERSON, 1998, p.340).

Mas por que entrar no campo da ética, da consciência planetária, dos movimentos populares se o tema é o Esporte? Tratar cientificamente questões relativas ao Esporte e seus delineamentos precisam passar pela consciência dos valores humanos? Para Capra (1982), *"contrariamente às crenças convencionais, os sistemas de valores e a ética não são periféricos em relação à Ciência e à Tecnologia, mas constituem sua própria base e força propulsora."* (p.387). Daí então, a razão de abordá-los com tanta ênfase.

Do ponto de vista da ação das organizações, o administrador de empresas, Esteves, assegura:

Podemos escolher o nosso jeito de ser. Se escolhermos alimentar uma imagem rude e inumana, superficial e asséptica, para escrever - e descrever - a realidade dos

---

<sup>12</sup> Em 1909 existiam 176 ONGs. De 1994 a 95, existiam 36.486 organizações internacionais em um número proliferante de categorias. Fonte: *Yearbook of International Organization* (HENDERSON, 1998, p.152).

negócios, será assim que ela se imporá para nós e para a rede de relações que ativamos no nosso cotidiano. Se escolhermos a exclusão, por exemplo, haverá exclusão. E se escolhermos a inclusão, haverá inclusão. Inclusão também para nós mesmos (ESTEVEVES, 2000 p.15).

Segundo Dieguez (apud BRACHT, 1997, p.50) são três os caminhos possíveis para se atingir a verdade:

1. A postura neurótica - adota-se para combater o sistema, sem conseguir sucesso, posto que ele é mais forte;
2. A postura alienada - tentativa de ignorar todos os problemas e envolvimento;
3. A postura cínica - daqueles que conhece todas as injunções e se filia ao sistema para dele tirar proveito.

Na minha humilde pretensão, sugiro uma quarta, acrescentando A postura Amorosa - adotada por aqueles que, sabendo que são fortes a utilizam - não para ser usada contra o poder - para compreenderem melhor o sistema e, antes de tirarem proveito exclusivo para si; amorosamente, acreditam encontrar saídas onde o proveito seja compartilhado.

E a prática esportiva pode ser um instrumento valioso para o encontro com a Verdade. Assim como falou Carlos Rodrigues Brandão quando proferiu sua palestra sobre a "Socialização no

Esporte": *"crítico só pode ser um sujeito amoroso, ou seja, aquele que está em condições de perceber afetivamente o drama do Mundo"* (apud BRACHT, 1997 p.37). Quem é amoroso é otimista ou pelo menos esperançoso.

Valendo-me também das palavras de Kierkegaard (1813-1855), *"o que falta à nossa época<sup>13</sup> não é a reflexão, mas a paixão."* (apud SANTIN, 1995, p.23), quero deixar aqui essa minha visão de Esporte. Um Esporte apaixonante. Um Esporte que conduz seus praticantes para mais próximos da Verdade, mais próximos de si mesmos, mais próximos uns dos outros.

Concordo com Lynch e Al Huang quando eles ampliam o propósito do Esporte dizendo que as pessoas agora estão começando a buscar modos de reestruturar seus pontos de vista, atitudes e crenças a respeito dos Esportes. Confirmam eles

Essa nova mudança de consciência contribui para que Esportes e exercícios sejam vistos como arenas não apenas da exploração de potenciais atléticos e crescimento físico, mas também de aceitação dos desafios interiores e a recompensa é profundamente particular e pessoal (LYNCH e AL HUANG, 2000, p.13).

---

<sup>13</sup> Embora a sua "época" se refira a séculos passados, acredito ser plenamente coerente com a necessidade do nosso.

A abordagem taoísta do Esporte, segundo Lynch e Al Huang (2000), acredita no "corpo que pensa e na mente que dança". Noutra publicação essa mesma dupla de autores, Lynch e Al Huang, explicam que o paradoxo, típico do taoísmo<sup>14</sup>, sugere essa metáfora para que as mentes sejam abertas e novos estados de consciência possam emergir:

O corpo que pensa é um corpo que não deixa a inteligência interferir tanto e dá espaço para o instinto. E a mente que dança, é aquela que flutua, que esquece da auto-crítica e se abre para as possibilidades humanas (AL HUANG e LINCH, 1992, p.20).

Brotto (1997) autor do lema "*Se o importante é competir, o fundamental é cooperar*", vê o Esporte como um jogo de convivência e descoberta das incríveis possibilidades humanas para atender aos diferentes desafios apresentados no momento. E acrescenta: "*Exatamente por existir um manancial tão vasto de possibilidades para participar do Esporte, aumenta a responsabilidade por escolher e decidir jogar COM ou jogar CONTRA os outros.*" (BROTTO, 1999, p.101).

---

<sup>14</sup> Filosofia oriental baseada nos escritos do Tao Te Ching. O símbolo da caligrafia chinesa é composto por uma cabeça, significando sabedoria; e um pé, significando caminhar, que traduzido quer dizer andar no caminho da sabedoria.

Para esse autor, o Esporte orientado pela consciência da cooperação, incentiva a inclusão de todos e oferece muitas possibilidades de participação. Ele inclusive aponta, em seu trabalho, maneiras de se jogar, cooperativamente, jogos competitivos, bastando apenas um redirecionamento no olhar e nas condutas esportivas.

Para Leonard (1999), professor e faixa preta terceiro grau de Aikidô, pode-se muito bem descobrir que a atividade esportiva e a educação física, reformadas e renovadas, podem nos oferecer o melhor caminho possível para a transformação pessoal e social de nossa época. Ele afirma isso porque percebe que nos esportes, a vitória transformou-se num meio de vida que nos impede de vislumbrar outras possibilidades. *"Sob a forte pressão pela vitória imediata, perderam-se os ideais de esportividade e os próprios esportes correm o risco de se tornar mero entretenimento."* (LEONARD, 1999. p.30).

Entendo que o Esporte atual, isto é, uma parte do que tem aparecido na mídia, revela uma apologia a "violência que dá vantagens", um incentivo a "rivalidade socialmente aceita", uma ilusão de "dopping camuflado", enfim, uma prática sem ética. Esses "ensinamentos" precisam ser abolidos porque na realidade

não conduzem a uma prática saudável<sup>15</sup>, muito pelo contrário, tem trazido conseqüências bastante maléficas ao Homem.

Hoje já podemos estar assistindo a uma certa estabilização no espetacular aumento de desempenho atlético, como se os aperfeiçoamentos possíveis por meio da presente tecnologia já tivessem cumprido sua missão. Alguns especialistas esportivos agora supõem que os futuros aperfeiçoamentos deverão implicar mais fatores mentais ou psicológicos do que físicos (LEONARD, 1999, p.234). As palavras de Leonard corroboram com essa idéia:

Fatores "não físicos", naturalmente, sempre desempenharam um papel central na grandeza atlética. Quando nos esportes, os aspectos "da mente" receberem mais atenção e quando se permitir que os aspectos "místicos" saiam do porão para emergir à plena consciência, então será possível que novas equipes esportivas se tornem corriqueiras (LEONARD, 1999, p.234).

---

<sup>15</sup> Saudável justamente no sentido moreniano ou psicodramático (apresentado posteriormente no capítulo exclusivo do Psicodrama) que destaca a necessidade da coerência entre a ação e o desejo, a importância da aproximação harmônica entre as pessoas. Se isso não é considerado, alerta essa corrente psicológica, acontece uma separação, a pessoa se distancia dela mesma e há uma quebra no desenvolvimento desse ser; nesses termos, ela não poderá alcançar a Saúde, o bem estar e conseqüentemente o prazer.



Esse professor, Doutor em Ciências Humanas e Presidente da Associação Americana de Psicologia Humanística, traçou o seguinte perfil daquilo que ele chama de Atletas dos atletas (1999, p.135):

- Quem realiza a união de corpo, mente e espírito na dança da existência;
- Quem explora tanto o seu interior como o exterior;
- Quem ultrapassa limitações e atravessa fronteiras no processo de transformação pessoal e social;
- Quem participa do jogo maior, o jogo dos jogos, com plena consciência, cômico da vida e da morte, e aceitando de bom grado tanto a dor como a alegria que essa consciência traz;
- Quem, afinal, melhor serve de modelo e guia em nossa jornada evolutiva.

Esse perfil é uma das opções para aqueles que desejam praticar um Esporte de maneira ampla e até diria, ilimitada. Acredito num Esporte que dá espaço para a criatividade, numa prática onde, como já relembrou o famoso jornalista e amante do Esporte, Arthur da Távola (1985), os jogadores são mais importantes que o jogo.

Se o Esporte começou também atrelado ao lúdico, onde os jogos populares encantavam e divertiam as festas dos nobres ingleses, conforme citei no início desse sub-capítulo, porque não acreditar

(e lutar!), para que ele retome essa característica tão importante de alegrar, alegrar a muitos, alegrar nós, os "nobres" e os "plebeus" do século XXI!

Só permaneço trabalhando com o Esporte porque me vejo entrando neste terceiro milênio com a certeza de que a força opressora do então Capitalismo que pairou (ou paira?!?) sobre o Esporte gerou frutos e tende agora a se transformar.

Sem caos, não há ordem. Um Esporte livre de influências negativas desse passado pode ser vislumbrado porque se hoje eu fizer da minha realidade um lugar onde haja mais coerência e consciência, o Esporte de amanhã vai ter um passado muito melhor para se ancorar.

## II. A PSICOLOGIA DO ESPORTE

*"...mesmo neste mundo altamente competitivo, eu descobri que quando se solta os jogadores para que possam usar todos os seus recursos- mentais, físicos e espirituais- ocorre uma mudança no discernimento.(....) Para mim, basquete é uma expressão da Vida, um fio único, às vezes brilhante, que reflete o todo.(....) O truque é experimentar cada momento com a mente clara e um coração aberto. Quando você faz isso, o jogo, e a vida, tomam conta de si mesmos."*

*Phil Jackson em "Cestas Sagradas"*

Chega o momento de aproximar Psicologia e Esporte. Neste capítulo irei dialogar com diversos profissionais da área da PE, professores de Educação Física, Psicólogos e estudiosos que muito têm contribuído para que essa discussão acelere e fortifique os avanços dessa jovem Ciência do Esporte.

Em termos mundiais, pode-se perceber os primeiros indícios da aproximação da Psicologia com o Esporte já em 1896 quando o alemão Karl Groos se referia aos aspectos emocionais que surgem nos jogos, como treino para a vida diária (FELIU, 1997). No início, não se pensava numa Ciência específica com seu corpo

teórico particular como hoje vemos a Psicologia do Esporte. Aproximar estas duas áreas era, muitas vezes, um exercício filosófico.

Temos como exemplo, ainda em 1899, os estudos de Scripture da Universidade de Yale que traçava um paralelo entre prática esportiva e formação da personalidade. Segundo esse autor, o caráter do indivíduo poderia ser desenvolvido através do Esporte (BURITI, 1997).

No início do século XX várias pesquisas abordavam as vantagens da prática esportiva, ou de alguma atividade física, para o desenvolvimento do ser humano como um todo, mas conforme afirma Buriti (1997) tratavam-se de trabalhos de natureza filosófica ou sócio-psicológicas.

É possível citar alguns outros exemplos como o artigo publicado em 1903 no *American Journal of Psychology* onde se afirmava que o jogo de futebol americano era um veículo de liberação de fortes emoções; ou o trabalho de Shulte que em 1921, desvela a alma existente no Esporte, com a publicação "Corpo e Alma no Desporto" (FELIU, 1997).

Os motivos que levaram Psicologia e Esporte a se aproximarem ainda são polêmicos. Alguns autores explicam que a procura

partiu do Esporte e outros afirmam que foi a Psicologia que foi ao encontro do Esporte. Se essa polêmica parece em certos momentos uma questão irrelevante, mais adiante dessa dissertação, por ocasião da discussão dos novos caminhos da PE, ficará mais visível a necessidade desses esclarecimentos. Como não se tem, de fato, uma resposta mais conclusiva, as frestas da incerteza permanecem abertas e podem dar margem a tendenciosas interpretações.

O fato é que Psicologia e Esporte se encontraram, e justo seria compreender que essa aproximação muito vem contribuindo, tanto para o desenvolvimento da prática esportiva como também para o aperfeiçoamento dos aspectos psicológicos do Homem.

### OS CAMINHOS PERCORRIDOS

No início das pesquisas científicas em PE, o tema girava em torno de aprendizagem motora e tempo de reação. De acordo com as pesquisas de Feliu (1997), as raízes científicas da PE estão na Psicologia Experimental onde, a partir de 1879, ensaios teóricos eram estimulados pela necessidade de se melhorar o desempenho dos atletas no contexto competitivo. De acordo com a Tabela 1, é

possível acompanhar o caminho científico percorrido pela PE no início de 1900 na Europa e EUA.

<b>Os Primeiros e Principais estudos relacionados com PE publicados na Europa:</b>	
1901	➤ Jusserand publica um livro sobre Psicologia do futebol;
1913	➤ Benary finalizou sua tese de Doutorado sobre "A teoria psicológica do Esporte";
1913	➤ Barão de Coubertin publica "Ensaio sobre Psicologia do Esporte".
<b>Os Primeiros e Principais estudos relacionados com PE publicados nos Estados Unidos:</b>	
1898	➤ Triplett estuda os efeitos da presença de outros competidores em competição de ciclismo;
1900	➤ Scripture investiga os efeitos da prática esportiva em características de personalidade em crianças de um reformatório;
1903	➤ Krohn destaca o valor da Psicologia na preparação do professor de Educação Física.

Tab. 1. Os Primeiros e Principais estudos relacionados com PE publicados na Europa e nos Estados Unidos. Baseada em FELIU, 1997, p. 18.

Embora tenha sido considerada a Alemanha um dos três países "berço da PE", é nos dois outros - antiga URSS e os EUA - que despontam seus precursores. A partir de 1920 destacam-se os trabalhos dos psicólogos considerados Pais da Psicologia do Esporte:

- Na antiga Rússia: Alexander Puni e Peter Rudik fundam o primeiro laboratório de pesquisas em Psicologia do Esporte - Berlim, 1920.
- Nos Estados Unidos: Coleman Griffith, psicólogo, que introduziu em 1925 na Universidade de Illinois o primeiro curso de PE na América do Norte. No ano seguinte já começa a ser publicado seus livros onde o interesse maior era pelo aprendizado esportivo (FELIU, 1997, p.20).

No período de 1950-1965 as pesquisas tornam-se mais empíricas e novos tipos de perguntas são formuladas, como por exemplo, o desenvolvimento de estudos da personalidade do atleta. É só em 1965 que os profissionais envolvidos na área conseguem se organizar e apresentar, perante a comunidade científica, o nascimento desta Ciência do Esporte chamada Psicologia do Esporte.

Acontece nesta ocasião o I Congresso Internacional de P.E. em Roma, evento esse que marca então, o reconhecimento oficial da PE como um novo âmbito de aplicação da Psicologia<sup>16</sup>.

Não se pode negar o valor histórico deste congresso, para a PE, porém Feliu relata em seu livro que as atas desse congresso mostram uma grande dispersão conceitual e metodológica, por isso afirma ele: "*esse evento teve uma importância muito mais sociológica do que científica*" (FELIU, 1997, p. 24).

Observe na Tabela 2<sup>17</sup>, as datas e locais dos Congressos Mundiais promovidos pelo *International Society of Sport Psychology - ISSP*.

Em termos de entidades científicas, a Psicologia do Esporte conta com (FELIU, 1997, p.25):

- "*International Society of Sport Psychology*" - ISSP, instaurada desde o I Congresso Mundial em 1965.
- "*Federation Européenne de la Psychologie du Sport et des Activités Corporelles*" - FEPSAC, fundada em 1968.

---

<sup>16</sup> Outra fonte (BECKER Jr, 2000, p. 25) aponta que o I Congresso Internacional de Psicologia e Fisiologia do Esporte aconteceu já em 1913, por iniciativa do Barão de Coubertin, promovido pelo Comitê Olímpico Internacional em Lausane, Suíça. Porém, conforme afirma o autor, há pouca informação sobre as repercussões desse evento e sobre a qualificação de seus conferencistas.



- *"Associazione Italiana di Psicologia dello Sport"* - 1965.
- *"British Association of Sport and Exercise Sciences"* - 1967.
- *"North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity"* - 1967.
- *"Canadian Society for Sport Psychology"* - 1969.
- *"Association Suisse de Psychologie du Sport"* - 1969.
- Associação de PE na Republica Alemanha Federal - 1970.
- *"Asociación Catalana de Psicologia de l'Esport"* - 1983.

I	World Congress of Sport Psychology	Roma	1965
II	World Congress of Sport Psychology	Washington	1968
III	World Congress of Sport Psychology	Madri	1973
IV	World Congress of Sport Psychology	Praga	1977
V	World Congress of Sport Psychology	Otawa	1981
VI	World Congress of Sport Psychology	Copenhagen	1985
VII	World Congress of Sport Psychology	Singapura	1988
VIII	World Congress of Sport Psychology	Lisboa	1993
IX	World Congress of Sport Psychology	Israel	1997
X	World Congress of Sport Psychology	Ilha Skiathos	2001

Tab.2. Congressos Mundiais de PE promovidos pelo ISSP

---

<sup>17</sup> Dados coletados pela autora dessa dissertação. Pesquisa feita entre profissionais da área que de alguma forma acompanharam esses eventos.

É visível a expansão da PE no mundo. As pesquisas na área acompanham o desenrolar do trabalho e já nos anos 66-76 surgem pesquisas de análise social, motivação, cognição, autoconfiança entre outras. Nesse período desponta José Maria Cagigal (FELIU, 1997, p.23), psicólogo, doutor em Educação Física que dedicou especial atenção aos ensaios filosóficos e sociológicos do fenômeno esportivo, fator importante para novas reflexões, para um realinhamento das delimitações e rumos da PE. Em 1966 ele publica o livro "Esporte, Pedagogia e Humanismo".

Em termos de publicações científicas especializadas em PE, existem importantes revistas trimestrais e semestrais (FELIU, 1997, p. 36). Quatro em inglês:

- *"International Journal of Sport Psychology"*, desde 1970.
- *"Journal of Sport and Exercise Psychology"*, desde 1979.
- *"The Sport Psychologist"* desde 1987.
- *"Journal of Applied Sport Psychology"*, desde 1989.

E uma em espanhol:

- *"Revista de Psicología del Deporte"*, desde 1992.

Quanto à participação dos brasileiros no *setting* da PE, pôde-se perceber que ela aconteceu de maneira discreta mas significativa. Poucos brasileiros podiam imaginar que desde o início de 1950, anos antes de se oficializar a PE enquanto

Ciência, um psicólogo nascido no interior de São Paulo, já se debruçava nos ringues de boxe e campos de futebol.

Foi então em 1953 que esse psicólogo João Carvalhaes<sup>18</sup>, tendo estudado Sociologia e posteriormente adquirido o título de Psicólogo (naquela época ainda não era reconhecida essa profissão), começou a trabalhar com atletas do boxe. Logo após essa experiência, voltou-se para o futebol; junto aos árbitros da Federação Paulista de Futebol, e junto ao São Paulo Futebol Clube no qual desenvolveu um trabalho pioneiro de mais de 15 anos de duração. No ano de 1958 ele é convocado pela Seleção Brasileira de Futebol para prestar serviços na Copa do Mundo, na Suécia, acompanhando assim nossos campeões, Pelé e Garrincha, entre outros.

Esse trabalho passa a ter repercussão mundial quando, por ocasião do I Congresso Mundial de PE, 7 anos depois do advento da Copa do Mundo de Futebol, esse psicólogo paulista é solicitado e procurado por vários profissionais de outras nacionalidades. Vale também destacar a presença do carioca Ataíde Ribeiro da

---

<sup>18</sup> Paulista da cidade de Santa Rita do Passa Quatro, nasceu dia 15 de agosto de 1917 e faleceu aos 30 de março de 1976 na capital deste estado. Todos os dados relativos a vida desse pioneiro da PE no Brasil, foram coletados através de entrevistas com a Sra. Nelly, viúva do Sr. João Carvalhaes, e seus cinco filhos - Beatriz Helena, Vera Lúcia, João Francisco, Paulo Sergio e Lúcia Helena -; em São Paulo, capital.

Silva, psicólogo convocado para auxiliar a Seleção Brasileira de Futebol no Campeonato Mundial no Chile - 1962.

Em 1964, Ataíde Ribeiro da Silva e Emílio Mira publicam o 1º livro de autores brasileiros chamado "Futebol e Psicologia". Em 1979, vinculada ao ISSP, forma-se a "Sociedade Brasileira de Psicologia Esportiva, Atividade Física, Recreação e Lazer". Na ocasião, o psicólogo gaúcho Benno Becker assume a presidência e permanece nela, até o presente momento.

Nestas últimas décadas, o "time brasileiro" na PE tem crescido e amadurecido bastante, talvez até pela ajuda da mídia que, de alguma forma, publicando mais matérias sobre o tema, tem encorajado equipes e atletas a utilizarem a PE ou pelo menos incentiva os mais curiosos a estudar esse novo recurso.

No ano de 1993 foi realizado em Portugal o VIII Congresso Mundial de PE e, segundo estatísticas feitas por Brandão (1995), o Brasil foi o terceiro país em número de participantes, atrás somente dos "donos da casa", os portugueses e dos americanos.

## CONTORNOS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

A definição dessa infante Ciência do Esporte conhecida como Psicologia do Esporte vem sendo traçada desde os primórdios de 1900, por ocasião das primeiras literaturas voltadas para a área<sup>19</sup>. Embora isso já leve um século, pode-se perceber que não tem sido fácil tal tarefa pois é possível se encontrar uma série de diferentes definições (Tab. 3.), de distintos autores, sem se chegar numa única, de consenso geral. Em alguns casos elas se tornam complementares, mas em outros, até contraditórias.

<b>Definições de Psicologia do Esporte (PE)</b>	
<b>em ordem cronológica.</b>	
• <b>Lawther</b>	"A PE é uma área que procura aplicar os fatos e princípios psicológicos ao aprendizado, desempenho e comportamento humano associado a todo o setor desportivo" (1973, p.1).
• <b>Singer</b>	"É a Ciência da Psicologia aplicada ao Esporte e às situações esportivas." (1978, p.4).

<sup>19</sup> Em 1901, Jusserand publica, na Europa o livro "Psicologia do Futebol" (FELIU, 1997 p. 18).

- **Antonelli e Salvini**

"A Psicologia do Esporte é uma ampla corrente de pensamento que conflui de diversas doutrinas (psicologia, medicina, psiquiatria, sociologia, pedagogia, filosofia, higiene, educação física, reabilitação, etc.) e, por conseguinte, trata-se de um assunto de competência multidisciplinar aberta a contribuição de que cada um possa dar, desde a base de sua própria preparação específica. (apud RIERA, 1985 p.30). Definição de 1978.

- **Alderman**

"É o efeito do esporte sobre o comportamento humano" (1980, p.4).

- **Thomas**

" A PE examina as causas e efeitos dos fenômenos e das ocorrências psíquicas que se desenrolam no homem antes, durante e depois de atividades desportivas" (1983, p.2).

- **COX**

"PE - Um campo de estudos onde os princípios da Psicologia são aplicados no contexto esportivo. " (1985, p.xiii).

- **Nitsch**

"A função da PE consiste na descrição, explicação e no

prognóstico de ações esportivas com o fim de desenvolver e aplicar programas cientificamente fundamentados, de intervenção levando em consideração os princípios éticos." (apud Samulski, 1992, p.12). Definição de 1986.

- **Gill**

"É o ramo das Ciências do Esporte e do exercício que busca fornecer respostas para questões sobre o comportamento humano no Esporte" (1986, p.3).

- **Nitsch**

"A PE analisa as bases e efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando por um lado a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e por outro lado a realização de tarefas práticas de diagnóstico e de intervenção." (1989, p.29).

- **Cratty**

"É uma sub-área da Psicologia que focaliza o atleta e o esporte" (1989, p.1).

- **Williams**

"A PE se interessa pelos fatores psicológicos que influenciam a prática do esporte e do exercício físico, assim como pelos efeitos psicológicos que se derivam dessa participação" (1991, p.44).

- **Williams e Straub**

"É definida como identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao Esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta" (1991, p.30).

- **Samulski**

"A PE representa uma das disciplinas das Ciências do Esporte e constitui um campo de aplicação da Psicologia. A P.E. não deve ser interpretada somente como uma matéria especial da Psicologia aplicada. O esporte e as ações esportivas tem suas regras próprias, suas estruturas e seus princípios." (1992, p.12).

- **Weinberg e Gould**

"Trata-se do estudo científico das pessoas no contexto do esporte ou exercício. Psicologia do Esporte e do exercício identifica princípios e padrões que profissionais podem usar para ajudar adultos e crianças que participam dessas atividades e têm benefícios no Esporte e nas atividades físicas." (1995, p.8).

- **Casal**

"É a aplicação, no campo esportivo, das teorias e métodos da ciência psicológica que permite a solução dos problemas assinalados." (1996, p.36).



- **Machado**

"É a Ciência que estuda as contingências a que estão submetidos todos aqueles que se envolvem com o fenômeno esportivo, em quaisquer de suas variações: atletas e seus pais, torcidas, dirigentes, imprensa, patrocinadores e toda sociedade flutuante da área" (1997, p.17).

- **Becker Jr.**

"É a disciplina que investiga as causas e os efeitos das ocorrências psíquicas que apresenta o ser humano antes, durante e após o exercício ou o esporte, sejam estes de cunho educativo, recreativo, competitivo ou reabilitador." (2000, p.19).

Tab.3 Definições de Psicologia do Esporte (PE)

Tratei como referência para essa dissertação a definição de Williams (1991) que, no meu ponto de vista, consegue abarcar tanto a aplicação da PE no contexto esportivo como na atividade física, fator importante que alguns autores ainda excluem; e além disso, considera a influência recíproca entre os efeitos psicológicos e a prática do Esporte ou exercício físico, isto é, tanto o esporte e o exercício interferem no psiquismo como este pode alterar a prática física.

As demais definições foram apresentadas para que se tenha uma idéia mais real de como há divergências na compreensão desta

jovem Ciência. Autores como Casal (1996), por exemplo, expressam a intenção de atribuir à PE a tarefa de resolver problemas ou maximizar rendimentos, parecendo assim ser esse seu objetivo principal (mais adiante será tratada essa questão, dos objetivos).

Concordo que, ao longo de um trabalho de preparação psicológica surjam, por exemplo, problemas numa equipe e a PE pode contribuir para sua solução como sendo uma de suas tarefas, mas daí, considerar o ponto central do trabalho, não vejo como muito correto. O autor citado ainda complementa que a função do psicólogo é, *"através de estudos detalhados das particularidades dos atletas e da equipe, traçar um trabalho psicológico para ajudar a obtenção de elevados rendimentos desportivos"* (CASAL,1996, p.39). Continuo percebendo como precipitado, ou equivocado, atrelar a direção ou foco do trabalho com aumento de resultados. Mais adiante serão tratadas especificamente as tarefas da PE.

A Psicologia do Esporte é vista por alguns outros autores como diagnosticadora de percalços esportivos. Diagnosticar é descobrir causas de uma enfermidade. Mas essa Ciência se propõe a cuidar só da doença? Acredito que o fator: Prevenção, mereça destaque também na hora de se definir a PE. Por outro lado, me anima encontrar em Nitsch (apud SAMULSKI, 1992,

p.12) a consideração com os princípios éticos que se deve respeitar ao se aplicar a PE, assim como, quando encontro em Jean Williams e Straub (1991, p.30) a referência ao objetivo do desenvolvimento pessoal do atleta.

Outra questão importante quanto a definição da PE, diz respeito à própria semântica: Psicologia do Esporte ou Psicologia no Esporte? Vários profissionais na área procuram esclarecer tal sutileza.

Para Feijó *"a Psicologia do esporte, enfoca a preocupação que se tem em propor uma interpretação psicológica do fenômeno esportivo; e a Psicologia no esporte, enfoca um estudo sobre os tipos de intervenção psicológica que o Esporte deve requerer."* (FEIJÓ, 2000, p.21). Já Rubio diferencia-as de uma maneira um pouco distinta. Segundo ela *"a primeira é um campo específico formado pelos conhecimentos originários da Educação Física/Esporte e da Psicologia e a segunda uma aplicação da Psicologia Clínica, Educacional e Organizacional ao Esporte"* (RUBIO, 2000, p.11).

Na minha opinião, se necessário fosse escolher uma das duas expressões ficaria com a Psicologia no Esporte pois acredito que nenhuma "Psicologia" pertence a algo ou a alguma área específica para ser chamada "do Esporte", mas como já existe uma cultura

esportiva que se familiariza mais com a expressão Psicologia do Esporte, em alguns momentos acabo optando por utilizar tal nomenclatura.

Não resta dúvida que deixar claro a diferença se torna uma tarefa importante, principalmente numa área que ainda se mostra em construção, mas será que essa busca pelas diferenças não tem tornado as discussões ríspidas e partidárias e ao invés de se aproximar, mais se choca? Proponho que nesse diálogo, os debatedores se mantenham atentos para que não se afastem dos seus pontos comuns pois tomando impulso nas semelhanças é que se pode solidificar a Psicologia do Esporte.

A proposta de Telles Machado (1998) para a definição do "Psicologia do Esporte ou no Esporte", está na compreensão das raízes desse encontro. Diz ele:

O termo Psicologia do Esporte representa uma apropriação da Psicologia pelo Esporte e não ao contrário. Psicologia do Esporte significa uma Psicologia que está submetida à ideologia vigente na atividade esportiva em que um dos objetivos fundamentais é o de competir visando prêmios (...) ignorando o homem como um todo (1998, p.32).

De acordo com seu levantamento da história da PE, o professor de esgrima e psicólogo Telles Machado (1998, p.33) alega que a solicitação para a aproximação destas duas áreas partiu do Esporte, porque este carecia de fundamentos e conceitos psicológicos para desenvolver melhor seu trabalho.

As citações anteriores, relativas às primeiras pesquisas científicas da PE e a descrição de alguns estudiosos da área<sup>20</sup>, podem agravar a hipótese de ter o Esporte se aproximado da Psicologia objetivando, pelo menos inicialmente, seu próprio benefício.

Observando por essa ótica, é possível acreditar que não foi visando os benefícios que o Esporte podia proporcionar à evolução humana, que Psicologia e Esporte se uniram. Assim sendo, o instrumento passa a ser a Psicologia e o fim o Esporte. Não é o Esporte que se torna um instrumento capaz de otimizar o ser humano, mas sim a Psicologia sendo usada para o aprimoramento do Esporte.

O que polemiza é que Machado (1998) tomou como base o Esporte de alto rendimento, aquele que visa o espetáculo e é dominado

---

<sup>20</sup> Em De Rose Jr. (2000 p.29) encontra-se *"na relação inicial entre Psicologia e Esporte, no final de século XIX, não era possível perceber como a psicologia poderia auxiliar na melhora do desempenho dos atletas"*.

pelos interesses da mídia mercantilista, pois, de acordo suas palavras, *"essa prática vem escravizando o próprio atleta"* (MACHADO, 1998, p.34). Partindo desse raciocínio, entendo que, se um esporte sem ética encontra a semente de uma área nascendo, essa influência poderia determinar as mesmas regras - do "vale tudo" - para a PE. Essa é uma maneira de ver a união: Psicologia e Esporte; conforme dito anteriormente, o que "pode ser", não "é" em sua essência, então há espaços a serem desvelados.

Reconheço, que se houve uma postura utilitária e unilateral do Esporte perante a Psicologia, que pode ter sufocado princípios éticos e morais, isso já pode fazer parte do passado. Não vejo nenhuma razão para acreditar que ela tenha que se manter assim. Concordo com Machado (1998) quando ele aponta ser agora, no meio dessa busca de esclarecimentos, o momento propício para acompanhar a Psicologia adequando suas teorias e técnicas para o bem do Esporte e vice-versa.

Neste sentido compreendo que essas raízes precisam realmente estar mais visíveis, pois a intenção genuína da PE deve estar atrelada aos princípios éticos e aos valores essenciais do ser humano, como por exemplo, o respeito mútuo, a interdependência entre os homens e o aprimoramento da auto estima.

Para Luccas, que desenvolveu sua tese de mestrado abordando as relações entre jogadores de futebol e as torcidas, *"a ética que o Esporte, principalmente o futebol, tem apregoado em nossa cultura é a ética do individualismo"* (LUCCAS, 2000, p.71) e a ética do psicólogo, na sua concepção, é aquela baseada na ideologia dos Direitos Humanos, cunhada pela Declaração Universal desses direitos.

Como conciliar então, tais condutas? Para esse autor, *"uma prática profissional em Psicologia que não proporcione uma crítica sobre si mesma e não considere o contexto político, social e econômico que envolve o seu objeto de atuação não é uma prática ética."* (p.74), e isso eu concordo plenamente.

Esse é um assunto controvertido, e não tenho a pretensão de vê-lo esgotado neste momento. Que esses parágrafos aqui dedicados, sejam então um motivo para que os verdadeiramente interessados possam se "re-unir" e, lançando as amarras, passem a estreitar essa ponte.

Na busca da definição da PE, um ponto crucial surge para a delimitação: a questão dos objetivos do trabalho. Embora já tenha citado definições que trazem embutidas alguns desses objetivos, quero destacar aqui outros autores que servirão de apoio para minha explanação.

Ao longo da literatura especializada em PE já publicada, pode-se notar que muitos autores são concisos em elencar as tarefas do psicólogo esportivo, mas os termos tarefa, função e objetivos desse profissional são conceitos que se confundem. Segundo Feliu (1997, p.34), a primeira função do profissional especializado em PE deve ser a de investigador - aquele que gera novos conhecimentos sobre processos psicológicos básicos aplicados a atividade física e ao Esporte (Tab.4).

Em segundo lugar, o psicólogo do esporte deve exercer a função de educador, quando ensina os esportistas, treinadores, árbitros; os princípios e técnicas psicológicas em cursos ou seminários (Tab.4). Dentro dessa categoria, o autor abre um braço para a função de assessor:

quando dentro de um clube ou uma federação, o profissional oferece serviços psicológicos de apoio a treinadores, esportistas, pais, ou diretores para otimizar o rendimento e o bem estar dos membros da equipe, e para prevenir problemas psicológicos derivados do envolvimento esportivo (FELIU, 1997, p.35).

Por último, esse autor destaca a função de clínico, quando precisa solucionar problemas psicológicos criados pela prática



esportiva: transtornos alimentares, seqüelas psicológicas de lesões ou *burnout* (Tab.4).

<b>Funções Profissionais do Psicólogo do Esporte</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Função Investigadora</li> <li>2. Função Educativa               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como professor</li> <li>• Como assessor</li> </ul> </li> <li>3. Função Clínica</li> </ol>

Tab.4. Funções Profissionais do Psicólogo do Esporte  
Baseada em FELIU, 1997, p.35.

A confusão dos termos começa quando outros autores trazem como tarefas, as mesmas funções referidas por Feliu. É o caso de Samulski (1992, p.16-17) que aponta três muito semelhantes, mas com algumas nomenclaturas trocadas. O que Feliu chamou de função educativa, esse autor denominou tarefa de Ensino, que seria a transmissão de conhecimento da área específica, via centros acadêmicos. Segundo ele, essa função, ou tarefa pode ser desenvolvida por professores de Educação Física, Psicólogos, técnicos esportivos e estudiosos do assunto.

Quando Samulski se refere à tarefa de Pesquisa, ele se aproxima da função de investigação de Feliu. Aqui o pesquisador,

de laboratório ou não, desenvolve teorias de ação esportiva, de procedimentos diagnósticos e até, segundo o autor, desenvolve medidas de intervenção psicológica.

Esses dois autores também convergem no conceito da terceira função. Para Samulski a tarefa de Intervenção seria *"a prática da P.E. propriamente dita, o contato direto entre o atleta e comissão técnica na realização de treinamento, aconselhamento ou acompanhamento psicológico"* (1992, p.17).

Outra fonte, a Federação Européia de Psicologia do Esporte - FEPSAC, em 1996, determinou tarefas quase que idênticas (BECKER Jr, 2000, p.21). Só que ela se preocupou em dividir ou detalhar melhor cada uma delas (Tab.5).

<b>Pesquisa</b>	<b>Educação</b>	<b>Aplicação</b>
a) Teórica ou empírica; b) Básica ou aplicada; c) De laboratório ou de Campo.	a) Nível acadêmico; b) Nível Profissional; c) Praticantes de exercícios e Esporte; d) Pais ou familiares de atletas.	a) Avaliação e diagnóstico; b) Intervenção.

Tab.5. Tarefas da PE segundo a FEPSAC. Baseada em BECKER, 2000.

Quanto a essas citadas tarefas ou funções do Psicólogo do Esporte, gostaria de levantar algumas ressalvas. Embora elas se aproximem, percebo algumas diferenças. Prefiro as classificações que dão espaço também, para o função do Psicólogo em outros contextos, além do Esporte de alto rendimento.

Importante destacar que existe uma função para o Psicólogo no Esporte como Lazer e na prática da atividade física. Parece-me que quando Feliu fala de "clubes" e "transtornos alimentares", posso considerar também o trabalho em academias, por exemplo. O mesmo acontece com a classificação da FEPSAC, que explicita em sua definição detalhada, os praticantes de esporte lazer, e as academias (BECKER, 2000, p. 22-23).

Um outro ponto que me chama a atenção nessas explicações das tarefas, é quando Samulski define Ensino, como sendo "*a transmissão de conhecimento da área específica.*" (SAMULSKI, 1992, p. 16). Existe uma forte corrente entre os educadores contemporâneos, que reúne pedagogos como Paulo Freire e psicodramatistas como Romanã, por exemplo, que são unânimes em afirmar que o processo de Educação é uma via de duas mãos.

Paulo Freire com sua sabedoria infinita nos confessa que "*O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser*

*objeto dela, por isso ninguém educa ninguém.*" (FREIRE, 1983, p.28) e o Psicodrama através da palavras de Romanã reafirma:

Existe educação na medida em que existem ações adequadas, criativas e autônomas, organizadas através da aquisição e aplicação de conhecimento, mas também da interação com os outros e com o ambiente ou meio do qual faz parte o educando (1985, p.15).

Se os conceitos como tarefa, funções e objetivos da PE podem ser confundidos, julgo ser importante destacar e elucidar a compreensão dos objetivos da PE. Orientando alunos e alunas que pretendem ingressar na área, ou até mesmo curiosos que desejam conhecer de perto a PE, as perguntas: "Para que e para quem trabalha o Psicólogo do Esporte?" tem sido para mim dirigidas, constantemente.

Tenho observado na minha experiência diária que, de prontidão, muitos profissionais do Esporte ou da própria PE, respondem que a PE trabalha para o aumento de rendimento; para chegar no pódio; para melhorar a performance ou até para vencer. Estando essas respostas soltas ou fora de contexto, elas geram controvérsias.

Conforme escrito em trabalho anterior (FRANCO, 1998b), como a aptidão emocional pode influenciar e determinar outras

capacidades - intelectuais, motoras -; o atleta emocionalmente equilibrado pode levar vantagens em situação de estresse, como por exemplo, numa competição. Mas não significa que o empenho pelo equilíbrio emocional do atleta esteja em função dos resultados da competição.

Entre outras incumbências, a PE trabalha junto com a comissão técnica na busca de melhores resultados, mas não vejo como sendo o seu objetivo central. Acredito que subir no pódio passa a ser consequência de um trabalho que objetivou bem estar, auto-consciência e respeito aos limites; limites esses que justamente podem ser expandidos de acordo com trabalho de auto-conhecimento de cada atleta.

Para corroborar com essa maneira de ver os objetivos do trabalho clínico, e resgatando um pouco a discussão da importância da ética nessa prática, trago, as palavras de Luccas na tentativa de amarrar - ainda que não definitivamente - esse assunto.

A ética que deveria nortear o trabalho do psicólogo nos esportes é aquela expressa pelo ideal olímpico: o mais importante é que todos possam competir e partilhar dos benefícios que os Esportes trazem aos sujeitos. Ganhar deveria ser secundário, deveria ser meramente uma

conseqüência, jamais um objetivo, uma finalidade (2000, p.74).

Retomando a questão das tarefas da PE, gostaria de aprofundar a discussão na função clínica - ou tarefa de aplicação. Considerando que essa dissertação se refere à prática da PE, isto é, sua aplicação efetiva no treinamento psicológico do atleta, essa função terá mais destaque.

O Psicólogo do Esporte que trabalha na sua rotina com a aplicação, propriamente dita, deve ampliar seu objeto de trabalho, ou melhor, o sujeito de seu trabalho; para além do atleta, abrangendo todos os indivíduos que se encontram neste contexto. Por exemplo, o trabalho com o técnico ou comissão técnica é fundamental no sentido de auxiliá-los através de uma assessoria especializada, para que possam visualizar e avaliar melhor as dinâmicas que ocorrem com a equipe.

Existe também, para esses mesmos profissionais, um trabalho voltado para o seu próprio treinamento psicológico, isto é, proporcionar sessões de relaxamento, treinamento para atenção concentrada, técnicas de visualização, por exemplo. A comissão técnica também sofre pressões, e como qualquer outro ser humano, necessita de preparação para enfrentar tais situações.

Esse tipo de trabalho pode ser feito junto com a equipe de atletas, ou melhor ainda, em momentos individualizados.

O sujeito do trabalho do Psicólogo do Esporte pode, então, se multiplicar. Neste sentido, conforme citei em trabalhos anteriores (FRANCO, 2000a, p.10), pode-se apontar como sujeitos:

- Atleta - Individualmente ou em grupo;
- Técnico;
- Comissão Técnica;
  - Assistente Técnico;
  - Fisioterapeuta;
  - Médico;
  - Nutricionista, entre outros.
- Dirigentes;
- Patrocinadores;
- Torcida;
- Familiares dos Atletas.

Quanto aos momentos específicos de intervenção, Franco (2000a, p.12) esclarece que o Psicólogo da equipe pode trabalhar no:

- Período de planejamento do calendário esportivo;
- Período pré competitivo (semanas antes da competição);
- Período competitivo (a semana antes da competição);

- Período da competição (durante a competição);
- Período de pós competição;
- Período de manutenção (sem competições previstas ou próximas).

O trabalho desenvolvido para cada situação dessa é específico, personalizado, dependendo, assim, das características e dos objetivos da própria equipe. O atendimento ao atleta, aos técnicos pode acontecer em momentos separados, ou dependendo da situação, ser trabalhado conjuntamente. Existem equipes esportivas que preferem trabalhar com um único profissional de PE, como foi a minha experiência na equipe BCN de Vôlei Feminino - Guarujá (1994-1995); outras já optam por trabalharem com um grupo de psicólogas, cada qual com suas tarefas distintas, conforme experienciei nos quatro anos que trabalhei no Esporte Clube Pinheiros - SP (1988-1991).

Vale ressaltar que essas duas últimas referências de Franco (2000a, p.10-12) - sujeitos e momentos do trabalho da PE - tratam da aplicação dessa área no contexto do Esporte de rendimento. Não se pode esquecer que existe ainda outro foco de trabalho; quero dizer, relativo ao Esporte enquanto lazer e junto à atividade física. O Psicólogo nestes casos pode trabalhar com outros sujeitos, por exemplo:

- professores e alunos de academia;



- professores e alunos de trabalhos individualizados (*personal trainer*);
- com a comunidade em geral.

Com academia e *personal trainer*, o psicólogo pode encontrar com diversos tipos de pessoas (gestantes, terceira idade, portadores de necessidades especiais, depressivos, anoréxicos, bulímicos, obesos compulsivos, cardíacos, hipertensos, por exemplo) e para cada um desses um trabalho diferencial seria exercido.

O campo do psicólogo não se restringiria também às academias. Esse profissional poderia, junto com o professor de Educação Física, desenvolver um trabalho nas praças públicas (eventos), nos clubes com associados, na praia, em empresas ou condomínios. Quanto aos momentos de intervenção, eles poderiam se expandir para além do evento em si, ou da prática da atividade física. O período de planejamento e o momento da avaliação podem ser considerados como uma continuidade desse trabalho.

Com o intuito de rematar esse sub-capítulo, dos contornos da PE, convido o leitor a refletir sobre quem é esse profissional que se presta a intervir no papel de psicólogo do Esporte. Respeitosos pesquisadores da área são unânimes em afirmar que cabe exclusivamente ao profissional com formação completa em Psicologia atuar na área de aplicação (HORN, 1992; FELTZ, 1992;

GONZALEZ, 1992; DE ROSE Jr., 2000, entre outros). Passando longe da intenção da disputa de mercado, da briga se esse campo é "meu ou é seu", uma preocupação maior me ressalta. É a formação desse profissional que trabalha com intervenção clínica.

Orientada pelos estudos de Groves, Heekin e Banks (apud RIERA, 1985), dentre os profissionais que publicaram, nos primeiros sete volumes do *International Journal of Sport Psychology*:

- 53,6 % deles eram Professores de Educação Física;
- 19,0 % deles eram Psicólogos;
- 4,2 % trabalhavam com Sociologia e Pedagogia;
- 2,1 % eram Médicos;
- 21,1 % divididos em outras especialidades.

Diante desses dados me saltam duas hipóteses. A primeira: Se só 19% dos trabalhos são de psicólogos, 81% das publicações devem relatar trabalhos de pesquisa bibliográfica ou são publicações relativos à área de ensino. E diante disso me surpreendo em perceber que os Psicólogos que trabalham com intervenção podem estar "isolados" (ou se isolando) das publicações científicas e agindo assim retardam o crescimento da área. Mesmo assim me intriga imaginar como seria um trabalho de pesquisa ou de ensino sem ter a aplicação clínica como base. Acredito ser a intervenção um campo fundamental e básico para o desenvolvimento dos

demais (pesquisa e ensino) e não vejo progresso da PE como um todo, se não houver apresentação, discussão e divulgação do trabalho clínico, de intervenção direta.

A segunda hipótese - e a pior! - é de que pode haver relatos de trabalhos de intervenção sendo dirigidos e orientados por profissionais não especializados na área clínica. Prefiro, ainda que pesarosamente, a primeira idéia. Ambas hipóteses merecem um tratamento mais detalhado, pois o propósito desse momento foi apenas apontar uma brecha obscura e questionar as possibilidades.

A esse respeito, Feliu (1997) reforça a importância do cuidado com a formação do profissional que trabalha com PE quando declara que o futuro desta Ciência - PE - será traçado justamente de acordo com a formação desses novos profissionais. *"Para que se consiga uma PE com consistência e credibilidade, precisamos nos certificar de que informações e que exercício de prática estão sendo dadas para os futuros Psicólogos do Esporte"* (FELIU, 1997, p.39).

Concordo com esse autor quando ele afirma que uma boa formação em PE requer estudos específicos de Psicologia, das Ciências do Esporte e do Esporte em si, isto é, uma formação teórica e prática. Brandão (1995) também destaca tal

importância para o bom andamento desta Ciência quando apresenta um perfil do profissional brasileiro que atua na área. Para ela:

No Brasil, até os dias de hoje a formação dos profissionais que trabalham com PE ainda não é formalmente determinada.(...) o delineamento do que faz um profissional da PE e que formação ele necessita, ainda não estão claros. Prova disto é que encontramos engenheiros, médicos, professores de Educação Física e profissionais de outra formação universitária, trabalhando e até mesmo "treinando mentalmente" atletas (p.140).

Seguindo o posicionamento de Brandão, acredito, não se tratar de uma realidade unicamente brasileira, pois outros países também se encontram muitas vezes, nesta mesma situação (FELTZ, 1992; HORN, 1992), mas essa informação não deve servir para acomodações.

Imagine num filme de ação e suspense: Os profissionais da PE estão todos num único carro, se não houver a preocupação com a habilidade e destreza do motorista - aqui, para esse momento, denominado: Psicólogo da aplicação, todos os demais, co-pilotos e passageiros, poderão se estatelar, ribanceira abaixo! E atenção:

só verificar a validade da carteira de habilitação desse motorista, não garante segurança dos demais<sup>21</sup>.

## NOVOS RUMOS

Escrever sobre novos rumos da Psicologia do Esporte no primeiro ano de um novo milênio, me dá uma sensação parecida com as que sinto em todo 1º de janeiro. Muitas esperanças, e isso é ótimo, mas por outro lado, me vem lembranças das promessas de novas condutas e atitudes, e isso já requer mais energia.

A PE, conforme relatado anteriormente, precisa acertar algumas arestas - campos de trabalho, atuação, pesquisa, entre outros - para pensar em trilhar um caminho mais seguro e promissor; ou talvez se valer da sabedoria oriental que indica que primeiro se deve esvaziar a xícara quando se quer vê-la cheia (HYAMS, 1992,

---

<sup>21</sup> Por uns momentos, entreguei-me à fantasia.... , ao "faz de conta"... Para Moreno, teatrólogo e iniciador do Psicodrama - a ser apresentado no capítulo seguinte -, o ato de "subir no palco", "entrar em cena" ou viver uma fantasia pode aliviar as tensões sofridas no dia-a-dia (...ou quando se escreve uma dissertação!...). O problema não é estar no faz de conta, mas sim, não saber sair dele, e voltar para a realidade. Fonseca Filho diz que a saúde *"consiste em estabelecer meios que permitam ao indivíduo pleno domínio, vivendo em ambas as situações, ser capaz de transladar-se de uma a outra. Ninguém pode viver sempre num mundo inteiramente real, ou num mundo totalmente imaginário"* (1980, p.80). Então, entrar no "imagine que você..." é saudável!

p.22). Muitos "verdades" - não tão certas - do passado da PE podem estar servindo de peso impedindo-a de alçar longos vôos.

Landers (apud FELTZ, 1992) sugere a criação de um paradigma geral, único para dirigir as pesquisas em PE. Segundo ele, o crescimento lento desta área se dá pela falta de uma linguagem comum entre esses profissionais. Compartilho com seu ponto de vista quando ele alega que os atuais não estão sendo mais suficientes para gerar avanços significativos na PE, porém não vejo necessidade de criar um único modo de ver as coisas.

Partindo do princípio que nem a Psicologia, como *Ciência Geral* e uma das progenitoras da PE, tem um único conceito de psiquismo, e nem a *Ciência do Esporte* adota um olhar exclusivo sobre a prática esportiva, não haveríamos de lutar para que se padronize em um único referencial, a base da Psicologia do Esporte.

Entendo que Landers se refere à necessidade de se *"usar mais modelos cognitivos para entender o comportamento no Esporte, e não só para testar os relacionamentos."* (apud FELTZ, 1992, p.8) porque, como ele justifica, a PE surgiu para suprir uma demanda do Esporte competitivo e seu paradigma era bastante tecnicista, preocupado, principalmente, com os aspectos psicológicos envolvidos na prática do exercício motor.

Para Bouet (1992), filósofo francês, a Psicologia do Esporte não está sabendo garantir às pessoas acesso a uma verdadeira cultura esportiva. Para ele, o psicólogo do esporte tem se constituído a serviço do rendimento atlético, onde vencer é a única coisa que conta. Segundo esse filósofo,

ao ajudar o atleta, não se deve jamais esquecer que o verdadeiro campeão é um indivíduo que necessita antes de tudo, ser autônomo na performance que ele exprime e realiza (...) e o clínico tem por função ajudar o sujeito a completar a sua singularidade (BOUET, 1992, p.11).

O Prof. Jean Williams, da Universidade do Arizona - Estados Unidos, relata também essa visão distorcida da aplicação da PE. Segundo ele: *"Atualmente muitos esportistas e treinadores dirigem sua atenção à PE para conseguirem mais vantagens na competição"* (WILLIAMS, 1991, p.44). Percebo que, frente a isso, uma perigosa e obscura expectativa passa a pairar sobre a mente dos esportistas quando procuram a PE. O trabalho exercido pelo Psicólogo vai se tornando dúbio, vulnerável a ponto de Dishman afirmar que, o campo da PE aponta uma crise de identidade (apud FELTZ, 1992, p.4).

Conforme foi mencionado anteriormente, Feltz, na tentativa de explicar tal situação, destaca que a visão da PE vem, na sua maioria, de cientistas da Educação Física (FELTZ, 1992, p.4).

Sob esse ponto de vista, encontro concordância em alguns pesquisadores brasileiros da área. Na visão do Prof. Dr. Afonso Antônio Machado, da Universidade Estadual Paulista - UNESP,

A PE tem uma evolução mais lenta que as outras especialidades psicológicas. Provavelmente se deva ao fato de ter se iniciado em laboratórios de Fisiologia ou de Educação Física, distanciando-se dos avanços da própria Psicologia, como sua Ciência-mãe, ou pelo fato de não ter explorado melhor os caminhos da interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade que deve tratar de elementos da Psicologia e da Ciência do Esporte com igual compromisso (MACHADO, 1997, p.8).

Se nos primórdios da PE as investigações científicas estavam mais voltadas para a aprendizagem motora e esses estudos se alimentavam da Psicologia Experimental (FELIU, 1997), conforme relatado anteriormente, esses dados acabaram sendo usados como partida para se apontar novos rumos.

O psicólogo Telles Machado parece também concordar, em alguns momentos, com o Prof. Afonso Machado, quando levanta que *"as implicações desse fato histórico - citado acima - interferem diretamente no tipo de atuação esperada do Psicólogo do Esporte. Prioriza-se muito mais o desempenho e se dá atenção*



*em menor grau às possibilidades psicopedagógicas e terapêuticas do Esporte"* (MACHADO, 1998, p.24).

O psicólogo do Esporte precisa saber equilibrar as exigências de resultados, próprias do mundo esportivo competitivo, com as demais necessidades dos atletas. Retornando à Machado (1998), *"um projeto pessoal que ultrapasse as fronteiras desse esporte"* (p.28).

Quando Dewar e Horn (1992) traçam uma análise crítica a respeito da construção do conhecimento em PE, eles citam palavras de Sandra Harding: *"é através dos valores morais e de um discurso político que nós deveríamos esperar encontrar novos paradigmas"* (p.13). E nesta busca de renovação para a PE, esses autores - Horn e Dewar - perguntam: *"interesses de quem estão sendo servidos? Necessidades de quem estão sendo ignoradas?"* (p.13). Perguntas que ouço, não a primeira vez, e não gostaria que ficassem sem respostas. Na minha proposta em aproximar Psicodrama e Esporte, acredito encontrar uma possibilidade sequer de resposta.

Apesar de todas essas dúvidas e incertezas, assim como uma adolescente que tem à frente mil caminhos a escolher e dependendo da mão acolhedora, um bonito potencial pode ser revelado, a PE entra para o século XXI. Seja no Brasil, seja no

mundo, o futuro da PE pode ser promissor. As perspectivas são animadoras porque as pesquisas vêm se multiplicando nas Universidades nos últimos anos; novos cursos de formação acontecendo, e assim, interessantes desafios surgem para o progresso da PE.

Outro sinal de avanço está no crescente número de publicações científicas da área e no aumento da frequência de reportagens sobre o tema na imprensa esportiva, significando assim também que o "time" dos psicólogos em campo tem se multiplicado significativamente nas últimas décadas. Porém, como em qualquer outra área, todo período de expansão requer cautela. Trata-se de um momento onde novos horizontes podem redirecionar toda uma postura de trabalho.

Quanto aos aspectos metodológicos que estão sendo utilizados nas pesquisas científicas, concordo com Martens (apud FELIU, 1997) quando propõe que seja mudada a metodologia de laboratório para uma investigação de campo. Outro autor que compartilha com idéia semelhante é G. C. Roberts (apud FELTZ, 1992, p.5) que demonstra em seus trabalhos, a *"preocupação com a crescente falta de entendimento entre os acadêmicos e os psicólogos que trabalham com a intervenção, na prática."*

Ao longo dos meus anos, aprendi que quando não se tem as respostas daquilo que nos aflige, só nos resta a sabedoria de elaborar melhor as perguntas. Os princípios da PE, e conseqüentemente seu caminho daqui para frente, precisa aprimorar os cuidados com as questões éticas, através de uma reflexão maior sobre a concepção e compreensão de Homem. A história da primogênita Filosofia, mãe de muitas das Ciências de hoje, começou aí, com essas preocupações. Por que não resgatá-las?

Para o futuro do papel do psicólogo, Feliu aponta como eixo orientador o papel preventivo e a função educativa. Baseando-me nos 15 anos de envolvimento com a PE, reconheço que, na maioria das vezes, a PE ainda tem se prestado a serviços de "pronto socorro", de "emergência", aqueles que são chamados para resolver um problema crônico já instalado. E isso não tem gerado uma visão clara e ampla do papel do psicólogo neste contexto, pelo menos aqui no Brasil.

Para o futuro da PE como um todo, compreendo, assim como Horn e Dewar (1992), que deva-se analisar criticamente não só o que se está fazendo, mas como e por que nós estamos fazendo, e principalmente, por que ainda estamos fazendo de maneira individualizada. Acredito que desenvolver meios críticos e

reflexivos que permitam rever o conhecimento em PE seja um passo transformador da história da PE.

### III. PSICODRAMA

*"O mundo é um palco,  
Todos os homens e mulheres são atores,  
Eles têm suas próprias saídas e entradas.  
E cada um, há seu tempo,  
Desempenha vários papéis.  
E cada ato dura por sete eras"*

*( SHAKESPEARE na peça "As you like")*

Esse capítulo vai apresentar o Psicodrama, recurso teórico e prático que venho utilizando ao longo de minha vida profissional e que têm me dado base para fundamentar meu trabalho de atendimento clínico no contexto esportivo.

Pretendo assinalar logo no início, como Moreno, o criador, chegou ao Psicodrama e, a partir daí, trazer sua definição, seus pontos de destaque e conceitos próprios. Será possível conhecer também no desenrolar desse capítulo, os jogos dramáticos com suas etapas e instrumentos peculiares para que, no capítulo seguinte - O encontro entre Psicodrama e Esporte - sejam adaptadas e utilizadas no contexto esportivo.

## A HISTÓRIA

Antes de iniciar a apresentação do Psicodrama, propriamente dita, abrirei um espaço para que o Moreno entre em cena. Faço isso pois acredito que para a compreensão de qualquer teoria há de se conhecer, primeiro, um pouco da personalidade de seu autor. Seus dados bibliográficos foram extraídos de Fonseca Filho (1980, p.1-11); Bermudez (1970, p.131-135) e Gonçalves, et al. (1988, p.11-17).

De origem judaica, a família de Jacob Levy Moreno chega da península ibérica à Bucareste - Romênia, na época da Inquisição e aos 06 de maio de 1889, ele nasce.

Assim como os primeiros atletas olímpicos que buscavam com seus méritos físicos se aproximar de Deus, Moreno considera como marco inicial do Psicodrama, uma rica e divertida brincadeira de criança, quando, então com 4 anos, se torna, por uns instantes gloriosos, um deus<sup>22</sup>. Lá vive até que, por volta dos 5 anos, muda-se com a família para Viena.

---

<sup>22</sup> Moreno, em sua biografia, conta que nesta idade, aproveitando a ausência dos pais, improvisa em casa com seus amigos, um grande altar colocando cadeira sob cadeira de maneira a chegar até próximo do teto. Empolgado, se coloca no topo das cadeiras, no papel de um deus, e seus amigos assumem o papel de anjos. Moreno lá do alto, a pedidos dos "anjos", tenta voar e acaba quebrando o braço. Este momento

Até 1920, a vida de Moreno teve uma característica religiosa marcante, prova disso foi que, entre 1907 e 1910, quando ele se junta a um grupo de amigos e funda a **Religião do Encontro**. A prática se resumia em expressar sua rebeldia e espontaneidade diante dos costumes estabelecidos, vestindo-se de maneira bem simples, conversando com os transeuntes, fazendo brincadeiras de improviso com crianças e adolescentes.

Esse período, denominado por Moreno de **Revolução nos jardins de Viena**, era dedicado a realizar improvisações com grupos de pessoas, crianças, inclusive, *"para instigá-las a se rebelarem contra o mundo estereotipado dos adultos e criarem normas e regras para uma sociedade infantil mais adequada a suas necessidades e respeitada pelos maiores."* (BERMUDEZ, 1970, p.132).

Em 1912, ingressa na Faculdade de Medicina em Viena obtendo seu diploma em 1917. Antes disso, durante a sua vida estudantil, em 1914, juntamente com um jornalista e um médico desenvolve um trabalho com as prostitutas vienenses, utilizando-se de técnicas grupais, conscientizando-as de sua situação, numa tentativa de aplicar uma psiquiatria preventiva, segundo José

---

foi considerado por ele, o início da sua carreira no Psicodrama (BERMUDEZ,1970, p.132).

Fonseca Filho (1980, p.3). Paralelo aos estudos de Medicina, Moreno se envolve com o teatro e suas técnicas. Entre 1915 e 1917, desenvolveu atividades num campo de refugiados tirolezes observando suas relações inter-grupais.

Com 32 anos, esse médico dramaturgo funda o Teatro Vienense da Espontaneidade, experiência que constituiu a base de suas idéias da Psicoterapia de Grupo, do Psicodrama e da Sociometria.

Foi mais precisamente em 1º de abril de 1921, em Viena onde Moreno abre a primeira sessão oficial de Psicodrama. Estavam num teatro, ele e um público de mais de mil pessoas. No palco uma única poltrona, de veludo vermelho com o espaldar alto e dourado, em cima da cadeira uma coroa; para dar mais ênfase talvez, ao "Rei" que iria sentar-se (MORENO, 1978 p.49-50).

*"O tema era a busca de uma nova ordem de coisas, testar cada um dos que, do público, aspirasse a liderança, e que seria o rei; ao público caberia o papel de júri", descreve Gonçalves, et al. (1988, p.13). Mas o que acabou acontecendo nessa sessão, para tristeza do seu próprio criador é que "ninguém foi considerado digno de ser Rei e o mundo permaneceu sem líder" (GONÇALVES, et al., 1988, p.13).*



O Teatro da Espontaneidade foi percebido por Moreno como terapêutico por ocasião do chamado, caso Bárbara. Atriz assídua das sessões do Teatro Espontâneo, desenvolve, nos palcos, uma personalidade oposta daquela vivida em sua rotina diária, durante o casamento com Jorge. Ciente disso, Moreno resolve trabalhar em cena aspectos de sua vida íntima: como a sua agressividade.

Observou-se com isso que seus acessos de ira e algumas condutas patológicas da vida conjugal iam sendo modificadas à medida que as sessões no teatro iam se desenrolando. De espectador, Jorge, seu marido, passa a ser ator também nas cenas e as transformações aconteciam como se fosse um verdadeiro "tratamento" (BELMUDEZ,1970, p.133). A partir disso, Moreno descobre a força terapêutica no ato de contracenar.

Em 1925, Moreno emigra para os Estados Unidos e lá continua desenvolvendo seu trabalho, escrevendo artigos em revistas especializadas. O I Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama acontece em Paris, sob sua liderança, em 1964.

Próximo a Nova York, na cidade de Beacon, onde passou a residir, Moreno morre no dia 14 de maio de 1974. Sua família, composta naquela ocasião por Zerka Moreno - a esposa - e dois filhos, concretizam seu pedido e escrevem na sua lápide: "Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria." Atualmente

Zerka Moreno segue no caminho do Psicodrama, levando as lições de seu criador, ainda, para todos os cantos do Mundo.

O Psicodrama é introduzido, no Brasil em 1930, com técnicas parciais, por Helena Antipoff em Belo Horizonte. Mas é na década de 60 que ele sedimenta suas bases. Atualmente, o Psicodrama é utilizado por diferentes profissionais; desde os psicoterapeutas e educadores, até empresários, médicos, artistas etc. Neste momento, Psicodrama e Esporte aproximam-se, fazendo com que este método psicoterápico e pedagógico estenda-se por entre as quadras, piscinas, campos e tatames.

O termo Psicodrama é complexo, motivo de várias tentativas de definições. Para o seu criador, *"o Psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a "verdade" por métodos dramáticos"* (MORENO, 1978, p.17). Utilizando-se de uma linguagem teatral, inspiração primeira dessa teoria, acredita-se no pressuposto de que as pessoas são atores que passam por vários palcos de vida. Enquanto raiz, temos a palavra *drama*, que vinda do grego, significa ação, podendo ser simplificada aqui como a terapia de ação.

Kellermann (1998, p.22) sugere que seja definido como um *"método específico de psicoterapia, uma abordagem de tratamento de problemas psicológicos"*, mas sob essa visão não se

deve pensar que o Psicodrama deva ser utilizado apenas para o propósito de se remover sintomas e de se mediar padrões de comportamentos comprometidos. Importante destacar que esse método tem o objetivo de recuperar e desenvolver a **espontaneidade e criatividade**, *"através do rompimento com padrões de comportamento estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automatização do ser humano"* (GONÇALVES, et al, 1988, p.46).

Os efeitos do trabalho com Psicodrama, salienta Kellermann (1998), vão além dos limitados objetivos de auxiliar o controle de sintomas, avançando no sentido da liberdade dos ricos potenciais humanos de crescimento e de criatividade. Esse autor afirma que

O Psicodrama tem então como meta remover os bloqueios ao desenvolvimento psicossocial, permitindo assim ao indivíduo aspirar a uma auto-realização mais completa e espontânea, a atitudes mais efetivas perante a vida e a relacionamentos mais gratificantes. (KELLERMANN, 1998 p.38).

O Psicodrama, como um método psicoterápico de ação, baseia-se no aprendizado através do fazer mais do que do falar, mais através da prática do que da teoria e mais através do comportamento aberto do que do pensamento interiorizado. *"As pessoas mostram-se especialmente insuscetíveis à persuasão*

*verbal quando se encontram emocionalmente fora de si", conclui Kellermann (1998, p.105).*

A proposta inicial de trabalho em Psicodrama é eminentemente em grupo. No seu livro "Psicoterapia de Grupo e Psicodrama", Moreno nos esclarece as origens desse modo de trabalho:

Um olhar retrospectivo tanto sobre civilizações primitivas como sobre as altamente desenvolvidas mostra que uma antiquíssima sabedoria consciente em atribuir às forças do grupo um papel decisivo na construção da vida social. Reconheceu-se desde cedo que é mais fácil objetivar e resolver problemas individuais dentro de um grupo. A Psicoterapia de grupo é mais antiga que a terapia individual. Um estudo comparativo das relações particulares de seres pluricelulares, desde a vida grupal humana até a dos animais protozoários, permite concluir que existiu uma psicoterapia de grupo inconsciente e universal, muito antes que se desenvolvesse a terapia consciente e metódica de nosso tempo (MORENO, 1993, p.21).

Moreno começou já em 1910, conforme citado anteriormente, a formar, nos jardins de Viena, grupos de crianças para improvisação de cenas, plantando, assim, as primeiras sementes da psicoterapia de grupo. Ainda na Áustria, trabalhou com grupos de refugiados da Primeira Guerra em 1915 e 1917 (aplicando

inclusive a Sociometria, apresentada mais a diante nesta dissertação) e a partir daí, outros trabalhos terapêuticos em grupo passaram a aparecer.

O tratamento psicanalítico de Freud, neste período, fervia na capital Viena. Embora suas publicações científicas se referissem aos efeitos da influência positiva dos agrupamentos humanos, Freud nunca chegou a abordá-los. Para Moreno, a Psicanálise era restrita, ele acreditava que, nos métodos individuais, o paciente é sempre paciente; já os tratamentos com psicoterapia de grupo, o próprio paciente pode assumir diferentes papéis e ser um agente terapêutico de um outro do grupo.

A passagem do divã a um espaço livre pluridimensional foi de grande significado teórico e prático. Segundo Moreno, *"o grupo precisa não só de um cenário abstrato, mas de um espaço concreto no qual as interações entre os pacientes possam se realizar livremente"* (MORENO, 1993, p.24). Quando se conheceram, Moreno disse a Freud: *"Começo onde o senhor pára. O senhor analisa os sonhos de seus pacientes, eu tento dar lhes coragem para sonhar de novo"* (MORENO, 1978, p.54).

Até a década de 30 podem-se encontrar muitas contribuições não oficiais de experiências com grupos. No Encontro Anual da Associação Psiquiátrica Americana, conhecido como Simpósio da

Filadélfia, em 1932, o conceito de grupo, aplicado a fins psicoterápicos, ou seja, psicoterapia de grupo, tem em Moreno sua definição oficializada. Ele então declara: *Psicoterapia de Grupo "É uma forma de tratamento que se propõe, como tarefa, tratar tanto o grupo como um todo, como cada um de seus membros através da mediação do grupo"* (MORENO, 1993 p.13).

Em 1956, surgem dois movimentos significativos para a psicoterapia de grupo: Fritz Perls inaugura oficialmente a Gestalt-Terapia<sup>23</sup> e Eric Berne, psiquiatra americano, especialista em terapia de grupo, cria o termo Análise Transacional<sup>24</sup>. Em 1965, Carl Rogers apresenta sua obra "*Client centered therapy*", primeiro em terapia individual, depois, nos seus próprios grupos, a noção de "o grupo à escuta de cada um". Quando chega 1973, Moreno funda a IAGP - *International Association on Groups Psychotherapy*, entidade que congrega os trabalhadores grupais de todas as correntes.

Nos próximos itens desse capítulo, trago os conceitos psicodramáticos de maior destaque para o desenvolvimento dessa

---

<sup>23</sup> A Gestalt, uma das teorias psicoterápicas, defende a idéia de que o Todo é diferente da soma das partes, estabelece a lei que garante que não adianta analisar apenas as partes isoladas na tentativa de conhecer o conjunto.

<sup>24</sup> Análise Transacional "*é um sistema terapêutico baseado em uma teoria da personalidade que utiliza três padrões de comportamento distintos, ou estados de Ego: Pai, Adulto e Criança*". (COREY, 1983, p.125).

dissertação. Apresento o Encontro, a Matriz de Identidade, a Sociometria dos Vínculos, o Jogo Dramático entre outros, enquanto fundamentação teórica para, mais adiante, no momento da discussão, amarrá-los ao contexto esportivo. A ponte entre o Psicodrama e o Esporte merecerão capítulo especial, assim como a leitura das dinâmicas esportivas sob a lente psicodramática.

## O ENCONTRO

### A visão do Psicodrama

Para apontar uma visão de Homem, Moreno afirma primeiramente que não há possibilidade do Homem sozinho. O Homem só é Homem quando em relação. O Eu sozinho é uma ilusão, nenhum ser humano chega a lugar algum sozinho, ele não existe por si só, ou em outras palavras, ele ganha plena condição humana quando se relaciona, e esse é um dos temas centrais da Teoria Psicodramática.

Ao nascer, a criança não distingue entre o Eu e o não-Eu, passando a acreditar que todas as necessidades e interesses são únicos e universais. Seria como pensar: "O que Eu sinto é o que todos sentem"; "O que Eu penso o outro já sabe" ou "O que Eu

desejo é o mesmo que o outro deseja!" E assim ela segue no seu desenvolvimento intra-psíquico até o momento onde percebe que existe o outro.

De acordo com o esquema psicodramático de Desenvolvimento Humano, conhecido como **Matriz de Identidade** (apresentado neste trabalho mais adiante), após as primeiras fases de reconhecimento do Eu, toda criança passa pelo difícil momento do reconhecimento do Tu. Assim ela se dá conta: "Mas será que existe outra vontade diferente da minha?"; "Será que o outro sente uma coisa que eu não sinto?"

Esse processo, embora se inicie muito cedo em nossa vida, só atinge pleno desenvolvimento na vida adulta, afirma Fonseca Filho (1980, p.76). Segundo sua abordagem de saúde e loucura, o que torna o indivíduo sadio do ponto de vista psicológico, é a habilidade de reconhecer o outro.

Moreno introduziu também o conceito do fenômeno Tele para designar o conjunto de processos perceptivos que permitem ao indivíduo uma valorização correta de seu mundo circundante.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> De acordo com o "Dicionário de Psicodrama e Sociodrama", Tele é a faculdade humana de comunicar afetos à distancia. Moreno chamou de TELE a unidade mais simples de afeto transmitida de um indivíduo a outro em sentido duplo. Foi encontrado também no dicionário que o fenômeno TELE manifesta-se na vincularidade grupal como energia de atração, rejeição e indiferença e evidencia



Concordo com Fonseca Filho (1980), quando ele afirma que o fenômeno Tele não pode ser confundido com empatia, pois o primeiro não é um relacionamento de mão única, é sempre um relacionamento de dupla direção. No conceito Tele, há igualdade, reciprocidade e mutualidade.

O conceito Tele repousa no sentimento e conhecimento da situação real das pessoas envolvidas numa percepção objetiva e interna mútua entre dois indivíduos ou mais. Não significa que elas devam se aproximar uma das outras ou que passem a desenvolver sentimentos fraternos, mas significa sim, que ambas consigam perceber claramente o que ocorre entre elas.

Se um indivíduo valoriza de modo desigual a relação com o outro, então não há tele. Esse fenômeno é de extrema importância nos relacionamentos porque, assim como destaca Gonçalves, et al. (1988), se as pessoas comunicam-se com as outras a partir daquilo que elas são capazes de sentir, uma percepção equivocada da relação vai lhes conduzir a um tipo de postura ou a um modo impróprio de comunicação.

---

uma permanente atividade de comunicação co-inconsciente e co-consciente. (MENEGAZZO, 1995, p.207)

Na concepção moreniana, o Homem possui características inatas, fundamentais que precisam ser consideradas e respeitadas para o bom desenvolvimento e evolução do seu ser. Tais características são: Espontaneidade, Criatividade e Sensibilidade. Uma vez vivendo sob ameaça desses requisitos, o homem se torna desequilibrado e infeliz. Resta-nos o dever de buscar um resgate, uma recuperação desses fatores vitais. Em sua essência, o conceito de Espontaneidade se define como sendo *"a capacidade de agir de modo adequado diante de situações novas, criando respostas inéditas ou renovadoras ou ainda transformadora de situações preestabelecidas"* (MORENO, 1978, p.132).

A Espontaneidade não é somente um processo interno à pessoa, mas também o fluxo de sentimentos na direção do estado de espontaneidade de uma outra pessoa. É o contato entre dois estados de espontaneidade que vai determinar o grau de saúde do relacionamento. O homem espontâneo é um ser livre e criativo que sabe relacionar-se com o Tu.

Em seu livro "Quem sobreviverá? - Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama", publicado inicialmente em 1934, Moreno (1994) deixa transparecer que sobreviverá aquele que se propuser a estar constantemente treinando sua espontaneidade. Sugere isso porque, segundo sua visão, a vida na

sociedade atual tem a tendência de atribuir papel definido e rígido a cada pessoa e de maneira predominante, isto é, sem espaço para exercer outros tantos. *"O resultado é freqüentemente, o aumento, neste indivíduo, de sentimento de ansiedade, medo, ressentimento(...). Não obstante, as tensões podem ser reduzidas se permitirmos que sejam liberadas e canalizadas mediante o desempenho de papéis"* (Moreno, 1994 p.98).

Como no Pensamento Moreniano, o ser humano é um ser em relação, o homem em contato com outros homens tem a necessidade de assumir diferentes papéis que seriam desenvolvidos de acordo com a maturidade e exigência dessas relações.

O termo Papel foi definido por Moreno como *"a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos"* (MORENO, 1978, p.27). O desempenho de papéis é portanto anterior ao surgimento do Eu; é o Eu quem, todavia, emerge dos papéis e não ao contrário.

Para cada papel existe um papel complementar ou contra-papel. Papel e contra-papel são "coexistentes", "co-dependentes". Um bom desempenho daquele papel - conceito - permite presumir uma

adequada percepção do contra papel. Sendo assim, cada um de nós adquire e escolhe, ao longo da vida, um leque de papéis.

De acordo com o grau de liberdade e de espontaneidade, o processo de desenvolvimento dos papéis, conhecido como Teoria de Papéis, passa por 3 fases:

1º *Role - Taking*: tomando papéis; imitando.

2º *Role - Playing*: treinando papéis.

3º *Role - Creating*: criando novos papéis.

O que Moreno traz aqui de inovador, é a oportunidade de treinar papéis, na tentativa de melhor desenvolvê-los. O *Role-Playing* ou treinamento de papéis vai ser apresentado com mais detalhes no capítulo onde serão tratadas as técnicas utilizadas pelo Psicodramatista no contexto do Esporte.

Sintetizando a idéia do Eu indo em direção ao Tu para uma melhor evolução e desenvolvimento do seu próprio ser, Moreno convida ao Encontro, quando compôs o poema:

*"Um encontro de dois:*

*olho no olho e cara a cara.*

*quando estiveres perto arrancarei teus olhos*

*e os colocarei no lugar dos meus,*

*e tu arrancarás meus olhos*

*e os colocarás no lugar dos teus,*

*então te olharei com teus olhos  
e tu me olharás com os meus.  
Assim até a coisa comum serve ao silêncio  
e nosso encontro é meta sem cadeias."*

*(FONSECA FILHO, 1980, p.IX)*

Ele - Moreno - desafia todos para o que há de mais difícil nos relacionamento: O Encontro, conceito máximo de sua teoria. É um convite para a vivência simultânea e "bi-empática", o que denominou de *Relação Télica*. Segundo as pesquisas de Menegazzo (1995, p.81), as palavras Encontro e Tele eram muitas vezes usadas como sinônimas por Moreno.

Não apenas as relações de atração ou amistosas, mas também as hostis e de choque são fundamentais para chegar a um Encontro autêntico. *"O Encontro nunca pode estar preparado nem ser constituído antecipadamente, nem ser planejado, examinado, só pode acontecer sob a égide do momento."* (MENEGAZZO et al., 1995, p.81).

Esse acontecimento, que alguns podem viver eventual e repentinamente, escapa de definições lógicas. Seria como uma experiência de êxtase e de comunhão entre duas pessoas capazes de se colocarem realmente uma no lugar da outra com tamanha sabedoria e harmonia que, juntas, se compreenderiam mútua e

silenciosamente. Esse estado que mais parece "mágico", por não ter palavras exatas para defini-lo, é sintetizado por Menegazzo assim:

Para que tal encontro, extremamente difícil, mas não impossível, possa acontecer, para que possa florescer a verdadeira integração do Homem com os demais Homens, e da Humanidade consigo mesma, deverão ser superados os estereótipos técnicos, científicos e culturais, o que dará lugar, segundo Moreno, ao desenvolvimento da Liberdade, da Espontaneidade e da Criatividade (1995, p.81).

Neste momento, pesquisando sobre o encontro do Eu com o Tu, sobre a máxima dessa soma, onde o Nós extrapola a soma de suas partes como nos ensina a Gestalt, fui buscar em outras áreas - Filosofia e Sociologia, ressonâncias.

Na Filosofia, conforme aponta alguns trabalhos de Moreno, encontra-se Martin Buber. Na Sociologia, alguns trechos da obra de Norbert Elias (1994) corroboraram também com a percepção da interdependência entre o Eu e o Tu. Proponho agora, então, uma leitura resumida dessas contribuições.

### Outras visões do Nós: da Filosofia e da Sociologia

Parafraseando a expressão bíblica "no início é o verbo"; o filósofo vienense Martin Buber (1878-1965), contemporâneo de Moreno, diz: "*no começo é a relação*" (BUBER, 1974 p.20). Em 1923, publica, na Europa, o livro "Eu-Tu" que propõe ao homem uma existência fundada no diálogo.

Essa obra o consagrou mundialmente, tornando-se um dos mais conhecidos filósofos da época. Para esse famoso filósofo, o Eu-Tu seria anterior ao Eu, pois só existe o Eu na medida em que já se estabeleceu o Eu-Tu. Buber dá um exemplo fazendo uma relação entre o sentimento e o amor, e o conceito de nós. Para ele, os sentimentos, o homem os possui; porém, o amor não está ligado ao Eu, é algo que acontece entre dois seres humanos, além do Eu e aquém do Tu na esfera entre os dois.

Buber e Moreno, vivendo na mesma época em Viena, são considerados pela sociedade vigente como pensadores dialógicos, suas idéias são muito similares no sentido de convergirem para o encontro (FONSECA FILHO, 1980, p.50). Além do Hassidismo<sup>26</sup>, ambos tiveram influência do existencialismo.

---

<sup>26</sup> Movimento judeu que defendia, entre outras coisas a fé ortodoxa.

Segundo Fonseca Filho (1980) outras semelhanças existiam entre eles. Todos dois eram de origem judaica e tiveram suas obras marcadas por um profundo misticismo. Ambos colaboraram para a mesma revista "Daimon", por volta de 1918, mas com tudo isso, não se pode dizer que foram amigos. Moreno assume em seus escritos que foi influenciado por Buber, mas deixa expresso que só teve contato com ele após seus primeiros escritos sobre o Encontro (apud FONSECA FILHO, 1980, p.51).

A visão buberiana considera duas "palavras-princípio": o Eu-Tu e o Eu-Isso. Essas não significam coisas, mas anunciam relações e são proferidas e determinadas pelo ser. Buber (1974) entende que a primeira é um ato essencial do homem, uma atitude de encontro entre dois parceiros em reciprocidade e na confirmação mútua, já a palavra-princípio Eu-Isso seria a utilização que um toma do outro sob uma postura de tornar o outro um objeto.

Para esse autor, toda vida verdadeira é encontro. O que se apresenta diante de um Eu, pode ser um Tu ou um Isso, conforme a atitude do Eu. O Eu da palavra-princípio Eu-Tu é o todo ser, um Eu íntegro, enquanto que o Eu da palavra-princípio Eu-Isso é somente o ser parcial do homem. É preciso estar alerta ao equívoco de atribuir ao Tu o significado simplista de pessoa e ao Isso o significado de coisas, objeto. Eu-Tu não é exclusivamente a relação entre pessoas (BUBER, 1974).



Importante destacar que o mundo do Isso, ordenado e coerente, é indispensável para a existência humana. A atitude Eu-Isso não é negativa ou inferior, aponta Buber (1974), porém ele alerta: *"Se queres que te diga com toda a sinceridade da verdade, o homem não pode viver sem o Isso; mas quem vive somente com o Isso, não é homem"* (p.39).

Esse conceito de interdependência entre o Eu e o Tu não pode ser confundido com um fator de dependência. Compartilho da ressalva de Buber, ao afirmar que, se o Eu se torna Eu em virtude do Tu, não significa que este deve ao Tu o seu lugar. Esclarece ele que o Tu se presta a constituir, junto ao Eu, a relação. O Tu é responsável pela formação da relação Eu-Tu, e não para a formação exclusivamente do Eu. Posso dizer então que aquele é meu Tu somente na relação, pois, fora dela, ele não existe, assim como o Eu não existe a não ser na relação.

O sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) traz, através de uma de suas obras (ELIAS, 1994), a preocupação em refletir e esclarecer a relação existente entre **Indivíduo e Sociedade**. O autor, que recebeu o prêmio de melhor livro de Sociologia na Europa em 1987, deixa claro que nenhum dos dois existe sem o outro. Mais uma vez, agora sob uma ótica sociológica, a questão da interdependência entre o Eu e o Nós volta à tona.

Elias considera que cada pessoa está ligada à outra através de laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho, de afetos ou outro tipo. Ele mostra que em virtude dessa interdependência das funções individuais, as ações de cada indivíduo, para cumprirem as suas finalidades em uma sociedade tão complexa quanto a nossa, precisam vincular-se, ininterruptamente, formando longas cadeias de atos. Essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras é o que ele denomina de Sociedade (ELIAS 1994).

Para ter uma visão detalhada desse tipo de inter-relação, esse autor propõe que imaginemos uma rede de tecido. Seriam os indivíduos como fios isolados que se ligam uns aos outros, a uma combinação de relações entre eles, cada qual com sua tensão. Vale destacar a maleabilidade do fio, quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto, cada fio continua a constituir uma unidade em si com uma posição e uma forma singular dentro desse tecido. Neste sentido, Capra (1997), na sua concepção da Teia da Vida, corrobora essa visão de interdependência e mutua-responsabilidade perante cada um de nós.

Na atual condição humana, a ameaça da "identidade-nós" é acentuada, e cada vez mais estamos nos conectando com uma imagem distorcida e caótica de identidade. Para que isso se

reverta, não se pode iludir, em contorná-la através de uma forma intelectualizada, o problema concerne à fixação dos sentimentos e comportamentos individuais, da ampla consciência e transcendência das relações pessoais. Elias lança uma ousada profecia: *"A humanidade em si não está ameaçada por outros grupos não-humanos, apenas por subgrupos em seu próprio bojo"* (1994 p.187).

A relação de interdependência entre o Eu e o Tu na formação do Nós sofreu transformações. Um fator marcante, segundo Elias, foi o momento em que o homem, para saber se era um ser real ou pura ficção, proferiu a célebre frase cartesiana *"Cogito, ergo sum"*. Neste instante, esse ser "inteligente" funde as palavras *pensamento e existência*; a razão torna-se a única coisa real a existir por conseguinte é atingida isolada e individualmente. E juntamente aí, o homem se ilude acreditando que, por pensar só, sua existência se torna independente de qualquer outro TU e assim cai num afastamento profundo do Nós.

O que se pode apontar é que essa inovação, embora significativa, ainda conservou uma mentalidade limitada pois vê a confirmação da existência num único olhar. Ainda é usada uma lente individualizada. EU penso seria igual a EU existo? Mas se o EU só existe quando o TU entra em relação, como pensar só? Para se existir precisa-se de dois!?! Pensar em grupo, "pensar junto com"

para poder existir, para entender ainda mais o EU, o TU e o NÓS, aí talvez esteja o próximo desafio do terceiro milênio.

E tem mais, será que só através do pensamento é possível provar a nossa existência? O Psicodrama exclama que não! É o agir, o sentir antes de pensar, antes de julgar; e intuir, antes de teorizar, que nos mostra nossas facetas mais íntimas e peculiares. Quanto ao pensamento, não se deve excluí-lo, mas sim, não o deixar se tornar exclusivo para se saber quem somos.

*"O EU de Buber - propaga Moreno, num desabafo - não sai do livro para ir ao encontro do TU. A obra de Buber é uma intelectualização"* (FONSECA FILHO, 1980). Moreno na realidade queria dizer que sua teoria é de ação e no teatro e na dramatização (uma de suas técnicas aplicadas), o indivíduo não fica só na teoria, ele parte para uma transformação efetiva, de aproximação com o TU.

É compreensível que Buber, enquanto filósofo, tenha ficado mais no mental do que nas ações, mas cabem, então, a outros profissionais mais visionários, prosseguir no caminho. Um passo foi dado, o "descobrimento" através das idéias e palavras; agora o próximo, o "descobrir" fazendo, agindo e testando através da ação, pode ficar realmente a cargo dos psicodramatistas, dramaturgos e demais profissionais habilitados.

## MATRIZ DE IDENTIDADE

A teoria Psicodramática, em seu desenvolvimento teórico, definiu um processo de formação de identidade denominado de **Matriz de Identidade**. Moreno chamou-a também de **placenta social**, a maneira como se estabelece a comunicação entre criança e o sistema social da mãe, incluindo aos poucos os demais que a rodeiam (MORENO, 1978).

Entendo **Matriz de Identidade** como sendo o lugar onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas num determinado clima. Quando a criança nasce, ela entra num mundo no qual não diferencia pessoas de objetos, nem fantasia de realidade, por conseguinte não existem sonhos. Para a criança, só há um tempo: o Presente. A partir do momento que o bebe começa a diferenciar objetos de pessoas, surgem certos registros, imagens mentais possibilitando os sonhos. Aqui, as relações começam a ter certa distância.

Neste sentido, o primeiro momento de vida estaria marcado por um período de **identidade total**, no qual a criança ainda não se dá conta de que existe algo no mundo separado dela, tudo é ela ou pelo menos, extensão dela. O instante em que a criança começa a estabelecer uma certa distância entre ela e os outros é marcado

pela ocorrência daquilo que Moreno chamou de brecha entre a fantasia e a realidade. O bebê começa a perceber a existência de algo fora dele, da qual ele não tem total controle, coisas acontecem independentemente de sua ordem ou determinação e nem tudo ocorre para satisfazer as suas necessidades. A partir desse momento, o indivíduo começa a desenvolver dois novos e importantes conjuntos de papéis:

- **Papéis Psicodramáticos** - relacionados ao mundo de fantasia.
- **Papéis Sociais** - relacionados a seu mundo social.

Em termos práticos, constata-se o surgimento dos papéis psicodramáticos no momento da terapia num cenário psicodramático e os papéis sociais são aqueles vividos no cotidiano diário. Quanto aos primeiros eles serão melhor entendidos durante a apresentação do próximo capítulo deste trabalho.

A seguir, um resumo das etapas que Moreno descreve como formação da Identidade (MORENO, 1978; FONSECA FILHO, 1980).

## FASES DA MATRIZ DE IDENTIDADE

### 1ª Etapa

Conhecida como **Indiferenciação**. A criança é regida pelos mecanismos interceptivos e está misturada com o "mundo". Não distingue o eu do tu. Fase na qual a criança, a mãe e o mundo são uma coisa só.

### 2ª Etapa

Conhecida como **Simbiose**. Inicia-se o caminho para se adquirir identidade própria. Tenta discriminar o outro mas ainda mantém uma ligação muito forte com a mãe. Seria a persistência de um cordão umbilical psicológico. Fase da identificação.

### 3ª Etapa

Conhecida como **Reconhecimento do Eu**. Trata-se de um movimento centrípeto sobre si mesma. Já percebe que seu corpo está separado da mãe, dos outros.

### 4ª Etapa

Conhecida como **Reconhecimento do Tu**. Trata-se agora de um movimento centrífugo, no qual a criança vai descobrir o outro. A reação que o outro sente e expressa em relação às suas iniciativas.

### **5ª Etapa**

Conhecida como **Relação de Corredor**. A criança nesta fase estabelece relacionamentos exclusivistas e possessivos. A imagem da criança e do outro estão presentes de maneira concomitante. Ela está identificada como pessoa, distingue o tu, mas sente que esse tu existe só para ela.

### **6ª Etapa**

**Período de Pré-Inversão**. Neste momento, a criança brinca de tomar o papel do outro no "faz-de-conta, por exemplo, "eu sou o professor". Ainda sim, não está caracterizado a inversão total, nem há reciprocidade. Ela ainda não atingiu o desenvolvimento télico completo. Nesta fase, embora ela se arrisque a tomar o papel do outro, não consegue suportar o outro no seu papel.

### **7ª Etapa**

**Período da Triangulação**. De um relacionamento mais bi-pessoal ela amplia e agora passa a ser triádico. Num dado momento ela percebe que não é a única para seu Tu, agora existe um Ele. É um Ele que tem relação com seu Tu, e aí pode haver uma sensação de perda do Tu. Aqui se forma a base da socialização.

### **8ª Etapa**

Também conhecida como fase da **Circularização**. Ultrapassada a fase triangular a criança estará preparada para relacionar-se



com mais pessoas. Aqui é representada a entrada do ser humano na vivência sociométrica dos grupos, em que se estabelecem relações diretas e indiretas (as relações Tu - Ele).

### **9ª Etapa**

**Período de Inversão de Papéis.** Depois de todo esse "treinamento" de papéis, jogando no papel do eu, do tu, do ele, do eles e do nós, é que o indivíduo vai atingir a plena capacidade de realizar uma relação de reciprocidade. À medida que o ser humano ganha capacidade para se colocar no lugar do Tu e permite a colocação deste em seu lugar, ele também ganha um melhor conhecimento da realidade de outros mundos pessoais e conseqüentemente do seu próprio. É a culminância do processo de desenvolvimento do fator Tele.

### **10ª Etapa**

Aqui brilha o Encontro! Trata-se, segundo Moreno, de um momento especial. É um momento de pura espontaneidade e criatividade que representam a verdadeira saúde da relação. Ganha a conotação, segundo ele, de um "orgasmo vital", é a sensação da explosão de "centelhas divinas" na fração de tempo em que se perde a identidade pessoal temporal e espacial. É voltar às origens. É a re-conexão com o cosmos através dos elementos básicos universais latentes que todos carregam dentro de si.

Enquanto a fase de inversão de papéis começa por volta dos 2, 3 anos, esta fase segue um longo processo de aprimoramento chegando ao seu cume somente na vida adulta após um amadurecimento emocional mais efetivo. O fator tele, da mesma maneira, intensifica-se também com a maturidade.

Quanto ao Encontro, esse estado de se sentir conectado com o outro verdadeiramente, cabe a poucos alcançá-lo, na visão de Moreno (1978), pois não se trata de tempo para amadurecimento. O Encontro pode ser vivido na adolescência, na vida adulta ou nunca ser vivido, por não se tratar de algo fácil de ser atingido.

Seguindo pelo caminho do Encontro, do relacional, tratarei agora de um conceito muito aceito no meio psicodramático que é o Vínculo<sup>27</sup>. Como as pessoas estabelecem seus relacionamentos ou pelo menos, baseados em que eles se configuram? Ou ainda, o que faz um vínculo permanecer e, melhor ainda, evoluir enquanto os outros estão fadados ao rompimento?

---

<sup>27</sup> Utilizado para designar algum tipo de ligação entre uma pessoa e outra, podendo esta outra ser também um objeto, um animal, uma situação ou um elemento qualquer do meio. Descreve, portanto um fenômeno relacional e muitas vezes aparece como sinônimo de relação (AGUIAR, 1990 p.47).

## SOCIOMETRIA DOS VÍNCULOS

Aguiar (1988) aponta a existência, dentro do Psicodrama, de uma área específica na qual se estudam as leis que regem o comportamento social. A essa área dá-se o nome de **Socionomia** utilizada como um dos seus instrumentos básicos à Sociometria.

**Sociometria** é a representação métrica desses fenômenos pesquisados (AGUIAR, 1988) e utiliza-se do teste sociométrico - um teste aplicado com o objetivo de avaliar as relações entre as pessoas.

No término de uma análise sociométrica, é possível constatar quais elementos do grupo estão mais em evidência e quais são os líderes efetivos ou líderes em potencial; visualiza-se também os indivíduos isolados, rejeitados ou indiferentes, quando há. Neste sentido, esse teste pode dar uma imagem ou "fotografia" de como se encontram, naquele determinado momento da aplicação, sob determinados critérios, as relações interpessoais do grupo.

Partindo dessa visão de Sociometria, de verificar as formas de relacionamentos, Aguiar (1990) traz o conceito de **Sociometria dos Vínculos**. Segundo este autor, os vínculos apresentam

diferentes formas ou configurações na medida em que sejam **Atuais, Residuais ou Virtuais**.

Esses tipos de relacionamentos podem também abranger mais de uma dessas categorias simultaneamente. De acordo com as definições na tabela a seguir (Tab.6), é possível distinguir os diferentes tipos de relacionamentos pelos quais as pessoas estão envolvidas.

<b>Sociometria dos Vínculos</b>
<b>ATUAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ Aqueles que se verificam nas relações concretas, no plano da realidade.</li> <li>◆ Os papéis constituem sistemas pluri-unívocos de expectativas, multilateralmente confirmadas, que balizam a complementaridade das relações executadas pelos parceiros em função de um objetivo comum.</li> </ul>
<b>RESIDUAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ Aqueles que no passado foram vínculos atuais e que se encontram desativados.</li> <li>◆ Vínculos que têm uma história de realidade, mas sua existência atual está na fantasia como memória.</li> </ul>

VIRTUAIS
----------

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>◆ O âmbito dos vínculos é a fantasia, não há na vida real.</li> <li>◆ Enquadram-se nesta categoria os vínculos que o sujeito estabelece com objetos, personagens imaginários ou míticos.</li> <li>◆ A configuração sociométrica desses vínculos é mais estável do que os vínculos residuais; estes, muito mais do que os atuais; uma vez que não estão sujeitos à confrontação com a realidade, nem no presente nem no passado.</li> </ul> |
|---|

Tab.6. Sociometria dos Vínculos. Baseada em AGUIAR, 1990.

Considerando esse quadro, entendo que qualquer indivíduo, tendo optado, às vezes, inconscientemente, por um tipo de vínculo, corre o risco de encontrar problemas quando entra em contato com outrem, possuidora de uma nova proposta de vínculo. Na rotina do dia-a-dia, tipos de vínculos, diferenciados numa mesma relação, impedem a livre expressão dos papéis.

Concordo com Aguiar ao esclarecer que, para ter garantido espontaneidade, criatividade, enfim, saúde no relacionamento, os envolvidos precisam estar a cada momento, reformulando e readaptando suas percepções do campo sociométrico em que se situam. *"Tal reformulação - explica ele - implica conferir contínua e permanentemente o "projeto" - para onde caminham as*

*ações conjuntas - e a própria escolha sociométrica, a fim de se evitarem os desgastes decorrentes das incongruências"* (AGUIAR, 1990, p.53).

Vale destacar que um indivíduo vivendo uma ligação patológica nos vínculos familiares, pode, com ela, contaminar outras relações, por exemplo, as profissionais. Uma experiência muito conturbada e desajustada, com certeza, abala um ser por inteiro. Quem espera, por muito tempo de uma mesma pessoa, um tipo de postura ou vínculo, e não encontra, aquela expectativa tende a se tornar crônica, e o sujeito passa a procurá-la aleatoriamente nos demais relacionamentos. Até que ele tome consciência dessa situação, seu psiquismo permanece míope e doente.

Tratarei agora de apresentar alguns recursos psicodramáticos que servem, entre outras coisas, para se restabelecer a saúde dos vínculos.

### O JOGO DRAMÁTICO

Todo jogo traz em si elementos de "como se" e se constitui num atividade de importância central através da Vida. Moreno discordava das idéias de Freud sobre o abandono do jogo na

idade adulta. Vejo como pertinentes as palavras de Peter Kellermann: *"na medida em que crescemos, o jogo se torna mais ritualizado, estruturado e controlado, mas não desaparece: coexiste com a imaginação, durante toda a vida."* (1998, p.133).

O psicodramatista vê o jogo como um meio ativo de administrar a ansiedade e de aprender o comportamento socialmente adaptativo, e essa crença não é só dele, os piagetianos e muitos outros educadores, como por exemplo, Winnicott, lêem em cartilha bem parecida.

O jogo dramático (J.D.), recurso amplamente utilizado pelo psicodramatista,

é uma atividade que propicia ao indivíduo expressar livremente as criações do seu mundo interno, realizando-as na forma de representação de um papel, pela produção mental de uma fantasia ou por uma determinada atividade corporal. O jogo dramático permite pois, que o indivíduo descubra novas formas de lidar com uma situação que poderá ser semelhante a outra situação de sua vida (MONTEIRO, 1979, p.7).

Sintetizando a definição de jogo dramático, Yozo (1996) esclarece que é jogo aquilo que promove o lúdico, em virtude da aparência de brincadeira que nos aproxima de nossa criança

interna; e é dramático pela proposta em trabalhar os conflitos que surgem.

Motta (1995) considera o J.D. um instrumento que permite uma transformação do jogador. O fato de ocorrer um *insight* no jogador, que possibilite mudança e crescimento, é o que diferencia um jogo de percepção, de um jogo dramático.

Segundo Yozo (1996), os J.D. possuem características fundamentais. São elas:

- a) É uma atividade voluntária. Sem a disposição e envolvimento de cada participante fica difícil prosseguir no jogo;
- b) Tem regras específicas e absolutas. Pelo menos para o início de cada etapa, os participante precisam estar de acordo com elas. Havendo necessidade de se transformar alguma regra, um novo jogo passa a acontecer;
- c) Tem um tempo delimitado. Pode variar de acordo com as exigências do grupo;
- d) Tem um espaço específico que é o contexto psicodramático;
- e) Há um resgate da ordem lúdica, há uma predisposição para se entrar no "faz-de-conta";
- f) Tem um objetivo específico: busca a identificação e a resolução de conflitos.



Existem princípios fundamentais no jogo dramático que seguem a mesma estrutura básica de uma sessão psicodramática onde se consideram os cinco instrumentos e as três etapas para a sua operacionalização.

Os instrumentos<sup>28</sup>, segundo Yozo (1996, p.21) são:

1) **Diretor.** Aquele que tem a função de produzir, dirigir e analisar os dados que vão emergindo, complementando e ampliando essa "leitura" para todos do grupo.

2) **Ego-Auxiliar.** É o intermediário entre o Diretor e o Protagonista. Além de representar papéis determinados pelo diretor ou pelo protagonista, ele age como facilitador de *insights*. Essa pessoa auxilia tanto o diretor como o protagonista.

3) **Protagonista.** É quem centraliza o J.D.. Ele constrói o contexto dramático, desenvolve o tema central, desempenha papéis, expõe sentimentos e conflitos. Pode ser uma ou mais pessoas, ou ainda, o grupo todo.

---

<sup>28</sup> Recursos utilizados para executar o método psicodramático e suas técnicas (YOZO, 1996, p.20)

4) **Cenário.** Local onde se constrói o contexto dramático. É o campo de trabalho de diretor. É o espaço onde acontece o "como se", onde tudo é permitido, dentro das regras pre-estabelecidas, pelo grupo e pelo jogo em si.

5) **Platéia, Público ou Auditório.** São os participantes que ficam no contexto grupal durante o jogo. Esses colaboram nos comentários, podendo compartilhar seus sentimentos com o grupo.

As fases de procedimento na utilização de um J.D. chamam-se **Etapas do Jogo** (YOZO, 1996). Na realidade, tratam-se também das fases de uma sessão psicodramática, de uma dramatização qualquer neste contexto. São elas:

### **1. Aquecimento**

Todo jogo é iniciado por um aquecimento. É a etapa onde o grupo vai se preparar para uma nova situação, desafio ou reflexão. O grau de ativação ou aquecimento precisa estar num ponto médio de tensão, não tão alta que desestruture o grupo, nem tão baixa que não mobilize nos participantes compromisso e motivação diante da proposta. Ele está dividido em:

1.a) **Aquecimento Inespecífico** - aquele que se inicia no primeiro contato do grupo com o diretor e vai até a escolha do J.D.;

1.b) **Aquecimento Específico** - aquele que ocorre, já dentro do contexto dramático, no local onde os participantes são preparados para a construção dos papéis já mais específicos.

## **2. Jogo ou Dramatização**

Este deve conter uma proposta que atenda à necessidade e facilite a realização do projeto do grupo. Importante destacar que para a aplicação dos J.D., deve-se considerar dois aspectos de fundamental importância: o indivíduo e o grupo. O trabalho de grupo não pode ser confundido como sendo uma terapia individual com platéia.

## **3. Compartilhar**

Momento em que o grupo tece comentários a respeito do que sentiu, viu e viveu. Alguns conflitos também podem ser expressos nesta etapa. Em casos específicos, após o compartilhar, pode surgir um espaço para um processamento do ocorrido, isto é, o diretor ou Egos fazem uma re-leitura do jogo ou dramatização. Esse processamento pode ser mais teórico, para maiores explicações ou introdução de conceitos.

A esse respeito convém esclarecer que J.D. e *role-playing* são ações diferenciadas num trabalho com Psicodrama. Embora parecidos e tratados como sinônimo por alguns, o treinar papéis do *role-playing* é diferente do "faz-de-conta" do J.D. sob o

ponto de vista de quem propõe. Tomarei com referência a visão de Datner:

O que diferencia o J.D. do role-playing é a questão protagônica. No role-playing a dramatização é centrada na questão levantada pelo protagonista e apropriada pela platéia-grupo. No J.D. o tema protagônico é de carácter grupal, trata-se de uma situação do grupo, do seu funcionamento. O protagonista é aquele que traz uma situação que envolve o grupo e, por isso, é seu drama que vai para o cenário. No jogo dramático joga-se entre personagens fictícios, um jogo lúdico, que não pertence ao espaço do role-playing. O jogo é do grupo porque é ele quem dá o tom à trama que é dele à medida que o cria (DATNER, 1995, p.85-94).

O trabalho em grupo é bem aceito por pessoas que se abrem para encontrar no outro situações semelhantes às suas e assim passam a compreender melhor as coisas. O indivíduo não só recebe ajuda no momento de crise, mas também tem a chance de dar apoio ou seu parecer para o outro integrante do grupo.

Gostaria de salientar uma característica valiosa desse trabalho. O indivíduo que participa de grupo em Psicodrama, embora possa estar vivendo um conflito, no momento em que ouve a angústia do outro, muitas vezes, entra em contato com o seu lado equilibrado, sadio, que todos nós temos e a partir daí, viabiliza

uma "saída" para o problema. É através da saúde que existe nele e estava despercebida, que o indivíduo tem a chance de ver seu conflito por um outro ângulo e, assim, ter possibilidades de digeri-lo melhor. Sendo assim no trabalho em grupo o indivíduo não só recebe ajuda no momento de crise, mas também tem a chance de dar ajuda e apoio para o outro integrante do grupo.

O trabalho em grupo é também muito bem aceito por adolescentes. Um adolescente sozinho, geralmente sente-se em evidência, mas, no meio dos outros, ele pode se tornar igual. É o anonimato do coletivo que talvez o tranquilize. O J.D. é uma técnicas muito utilizada quando se trabalha, principalmente, com adolescentes (LEÃO, 1999).

Segundo Castanho (1995), o jogo é fundamental no trabalho com adolescentes, pois nesta fase eles, geralmente, estão vivendo momentos de grande confusão interna, e a ansiedade impede a discriminação das emoções. Neste sentido, expressar sentimentos e conflitos sem precisar se utilizar da palavra pode ser de grande valia. Para ela *"É um mostrar-se-escondendo, ou falar-sem-dizer que acaba revelando aquilo que permanecia tão difícil de ser exteriorizado"* (CASTANHO, 1995, p.24).

O adolescente que está vivendo períodos de vislumbres de seu ingresso para a vida adulta pode estar cheio de temores e

desconfianças, afirma Almeida (1996). Segundo esse autor, *"a festa de passagem existe de forma ritualizada nas sociedades primitivas e de forma simbólica nas mais evoluídas, com o objetivo de pôr a prova a capacidade do jovem em ser adulto"* (p.103). Seria como o segundo nascimento, onde ele precisa ter domínio de si mesmo, lealdade com os compromissos e com as pessoas, enfim, preparo para conseguir construir suas crenças e uma nova identidade.

Lobo (1990) entende que o adolescente vai eleger sua identidade de acordo com o modelo das imagens das pessoas de seu convívio. A esse respeito ela reforça:

no temor do crescimento e na angústia de entrar no mundo adulto, muitas vezes o adolescente procura um refúgio em seu mundo interno, esquivando-se dessa forma do mundo que o rodeia, iniciando-se assim uma luta entre sua necessidade de independência e sua nostalgia da perda de apoio (p.400).

Como esses adolescentes estão saindo da fase mais infantil do egocentrismo e da adoração mitificada dos pais, em alguns casos, esses - os pais - não se tornam a fonte mais procurada de informações e parâmetros. Tornam-se até, em alguns casos, fonte de confronto, diferenciação, e a preocupação pode passar a ser o seguinte questionamento: em que eu sou diferente de

meus pais?". Diante disso, como a necessidade de se identificar com os outros ainda é grande, o adolescente procura encontrar os grupos sem a ajuda dos adultos. São os companheiros da mesma faixa etária, diz Lobo (1990), que o vão ajudar a encontrar sua própria identidade.

Pensando em termos de Matriz de Identidade, pode-se perceber que o adolescente vai redimensionar todo o seu processo: corredor, triângulos e inversão de papéis, pois está passando justamente pela etapa conhecida no Psicodrama como Rematrização devido as alterações que estão ocorrendo no seu psiquismo (LOBO, 1990).

Neste sentido, Almeida (1996) aponta uma proposta:

Preparar os jovens para seu crescimento, não é ajustá-los ou adaptá-los, mas despertar-lhes as condições emocionais, intelectuais e pragmáticas para vencer o desafio pós-moderno e, assim, transformar o mundo, quando não, o seu mundo. Com alegria, pois a alegria fará parte do cotidiano; com coragem, pois ela será necessária para enfrentar as dores; com discernimento, pois ela será fundamental para decidir por caminhos construtivos. Manter a criança dentro de si para permitir a bravura da interrogação, a honradez do indignar-se, a vibração com o espanto. Então a vida será vista a cada minuto como admirável novidade (p.104).

Conforme apresentado então, a vivência de jogos dramáticos num grupo, seja ele composto por adolescentes ou não, é um grande recurso para a transformação e conscientização dos aspectos psicológicos. Trarei agora, numa abordagem mais genérica, as técnicas que são mais utilizadas pelo psicodramatista numa sessão psicoterápica.

São três as técnicas básicas do Psicodrama para aplicação num grupo. Na realidade, elas estão relacionadas com as fases do desenvolvimento na Matriz de Identidade.

Para a primeira etapa da matriz, conhecido como Indiferenciação, é indicada a Técnica do Duplo. Aqui, o grupo trabalhado estaria começando e, por estar numa fase inicial, poderia necessitar de alguém auxiliando ou executando para ele aquilo que ainda não pode fazer por si mesmo, assim como a mãe com seu bebê. Essa técnica é feita pelo ego-auxiliar ou pelo diretor num determinado momento da dramatização no qual o protagonista não está conseguindo se expressar (GONÇALVES, et al., 1988). Essa intervenção pode ser uma postura corporal mais acentuada, ou uma expressão verbal. Essa mensagem deve possibilitar um *insight*, isto é, uma nova idéia para o protagonista.



Entrando na segunda etapa até a terceira, conhecida na Matriz como Simbiose e Reconhecimento do Eu, respectivamente, utiliza-se a Técnica do Espelho (GONÇALVES et al., 1988). Na infância, a criança concentra sua atenção no outro e, nesse costume, assusta-se quando olha no espelho e se vê refletida, por esse paralelismo Moreno atribui essa denominação. Aqui, o ego ou o diretor espelham o protagonista, repetindo corporalmente e/ou verbalmente na sua própria frente algo que este não está enxergando.

Outra maneira de aplicar a técnica do espelho é retirando o protagonista da cena, e se colocando no lugar dele, ou solicitando que o ego o faça. Agindo assim estará afastando-o, momentaneamente, daquilo que ele, por estar tão próximo, não consegue perceber.

Segundo Gonçalves et al. (1988), a terceira técnica básica do Psicodrama requer um amadurecimento emocional maior do indivíduo ou do grupo. Trata-se da capacidade de que cada um possui de, ao reconhecer o outro, poder inverter papéis com este. Essa Técnica de Inversão de Papéis corresponde ao terceiro estágio da Matriz, em que o protagonista se dispõe a se colocar no lugar do outro. A intenção é que ele represente o papel de alguém, em vez de apenas falar sobre essa pessoa. É a proposta viva do fazer/reviver ao invés de contar.

Na visão de Moreno, a inversão ou troca de papéis é o motor que propulsiona o Psicodrama. Corrobora com ele, Cukier (1992) ao afirmar que *"essa talvez seja uma das técnicas clássicas mais utilizadas na clínica"* e acrescenta: *"Ela propicia, além da vivência do papel do outro, o emergir de dados sobre o próprio papel que, sem este distanciamento, não seria possível"* (p.44).

A partir dessas técnicas básicas, duplo, espelho e inversão, os psicodramatistas criam e desenvolvem outras técnicas com esses princípios comuns.

Existe uma relação muito estreita entre o desenvolvimento da Matriz de Identidade e a evolução dos grupos. Observe na tabela seguir (Tab.7), a correlação de J.D. à luz da Matriz de Identidade e a Teoria de Papéis. Assim como a criança desenvolve seus papéis de acordo com suas relações e vínculos, formando desta maneira sua identidade enquanto indivíduo, o grupo, num jogo dramático, também passa por semelhante processo evolutivo. Para Yozo (1996) esses momentos podem ser divididos em:

1. **Eu-Comigo:** É o momento em que o indivíduo se pergunta: "quem sou?", "como me sinto no grupo?". A identidade dele e a do grupo ainda não estão bem delimitadas. Corresponderia à primeira fase da Matriz -Identidade do EU.

2. **EU e o Outro:** Depois de auto-identificada, a pessoa parte para a pergunta: Quem é o outro? Como me aproximar e como me sinto diante dele? Está relacionada à segunda fase da Matriz -Reconhecimento do EU.
3. **Eu com o Outro:** Agora principia a inversão de papéis, o sujeito procura perceber quem é o outro, como ele se sente, pensa e como me vê. Corresponde à terceira fase do reconhecimento do Tu.
4. **Eu com Todos:** Somente após a percepção de si mesmo e o reconhecimento do outro, é que se amplia a visão do grupo, estabelecendo uma relação com todos, em busca de uma coesão grupal (Identidade grupal da Matriz).

Esse apanhado de informações técnicas foi exposto com o objetivo de servir de base para a compreensão dos relatos do próximo capítulo. Por ocasião do detalhamento das minhas experiências profissionais no Esporte, farei uso dessas técnicas, e, assim, o leitor poderá acompanhar melhor o trabalho.

FASES DA MATRIZ	CLASSIFICAÇÃO	FASES DO PAPEL	CARACTERÍSTICAS	INTER-RELAÇÃO	TIPOS DE JOGOS
1ª Fase (EU-TU) Fase do Duplo	Identidade do Eu (Eu-comigo)	Role-taking (adotar)	Sensação, princípio de percepção e de integração	Sem contato físico (Individual)	Aquecimento, apresentação, relaxamento/ interiorização e sensibilização.
2ª Fase (EU-TU) Fase do Espelho	Reconhecimento do Eu (Eu e o Outro)	Role-playing (jogar)	Sensopercepção e princípio de Comunicação	Sem e/ou com pouco contato físico (individual e/ou duplas)	Percepção de si mesmo, percepção do outro e pré-inversão
3ª Fase (EU-ELE) Fase da Inversão (EU-NÓS)	Reconhecimento do Tu (EU como o Outro) (eu com Todos)	Role-creating (criar)	Comunicação e Identidade Grupal	Permite contato físico (em duplas, trios, quartetos... até o grupo todo)	Jogos de personagens/papéis, inversão de papéis e identidade grupal/encontro Jogos sócio-psicodramáticos ou jogos grupais

Tab. 7. Tabela geral

de classificação

de Jogos Dramáticos

(YOZO, 1996, p.31)

#### IV. O ENCONTRO ENTRE PSICODRAMA E ESPORTE

*"Naquele dia de julho ali estavam eles habitando castelos. Sem serem nobres, eram reis... Naquele dia de julho um desses reis sentiu a expectativa maior: em breve seria o glorioso Herói. A consagração seria também seu fim: não mais um jovem, mas um deus.*

*Em busca da verdade, seus olhos reviraram à procura de si mesmo, os músculos tremeram, os membros convulsionaram, quebrando o corpo idolatrado que o aprisionava. E como era protagonista emergente do grupo, todos que o cercavam com ele se identificaram, solidarizaram-se e compartilharam o mesmo sentimento. E todos os corpos quebraram juntos. A vitória seria a Liberdade - Igualdade - Fraternidade. Na derrota a reconciliação com a fragilidade humana. Um não ao ego ideal, um sim à necessidade de um ego auxiliar."*

*Luís Falivene R. Alves<sup>29</sup>*

A razão da longa epígrafe acontece em virtude da grande admiração de que tenho por essa matéria de Falivene. O encontro deste texto que se propõe a "ler" o Esporte à luz do Psicodrama

---

<sup>29</sup> Esse texto não publicado oficialmente, foi a mim apresentado, pela psicodramatista Cida Davoli, numa singela folha de sulfite.

foi para mim uma alegre surpresa, pois senti minhas propostas nutridas e apoiadas.

Psicodramatista respeitado no meio acadêmico e terapêutico, Falivene consegue fazer do estresse, poesia, e da angústia, prosa. Utilizando-se de uma linguagem figurada, esse autor conta de uma maneira diferenciada, a experiência vivida no dia do jogo final da Copa do Mundo de Futebol de 1998, na França. Característica marcante e peculiar do Psicodrama, o faz-de-conta, entra em cena.

Imagine o estádio de futebol se transformando em castelo, e os "nobres" de uniforme verde amarelo adentrando aos gramados. A possibilidade de saltar da vida simples, que a maioria deles vivenciaram na infância, para o estrelato deveria ser o sonho dos 11 jogadores e de todo o resto da equipe. Mas para um, os holofotes se voltavam com mais energia: Ronaldinho foi eleito, ainda que inconscientemente, por quase todos os brasileiros, para ser o "Hobin Hood" e, da França, tirar o Brasil da miséria. Porém, a luz foi demasiada, e ofuscando sua vista, travou-lhe as pernas, os olhos e o coração desse "quase-herói". Falivene termina seu texto expressando um protesto contra o ego ideal, aquele que nasce no sonho, mas não se adapta a realidade, não pode viver no presente. E encerra a frase sugerindo mais egos

auxiliares para esses "meninos". Seria o Psicólogo do Esporte um candidato?

Atrever-me-ia a responder sim, pois sendo exigido também do ego auxiliar o cuidado com a sua formação profissional, sua função no trabalho clínico poderia trazer benefícios à prática da PE. Para Bermúdez,

Os egos auxiliares são integrantes da equipe terapêutica, com conhecimento psicológicos e treinamento psicodramático prévio. São elementos fundamentais para a dramatização, já que devem colaborar diretamente com o protagonista, encarando personagens e criando o clima necessário para o processo terapêutico (1970, p.28).

Valendo-me desses comentários sobre o texto de Falivene para abrir as portas do capítulo: Psicodrama no Esporte, e já iniciando uma discussão sobre como pode ser o trabalho do psicodramatista no contexto esportivo, convido o leitor para conhecer mais detalhadamente alguns jogos dramáticos que são aplicados na prática da PE.

No início dessa dissertação, tratei primeiro de apresentar a Psicologia e o Esporte como pano de fundo para se apoiar a Psicologia do Esporte e, em seguida, procurei abordar o

Psicodrama como ferramenta de atuação e principalmente para a compreensão das dinâmicas envolvidas no contexto esportivo. Agora neste capítulo apresentarei uma síntese.

Será possível perceber aqui também, por que escolhi o Psicodrama para fundamentar meu trabalho no Esporte, e quais as possibilidades da aplicação dos jogos dramáticos em diferentes grupos e no atendimento individualizado. Utilizando algumas de minhas experiências pessoais, profissionais como ilustração, descrevi o que tenho feito dessa união: Psicodrama e Esporte, aproveitando a ocasião para fazer uma leitura de tais situações à luz do Psicodrama.

### POR QUE PSICODRAMA NO ESPORTE ?

É com uma bola na mão, com uma raquete ou uma fita de ginástica rítmica, por exemplo, que o esportista poderá ter a oportunidade de Ser e estar em Relação. É através dessa manifestação que o esportista terá a oportunidade de realmente dar margem à sua criatividade. Ele se aquece, respira fundo e vai para o seu "palco" mostrar o seu ato criador, servindo-se para isso, não da palavra mas sim do seu movimento corporal. Esta expressão é observada por muitos que como ele aprendem o que é Ser.



Geralmente depois, senta-se no banco para avaliar seu jogo, seu desempenho, conversando com toda sua equipe técnica.

Essa narrativa acima pode ser lida de duas maneiras. Entendendo como uma simples descrição de uma competição ou apresentação esportiva ou utilizando-se o "óculos": Psicodrama. Pelas lentes desses óculos veríamos:

1. a bola ou a fita como objeto intermediário<sup>30</sup>, recurso amplamente utilizado pelos psicodramatistas; sendo utilizado para que o atleta expresse a sua excelência com mais facilidade;
2. a criatividade e a espontaneidade sendo vivida por conta da apresentação da dança, ou do jogo de futebol;
3. o atleta passando pelas três fases fundamentais de um jogo: o aquecimento, a dramatização - quando ele está no campo ou no ginásio - e finalmente quando, no vestiário, por ocasião do final do jogo, ele entra na terceira fase, do compartilhar.
4. A escolha da utilização da linguagem corporal em detrimento da verbal, para melhor fluidez da expressão;

---

<sup>30</sup> *"Objeto intermediário é qualquer objeto que funcione como facilitador do contato entre duas ou mais pessoas. Uma bexiga, uma folha de jornal servem para intermediar a comunicação e são veículos da expressão de afetos. Esse objeto possibilita um distanciamento que relaxa o campo e com isso há um enriquecimento das relações."* (CASTANHO, 1995, p.32).

5. A importância fundamental da relação protagonista-plateia, aqui no caso; atleta-torcida, para o desenvolvimento de diferentes aprendizagens.

A razão pela qual preferi adotar o Psicodrama para desenvolver a prática da PE, conforme descrito em trabalhos anteriores (FRANCO, 1990), repousa nas semelhanças que encontro entre esta corrente e o Esporte. As frases abaixo, válidas para o Psicodrama podem, muito bem, ser encaixadas no Esporte:

- \* considera o Homem um ser espontâneo por natureza;
- \* acredita que seu desenvolvimento se dá na relação EU-TU;
- \* utiliza-se da ação, da energia fluente e dinâmica;
- \* valoriza o jogo como uma das formas de aprendizagem;
- \* trabalha com os diferentes papéis que cada um assume nos diferentes contextos.

Partindo do Esporte, encontro afirmações pertinentes ao Psicodrama, como por exemplo no Documento do Comitê Executivo do Conselho Internacional de Ed. Física e Esportes<sup>31</sup> que afirma:

- \* O esporte favorece os encontros entre os Homens.
- \* O esporte dá oportunidade para conhecer a si próprio de se exprimir, de se desenvolver.

---

<sup>31</sup> Universidade de São Paulo, 1982

\* O esporte de competição pode responder a inúmeras exigências fisiológicas e psicológicas.

Destacadas essas declarações observo o Psicodrama e o Esporte bem próximos. As semelhanças entre eles se estendem quando se compara seus Instrumentos (Tab.8):

<i>Psicodrama</i>	<i>Esporte</i>
Palco	Quadra, campo, piscina...
Protagonista	Atleta
Diretor	Técnico
Egos auxiliares	Assistente técnico e equipe
Público	Torcida

Tab.8. Semelhanças entre os Instrumentos do Psicodrama e o Esporte (FRANCO, 1998a)

E quando se relaciona suas Etapas (Tab.9):

<i>Psicodrama</i>	<i>Esporte</i>
Aquecimento inespecífico	Aquecimento físico
Aquecimento específico	Preleção
Dramatização	Jogo ou competição
Comentários/ Compartilhar	Comentários

Tab.9. Semelhanças entre as Etapas do Psicodrama e o Esporte (FRANCO, 1998a)

Importante ressaltar que, no primeiro quadro (Tab.8), os papéis relacionados, como por exemplo: Protagonista - Atleta; Diretor - Técnico; podem ser invertidos dependendo do cenário, do objetivo do trabalho. Isso quer dizer que tanto o atleta pode ser o protagonista quanto, noutros momentos, ser o público, por exemplo. O técnico pode estar no centro do contexto psicodramático e ser ele próprio o protagonista. Existe um grande leque de possibilidades.

Pude constatar isso num dos encontros com pré-adolescentes de uma equipe de basquete masculina. Os atletas, jogando sob pressão dos gestos incontrolados e quase histéricos do técnico, não avaliavam direito que sentimentos realmente levavam-no a se comportar daquela maneira. Num dos encontros semanais, atletas, técnico e psicóloga puderam esclarecer melhor essa conduta. O Técnico foi o protagonista do grupo e pôde através de algumas técnicas psicodramáticas demonstrar mais facilmente o que acontecia com ele nesses momentos de aflição e ansiedade.

Segundo Bomfim (1994, p.227), *"dentre as técnicas de grupo mais citadas no trabalho com o Esporte, o Psicodrama é utilizado com maior freqüência. Ele tem possibilitado a discussão e avaliação dos papéis de cada um na equipe"*. Outro autor nacional, Afonso Machado (1997), compartilha da mesma idéia dizendo que o profissional que trabalha na área de intervenção, precisa

conhecer, estudar e saber lidar com as dinâmicas dos grupos esportivos, já que os atletas, inclusive os de esportes chamados "individuais", acabam treinando em grupo. *"Pensando em técnicas de trabalho - esclarece esse autor - o Psicodrama é muito utilizado para a melhoria do relacionamento entre sportistas e entre estes e a equipe técnica"* (MACHADO, 1997, p.14).

Se na Teoria Psicodramática, o homem é concebido e estudado a partir de suas relações interpessoais, no contexto esportivo, os relacionamentos dos atletas, da comissão técnica tornam-se aqui um núcleo fundamental. Sendo assim, a relação atleta-atleta, atleta-técnico, atleta-torcida, atleta-familiares, técnico-pais de atletas, etc., constitui o eixo principal para o desenvolvimento pleno dos papéis no Esporte.

Além do mais, a atuação do atleta ou do técnico devem ser apenas mais um dos papéis exercido por uma pessoa. Torna-se importante saber conciliar os diferentes funções do dia-a-dia, como por exemplo: ser atleta de competição, que treina numa carga horária às vezes bem forte; ser estudante, ser filho, namorado etc.

Tanto o atleta, quanto o técnico, adolescentes ou adultos frente a uma situação adversa, podem recorrer a uma alternativa mais fácil que é copiar papéis. Num primeiro momento, sem saber

como agir, as pessoas tomam um papel internalizado, padronizado e executam, às vezes, de maneira mecânica e repetitiva, sem a menor consciência ou reflexão. Agindo de acordo com protótipos pré-estabelecidos por outros interesses, o atleta pode perder sua individualidade, peculiaridade e, principalmente, o prazer em exercer seus próprios papéis.

Outras contribuições do Psicodrama no Esporte já foram citadas em trabalhos anteriores a esse, como por exemplo, utilização de técnicas psicodramáticas na formação do atleta (FRANCO, 1990; FRANCO, 2000b), estudos de caso (FRANCO, 1993; VASQUES, 1995;) e aplicação do teste sociométrico em equipes esportivas (CARVALHAES, 1974; BRANDÃO, 1996; CAVASINI e CAZELATTI, 1977; CAVASINI, et al., 1982; SIMÕES, et al., 1993; SIMÕES, et al., 1998; RUBIO, 1998.). Porém, como a própria pesquisa científica em Psicologia do Esporte vem crescendo aos poucos e obtendo, só agora, nestas últimas décadas, um crescimento mais significativo, o Psicodrama, como um recurso técnico e, principalmente teórico, ainda pode ter muito a contribuir.

Com relação ao teste sociométrico, instrumento típico do Psicodrama, gostaria de dedicar algumas palavras. Frente a riqueza de informações que esse teste pode proporcionar, os

profissionais do contexto esportivo, desde os anos 60, vêm fazendo uso de sua aplicação (CARVALHAES, 1974).

Indispensável, no meu ponto de vista, é destacar e refletir mesmo que brevemente, as formas de utilização de seu conteúdo. Considero de fundamental importância o cuidado que se deve ter, em primeiro lugar, com as questões éticas, de como são passadas para o restante da equipe esportiva as informações obtidas.

Concordo com Luccas quando ele ressalta que segundo a imprensa esportiva, os psicólogos tem atraído muita atenção sobre si, expondo a todo público, muitas vezes, características e particularidades de seus próprios atletas. Segundo esse psicólogo:

A atenção que os psicólogos atraem sobre seu trabalho é uma verdadeira faca de dois gumes: por um lado - o que é positivo - renovam a possibilidade de a Psicologia estar junto do Esporte; no entanto, por outro lado - extremamente negativo - utilizam daquilo que é mais técnico em nossa ciência e profissão para praticarem uma política de mais insustentável individualismo. Constróem uma prática sem critica de si mesma. (2000, p.73).

Butt (1987) também dedica uma parte de seu livro para a discussão da ética na prática da PE. Para ela, o psicólogo deve saber distinguir o que deve e o que não deve ser comentado, principalmente na utilização dos testes para o propósito de seleção.

Em segundo lugar, tão importante quanto as questões anteriormente citadas (como são passadas as informações obtidas), fica para mim uma dúvida atroz: O que se tem feito após a colheita das informações? Se existe uma ansiedade, às vezes por parte da comissão técnica, em saber logo se aquele atleta é introvertido ou extrovertido, por exemplo, essa inquietação se dilui, muitas vezes, pelo simples constatar dos dados.

A questão que fica é: Depois da entrega dos resultados, o desenho ou a "foto" tirada dos aspectos psicológicos de uma equipe vai para onde? A "Foto" tirada vai para o "mural" para ser admirada e ficar amarelada? De pouco adianta saber se o atleta "X" é líder ou isolado - conforme se pode detectar num teste sociométrico - se não for trabalhado, dentro da própria equipe, esses dados. Procurar melhorar ou conservar características observadas num teste deve ser o objetivo principal. Precisa-se tomar cuidado pois a Sociometria se mal orientada, pode cair num sistema de dar rótulos, no qual cada um recebe o seu,



aceita, e se acomoda. Esse, com certeza, não é o objetivo de tal avaliação.

### JOGOS E TÉCNICA PSICODRAMÁTICA NO ESPORTE

A intenção desse sub-capítulo é trazer três vivências - dois jogos psicodramáticos e uma técnica do Psicodrama, utilizadas em grupo e individualmente, para que se tenha uma idéia mais concreta da sua aplicabilidade. Quando leio aquela sábia frase de Jacob Riis<sup>32</sup>, vem à minha mente, as técnicas do Psicodrama. Nada de categórico pode-se afirmar sobre a aplicação desse ou daquele jogo, se vai abrir os olhos, a mente ou o coração de uma pessoa quando se sujeita a ela, mas a experiência acumulada de muitos psicodramatistas leva a crer que as "marteladas" precisamos continuar dando, pois uma hora, o efeito aparece.

Em cada situação apresentada, será feito um paralelo com a teoria psicodramática. Para esse momento, estarei me servindo de algumas experiências vividas na prática da PE desde 1986.

---

<sup>32</sup> *"Quando nada parece ajudar, eu vou ver o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes sem que uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi só aquela a que conseguiu, mas todas as que vieram antes."*

Serão relatados os trechos mais significativos das sessões trabalhadas, sendo inadequado para essa dissertação relatá-las na íntegra.

### Tribunal de Justiça

O jogo dramático conhecido como Tribunal de Justiça foi criado com o objetivo de fazer com que seus participantes tomassem o lugar de outra pessoa e ao mesmo tempo acompanhassem o outro referindo-se ao seu papel. Explica-se ao grupo que a partir daquele momento será instaurado ali um "Fórum Jurídico" onde todos os presentes se tornarão advogados e jurados. Na realidade, o grupo é dividido em 3 subgrupos. Na "sala de audiência", um deles será o grupo dos "promotores", os que acusam o réu; o segundo, os "advogados de defesa" que o defendem; o terceiro grupo é composto de "jurados". É avisado, que como teremos 3 julgamentos, pois apresentaremos 3 réus, cada grupo vai assumir os 3 distintos papéis. O juiz do tribunal é o diretor do J.D. e os réus fictícios e personalizados numa almofada ou boneco são escolhidos de acordo com a necessidade do grupo.

Fiz, para esse jogo - Tribunal de Justiça -, uma adaptação para o contexto esportivo. Para grupos de esportistas, costumo escolher para serem julgados, nesta "audiência pública", os réus: atleta, técnico e pais de atleta. Um a um, cada qual no seu momento vai sendo "julgado" por advogados e promotores - na realidade, são atletas, assumindo esses papéis. Vou apresentar, agora, uma experiência vivida com a aplicação dessa técnica com esses réus. Estes poderiam ser substituídos por árbitros, torcida, os demais profissionais da comissão técnica, de acordo com a necessidade e interesse do grupo.

Estarei relatando, como exemplo, um encontro com uma equipe esportiva, profissional. O grupo neste dia estava composto por 13 atletas - sexo feminino, categoria adulta -, um técnico, um assistente técnico e uma fisioterapeuta. Essa equipe já estava sendo acompanhada por mim há mais de nove meses e acabei optando por essa aplicação, porque percebi que estavam demonstrando uma dúvida sobre a validade da extrema dedicação exigida por aquele esporte. Embora estivessem vivendo um ótimo momento profissional, em termos de resultados nos campeonatos - equipe do topo do *ranking* na época -, um certo desânimo pairava, principalmente entre as atletas.

Abro um parágrafo especial aqui para dedicar a questão dos objetivos das técnicas e dos jogos utilizados. Conforme

mencionado anteriormente, o Psicodrama tem uma série de jogos, de técnicas interessantes as quais costumam despertar bastante interesse no aplicador. Porém a empolgação, frente a esses recursos, pode "cegar" ou mascarar os reais objetivos de aplicação. Infelizmente tenho encontrado colegas da área que me pedem "técnicas legais" que "mobilizem o grupo", mas esses profissionais não estão tão atentos ao que é pedido pelo próprio grupo, o que eles realmente estão precisando. Às vezes, estão mais preocupados com o impacto visual, cênico (e até alegórico) do que com a implicação que cada técnica pode causar. Isso é muito perigoso!

O jogo "Tribunal de Justiça", por exemplo, num grupo imaturo em termos de opção profissional, pode até servir para dissolvê-lo e desestruturá-lo (o que pode ser uma boa opção quando se precisa confirmar o fim de um grupo). Enfim, toda técnica precisa estar contextualizada, ser propícia e oportuna para o momento vivido. No caso desse grupo que faço referência, o que acontecia era uma incerteza passageira - porque tinha informações anteriores que me garantiam isso -, e que na realidade elas só precisavam de uma oportunidade para sentir na pele o amor que elas tinham pelo esporte.

Voltando a experiência vivida; após a explicação da dinâmica do jogo para todos do grupo, eles passaram a compreender o que era

pedido. Isto é, advogados de defesa e de acusação precisariam encontrar argumentos para convencer os jurados deste "fórum competente" sobre: "É bom ser Atleta?" - para o primeiro julgamento, em que o escolhido como réu fosse o atleta. Os promotores dirigindo-se aos jurados, justificariam por exemplo, que "NÃO é bom ser atleta", de que "NÃO vale a pena sê-lo". No segundo julgamento, os defensores deveriam esclarecer (e convencer): "Vale a pena ser técnico", e assim por diante.

Para cada julgamento, os advogados de defesa teriam que argumentar sobre: é bom ser \_\_\_\_\_ - de acordo com o réu -, e os promotores deveriam fazer o trabalho contrário, isto é, poderiam dizer, por exemplo: "os advogados de defesa estão equivocados, caríssimos jurados! Não é bom ser pai de atleta porque...". Para garantir um envolvimento maior dos participantes do grupo, é fundamental oferecer tempo suficiente para a preparação do papel (de advogados, promotores), para que se aqueçam e entrem "em cena" com concentração.

Conforme é sabido, a primeira etapa do Jogo dramático - o aquecimento - vai definir e comprometer o próprio jogo. Baseio-me também nas palavras de Davoli (1999, p.81) *"É no aquecimento, por intermédio dos exercícios próprios, que se começa a configurar a estética de projeto dramático."*

O juiz do tribunal (o psicólogo que dirige o jogo), dá início ao julgamento concedendo a primeira palavra aos promotores, e em seguida, aos advogados de defesa. Cada parte tem a chance de uma réplica ou caso o grupo tenha previamente combinado, a tréplica, com a possibilidade de dilatação de tempo em ambas as manifestações. No final de cada julgamento, é dado alguns minutos para que o grupo de jurados se reúna e dê o veredicto.

Para que o jogo tenha um poder de discussão e reflexão maior, é importante mostrar ao grupo que os jurados não devem levar em consideração a sua opinião pessoal, o que é oposto da situação real, pois aqui o importante é saber qual grupo soube "convencer", defender e argumentar melhor.

Ao final das três (ou quantas o grupo combinar) rodadas/julgamento, é chegado o momento mais importante: que é a discussão sobre o ocorrido. Como cada um sentiu-se, tendo que "defender" ou "acusar" o próprio papel? Como é ouvir o outro "acusando" o seu papel? O que acontece quando alguém se põe em defesa do Técnico, ou em defesa dos familiares? - por exemplo.

É neste momento valioso para o Psicodrama - o compartilhar -, que o grupo "digere" melhor as emoções vividas e pode comentar e dividir seus sentimentos e *insights*. Nesse grupo ouvia-se:

- "Não podia imaginar que eu ia ficar tão nervosa ao ouvir o outro falar mal da profissão que escolhi";
- "Confesso que eu fiquei triste, me apertou o coração ter que falar que não é bom ser pai de atleta, deve ser difícil também...";
- "Aquela ali, que estava tão "murchinha" parece que se acendeu quando começou na defesa!"
- "Eu falei coisas horríveis de ser atleta, tipos as dores que temos que agüentar, os dias longe do namorado, a rotina, mas sentia que ao mesmo tempo em que eu dizia que não era bom ser atleta, uma outra força dentro de mim, forte, bem forte, me dizia que ainda valia a pena, que tudo tem seu preço, foi incrível!!!"

Outro fato comentado foi a agitação que o assistente técnico causou no início do segundo julgamento. Esse profissional negava-se a entrar no papel de acusação do "réu": técnico. Ele dizia que não via nada de negativo ou difícil nessa função. Esse técnico precisou de uma atenção mais individualizada para entender melhor o que já havia sido explicado, que "acusar" o papel de técnico era só um exercício e que seria importante ele se ver naquela circunstância para encontrar outras emoções além da sua devoção pelo Esporte.

Depois de um tempo, esse profissional entrou no papel e no momento de partilha, acabou admitindo que, no início, ficou receoso em desrespeitar ou influenciar negativamente a opinião de toda equipe. Ele próprio acabou assumindo, depois disso, que há dificuldades sim nesta função, mas que elas são superadas paulatinamente.

Reflexões desse tipo acabaram sendo transformadoras não só para quem fala, como também para quem ouve. Uns começam a se aliar a outros, alguns se solidarizam com os outros. A comissão técnica pôde observar também que as meninas estavam realmente cansadas e aquilo que, para eles, era de fácil superação, para elas, trazia um certo desânimo. Com esse jogo, foi possível perceber o sentimento genuíno de cada um e não só o momentâneo, conforme comentou o técnico. Nesta hora, o próprio técnico diz:

- "Eu no lugar delas estaria cansado também! É fogo! Eu também fui atleta e sei que chega uma hora que enche a paciência, mas é assim mesmo moçada, tem que segurar a onda! Hoje o Esporte pede mais dos atletas; tem mais vantagens, o sacrifício é maior!

O que para as meninas, era uma dúvida ou desânimo, na hora de defender o próprio papel esse sentimento foi ficando mais claro e elas mais firmes e decididas. Podia-se ouvir:



- "Dá um bruta trabalho, uma canseira enorme, mas vale a pena"

Outras esbravejavam:

- "No fundo, no fundo, é isso que me dá energia, não me vejo fazendo outra coisa!"

O grupo, como um todo, caminhou numa direção muito positiva e construtiva, gerando maiores aproximações e contatos entre seus integrantes. Não quero dizer que através de um único jogo dramático tudo se consegue, é mais uma questão de saber reuni-los numa seqüência certa (vide exemplos na tabela de YOZO, p.143).

Esses temas ainda foram trabalhados posteriormente, e através de outras experiência com jogos e outras discussões foi possível chegar num estado de consciência maior e assim reconectar-se com esse sentimento que é fundamental para o desenvolvimento de qualquer Esporte - a dedicação e o amor por aquilo que se faz.

Outra vantagem obtida a partir dessa experiência foi a aproximação, não só em razão do redescobrimto dos próprios sentimentos, como também, da constatação das emoções alheias. Seria como uma comprovação, um reconhecimento dos reais interesses de cada um naquele esporte. Fazendo uma leitura sobre o tema do EU-TU, pode-se afirmar que nesse grupo, naquele momento, esse encontro estava abalado, muitos

elementos da equipe já não sabiam mais quem era o TU para compor o EU de cada um. Como posso desenvolver meu EU se o TU é duvidoso para mim? A questão da interdependência, mesmo que inconsciente, era vivida também aqui, e essa névoa sobre o TU, impedia o EU de continuar no seu caminho.

Digo isso porque esta equipe, de destaque nacional, era composta de algumas atletas de Seleção Brasileira e técnicos que também já tinham prestado serviços à seleções anteriores, e isso acabava gerando algumas diferenças, isto é, entre as atletas surgia comentários do tipo:

- "elas podem isso, porque são Seleção", ou
- "já que não somos ninguém, sobra para gente", e ainda
- "elas não estão mais aí, só querem entrar para jogar e nada de suar a camisa no treino, acho que estão de saco cheio do esporte".

Nas reuniões de comissão técnica, nas quais participava semanalmente, eu podia ouvir:

- "Tá na cara, elas se acomodaram com o salário que recebem e não querem dar o sangue!" ou
- "Tanto "banco" como as titulares tem que ralar, não tem nada de poupar uma ou outra, não quero saber de conversa mole, vai ter treino no 24 de dezembro e dia primeiro de janeiro quero todas aqui!"

Embora algumas pessoas no ímpeto de suas expressões, pudessem se iludir que o EU pode caminhar sem o TU, ou pensar que pode arrastá-lo autoritariamente, a vivência do dia-a-dia dizia que não. Segundo Moreno, agrupamentos mais rígidos, impostos por alguma autoridade são fonte crônica de conflitos.

Choques entre grupos ocorrem em proporção direta à diferença entre o status dos membros. Há correlações negativas entre estruturas grupais formadas através de procedimentos democráticos e aqueles formados por procedimentos autoritários (MORENO, 1994, p.191-92).

Após o aquecimento e aplicação do jogo dramático, atletas que andavam nos últimos tempos um tanto isoladas (geralmente as que ficavam no banco), sem se colocar para o grupo, acabaram podendo se expressar mais e também deixaram com que os outros conhecessem o que estava se passando com elas. Para Moreno (1994, p.197) *"Se a pessoa é isolada ou negligenciada em seu grupo de referencia, seu volume de palavras será baixo quando comparado ao dos seus parceiros"*.

No âmbito das relações humanas e sociais, o sociólogo Elias, citado anteriormente por ocasião do EU-TU, afirma que:

as pessoas são menos capazes de lidar adequadamente, no pensamento e na ação, com problemas que as confrontam, quanto mais suas vidas são ameaçadas, na

área desses problemas, por riscos, tensões e conflitos (...) E quanto menos objetivas são elas em seus pensamentos e ações, quanto mais são suscetíveis aos sentimentos à fantasia, menos são capazes de suportar os perigos, conflitos e ameaças a que estão expostas (ELIAS, 1994, p.72).

Seguindo por esse pensamento, percebo que os atletas de alta competição, de uma modo geral, vivem situações de muita tensão e por receberem salários altos, se vêem submissos e sem poderem se expressar muito com medo de perder o lugar nas equipes que pertencem. Não vejo razão para manter essa ameaça para que se tenha atletas dedicados e esforçados. O atleta precisa ter condições e saber se colocar numa equipe, poder clarear o que e como se deve falar, como em qualquer relação profissional.

Também com a vivência do Tribunal de Justiça, que entre outros, auxilia na percepção do outro, a relação EU-TU foi se clareando aos poucos. Antes, essas relações eram estabelecidas como Eu-Isso, ou seja, alguns elementos tratavam o outro como objeto, como um ser inanimado, sem vontade ou sentimento e, conforme dito anteriormente, o homem que vive uma relação do EU-ISSO no lugar do EU-TU, não é homem. (BUBER, 1974, p.39). Foi comprovado que, principalmente num esporte coletivo, um

elemento solitário não tem condições, mesmo sendo o mais forte ou o que trabalha mais, de subir ao pódio. Essa aliás é uma verdade muito proferida no Esporte, mas aquilo que se ouve, passa melhor para o saber, quando se vive na pele<sup>33</sup>.

O fator *tele*, nesse caso estava um pouco nebuloso. Estava difícil obter uma percepção objetiva do que acontecia com os demais elementos do grupo. Conforme citado no capítulo respectivo, se um indivíduo valoriza a relação de uma maneira desigual ao outro dessa relação, não há *tele*. Mas como o fator *tele* se intensifica com a maturidade da relação, um passo pode ter sido dado em direção ao alcance dele. Se o Técnico, por exemplo, pôde dizer que "compreende que elas estejam cansadas etc.," e as atletas puderam também perceber, através da vivência do Tribunal de Justiça, que cada atleta estava se esforçando ao máximo, agarrei-me a essas declarações para continuar lutando para que mais Teles fossem acontecendo.

---

<sup>33</sup> Encontro ressonância na explicação do psicodramatista Petter Kellerman: "o aprendizado cognitivo, que se dá "da cabeça para cima", não é importante para o Psicodrama. Fazer com que os protagonistas entendam o porquê de agirem como agem não é a meta da maior parte dos psicodramatistas. (...) o aprendizado não-cognitivo, visceral, que implica um processo nos níveis corporal e percepto-motor, é a parte central do processo psicodramático." (1998, p.106).

### Os Dez Mandamentos no Esporte.

Um outro jogo dramático, que quero apresentar aqui, é "Os Dez Mandamentos do Esporte". Divididos em subgrupos, os participantes elaboram uma lista de 10 itens da qual estariam expressas, em frases curtas, as 10 regras primordiais para um bom desenvolvimento do Esporte. A partir daí, surgem diferentes listas que, após discussão e escolha deles próprios, se resumiria num única para se formar, finalmente, os dez mandamentos básicos do Esporte.

Esse jogo é indicado para grupos mais jovens ou com atletas iniciantes no Esporte. É possível aplicar-se com os mais maduros - de idade ou de carreira - mas a condução e direção do trabalho teriam que ser modificadas. Diferente do jogo anterior, esse não exige tanto que aspectos mais pessoais ou íntimos sejam expressos, o atleta que não quiser se expor e preferir que a discussão fique mais generalizada - não personalizada -, poderá se sentir mais a vontade aqui. Por ocasião do paralelo, que farei mas adiante, com a Matriz de Identidade, ficará mais claro a razão desse desejo inicial de permanecer na primeira fase da identidade do Eu.

Para possibilitar a melhor compreensão desse jogo, estarei expondo aqui uma sessão de um grupo de nove adolescentes de

ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 19 anos. O que de peculiar existia neste grupo, e que quero destacar como uma nova forma de se trabalhar com grupos em PE, é que este era formado por atletas de diferentes modalidades (natação, judô e tênis).

Esses atletas já vinham de um trabalho individual comigo há, pelo menos, quatro meses e reuni-los em apenas um grupo, foi uma surpresa. Comecei a perceber que no atendimento individual cada um deles, sem exceção, estavam se questionando sobre as exigências do seu Esporte e com isso se comparando com as demais modalidades. As queixas eram:

- "eu vivo há um ano nesse esporte, levantando, comendo e dormindo pensando nele, nunca parei para perceber se em outras modalidades os atletas também sofrem por isso..."
- "...mas a federação deles deve ser organizada... só a minha é que é assim, uma bagunça! Não pode ter pior que essa..."

A partir daí, surgiram para mim, dúvidas desafiadoras:

- Atletas de diferentes modalidades teriam coisas em comum?
- Não teriam eles a chance de, com sua bagagem específica e sua inédita experiência, acrescentar aos demais algo de bom?
- Cada um, com suas dúvidas e certezas, não encontraria ressonância e seria ao mesmo tempo ajudado e ajudante?

Optei pela criação desse jogo dramático - Os dez Mandamentos do Esporte - porque percebia em diferentes atletas a necessidade de se ampliar a visão de: Esporte. O que é praticar esporte atualmente? Quais são suas leis e quais as que eu quero assumir? Ou, qual estou assumindo sem saber direito que estou? Foi a necessidade de delimitar e esclarecer melhor o papel de cada um e, também, em virtude da curiosidade deles próprios quanto a rotina e as peculiaridades de outras modalidades, que me fizeram convidá-los para um único grupo<sup>34</sup>.

A vivência de jogos dramáticos, com grupos esportivos de modalidades exclusivas, como por exemplo, em times de basquete, vôlei ou em equipes de natação já está sendo, há tempos, utilizada (BOMFIM, 1994, p.227). O que de renovador trago, como exemplo para elucidar a aplicação de uma técnica psicodramática, é o fato de aplicá-la em grupos de modalidade heterogêneas.

---

<sup>34</sup> Esse grupo citado foi o primeiro de uma série que acontece eventualmente, de acordo com a necessidade e o interesse dos atletas e da psicóloga. Por ser formado por atletas que estejam em atendimento naquele período, existe a possibilidade de novas configurações; alguns novos esportistas, outros ausentes. Essa mudança da composição dos elementos do grupo é cuidadosamente trabalhada e considerada no momento, tanto do aquecimento, como nas demais etapas. Importante declarar também que esses atletas continuam no seu ritmo normal de atendimento; o fato de participar do grupo não alterava o trabalho individual.



Reunir uma equipe esportiva e trabalhar com as dinâmicas existentes dentro dela, tem sido muito estudado, principalmente quando se quer aumentar a coesão grupal, a aliança entre eles (BRAWLEY & CARRON, 1992; GILL, 1986; entre outros). Nesta situação, o objetivo do trabalho de grupo é, geralmente, fazer com que seus integrantes percebam mais os outros atletas da equipe; se unam e consigam se desenvolver melhor nesse grupo.

Mas trabalhar com um grupo em que cada um pertence a uma equipe diferente seria incoerente? Compartilhar sentimentos, por exemplo, só pode acontecer quando se tem garantido o: "vou vê-lo novamente"? Acredito que há novas possibilidades, se lançarmos uma outra luz para essa prática. Com esse trabalho, cada integrante desse grupo heterogêneo tem a possibilidade, não só de ver melhor o outro, mas, além disso, de se ver melhor através do outro.

Não se trata de objetivar unicamente a relação com o outro, mas sim a revelação do outro para mim. Uma auto-descoberta assistida e apoiada pelo outro, em que cada um funcionaria como um espelho refletindo o próprio atleta que se olha, descobrindo suas formas menos nítidas. Através de um ponto de vista diferente, solidificar os próprios sentimentos.

A questão do vínculo entre os membros do grupo, tão importante para o Psicodrama, é trabalhada no sentido de criar laços sim, mas que não sejam insolúveis ou que se limitem aos encontros desse grupo. Aliás, novas amizades acabaram surgindo fora do contexto desse grupo por ocasião desses encontros.

Baseio-me em depoimentos posteriores tanto dos atletas, quanto de seus próprios técnicos ou pais<sup>35</sup>. Segundo eles, o atleta que pertence a uma modalidade e dedica-se a ela, quase, integralmente, acaba se fechando num círculo "viciado", isto é, só conversa, sabe e participa da sua própria modalidade e isso pode ser prejudicial. Com o contato com outros atletas de outras modalidades a visão pode ser ampliada.

Com a finalidade de esclarecer e individualizar as etapas de um jogo dramático - aquecimento, jogo e compartilhar, para que se possa perceber suas diferenças, farei, mais adiante, uma leitura dos distintos momentos em que se encontra um grupo. Inicio a explanação, então, através das etapas do jogo.

---

<sup>35</sup> Os testemunhos:

- "esse fim de semana fui assistir o jogo do "X" e torci por ele!" (atleta da natação).
- "Meu filho agora discute sobre outros assuntos do Esporte! Ainda bem que ele encontrou o "Z", porque a vida não é só o Judô!"

Comecei no aquecimento inespecífico com uma conversa introdutória, onde pude falar dos objetivos gerais daquele encontro, lembrá-los do tempo previsto para o grupo e intensificar o meu vínculo particular com cada um deles num ambiente "novo", acreditando ser importante resgatar ou preservar a relação psicóloga - atleta. Depois houve, ainda na etapa de aquecimento, uma apresentação inicial breve entre eles onde se dizia só o nome. Propus, logo em seguida o jogo da "Adivinhação".

Neste jogo, cada atleta tinha que adivinhar, no outro participante, a sua idade, seu esporte, características mais marcantes neste esporte, suas marcas ou conquistas. Depois de todos terem lançado suas suposições, vinha o momento da checagem e comprovações.

Um momento engraçado foi quando um tenista acertou o esporte de um nadador, mas errou assustadoramente no seu melhor tempo de 100m. peito. Segundo os cálculos do tenista, ele faria numa média de 3'(min)... Esse chute serviu para umas boas gargalhadas do nadador que fazia essa metragem em 1'06''(seg.).... Logo após as "adivinhações", era, impossível, conter a vontade de cada um para desmascarar os "videntes". Nesta conversa, entre acertos e erros de adivinhação, eles ficaram sabendo mais sobre outras

modalidades, suas características gerais, e assim um início de aproximação entre eles.

Para o aquecimento específico, foi dedicado um tempo para se conversar mais sobre suas modalidades. Depois de cada um poder explicar melhor a sua rotina diária, e as barreiras que precisava ultrapassar para se dedicar a esse esporte, passamos para a 2ª etapa, da aplicação do jogo dramático: "Os Dez Mandamentos do Esporte".

Dividido o grupo em subgrupos de três atletas os quais se colocaram, cada um, em diferentes cantos da sala (para que um certo distanciamento pudesse evitar, na concepção deles, as "colas"). As três listas foram elaboradas com uma certa rapidez, mas a formação da lista única, contendo apenas 10 itens, levou os minutos restantes, deixando o tempo dessa etapa chegar ao limite máximo, se não, não haveria espaço para o compartilhar geral, de toda a sessão.

Dentre os mandamentos mais fervorosos e interessantes cito aqui os principais:

- \* Amar ao Técnico sobre todas as coisas.
- \* Não matar o adversário.
- \* Respeitar a torcida alheia.

Para o momento do compartilhar - terceira e última etapa - foi pedido a eles que contassem um pouco como tinha sido o primeiro momento (o jogo da adivinhação). Quais sensações surgiram ao se tentar descobrir aspectos individuais do outro e que sentimento apareciam quando uma pessoa, ainda meio desconhecida, tentava descobrir suas características pessoais. Também foram discutidas, que idéias tiveram enquanto estavam elaborando os dez mandamentos. Trago três relatos para que se possa ter uma idéia desse momento:

- "Parece que "brincando" de falar do nosso esporte, a gente descobre coisas muito importantes e legais da nossa vida".
- "Eu não imaginava que nas outras modalidades tinha tanto problema de calendário, também!"
- "Existe algumas coisas que são gerais, tem em todo esporte, como técnico exigente demais, pais que atrapalham, mas a união, eu acho que na minha modalidade tem mais."

Nesse momento pude observar que, por um lado, houve um certo amadurecimento dos integrantes no sentido de ter uma visão mais ampliada do seu papel de atleta e da percepção das características comuns dos esportistas em geral, mas, por outro lado, percebi uma visão ainda muito centrada em si próprio, o outro servindo para reforçar ou não, as próprias experiências e não o "imagino o que ele sente".

Importante salientar, mais uma vez, que a preparação psicológica é um processo e não um ato. Não existe jamais o objetivo de conseguir com o uso de um jogo, transformar completamente um grupo ou uma pessoa. Como já havia sido dito também, todos os elementos do grupo eram acompanhados em trabalhos individuais, durante os quais foi possível rever com mais minúcia algumas questões.

Encontro na minha carreira esportiva, alguns atletas adolescentes vivendo conflitos muito mais psicossociais e psicopedagógicos, do que conflitos intra-psíquicos; portanto, o psicólogo esportivo precisa suprir também essa parte. O adolescente é um ser humano que está em pleno desenvolvimento, buscando ainda informações que para nós adultos podem ser básicas.

Acredito que o trabalho psicopedagógico desenvolvido pelo profissional de PE é extremamente importante, já que, mesmo esse ocupando a tarefa de "clínico", não pode se equivocar, lidando só com a "doença" do atleta.

Outra razão pela qual optei por aplicar esse jogo foi a semelhança que encontrei nas conclusões do trabalho de Lobo (1990). Relata ela ao final de seu trabalho com adolescentes:

O conceito de ansiedade está intimamente ligado à questão de mudança de auto-imagem, o que nos leva a um estreitamento do campo perceptível de forma que o indivíduo perca a visão das circunstâncias mais amplas a qual um problema possa estar ligado, e não pode ver claramente os meios para solucioná-los. Com a utilização dos jogos dramáticos nos encontros, foi possível, para o adolescente, vivenciar uma situação de permissividade e dessa forma apresentar-se mais espontâneo, criativo e produtivo. Esse trabalho possibilitou ao adolescente, não só conhecer as inúmeras ocupações como imaginar-se nelas. (p.411).

Transpondo para o Esporte a ansiedade de que Lobo se refere, a perda de visão não poderia estar presente na prática diária do esportista? Por que não utilizar-se, como ela relata, de tais técnicas - jogos dramáticos - para beneficiar também os esportistas? Esta foi a minha opção.

Nos exemplos até aqui deixados, pode-se, através do lúdico, da expressão da espontaneidade e da criatividade, estimular o atleta para que assim consiga evoluir nos seus potenciais e transcender os seus limites. Acredito ser essa a verdadeira meta humana.

Abro, nesse momento, um espaço para que se possa ser feito uma leitura desse grupo à luz da **Matriz de Identidade**<sup>36</sup>.

Conforme destaquei no capítulo do Psicodrama, existe uma relação muito próxima entre os momentos de um grupo e o processo de formação de identidade (YOZO, 1996). Como os atletas do grupo citado, reuniram-se pela primeira vez (isto é, nenhum deles se conheciam anteriormente), seria mais fácil visualizar e compreender as correlações existentes.

No início da nossa formação de identidade, individualmente falando, encontramos-nos numa fase chamada indiferenciada ou Simbiótica. Depois de um certo tempo, é que nós começamos a reconhecer o EU (mesmo que ainda incompleta pois essa noção precisa do TU) e só depois é que chegamos na fase do descobrimento do TU. E é justamente isso que ocorre nos grupos psicodramáticos.

A identidade individual de cada atleta do grupo, no primeiro momento, estava comprometida com a identidade do grupo. "Quem sou eu neste grupo?" é uma pergunta difícil de responder.

---

<sup>36</sup> Para essa leitura segui, orientada por Yozo, (1996) pois o autor sintetiza algumas fases da Matriz que na classificação de Moreno (1978) e de Fonseca Filho (1980) são mais detalhadas. Optei por isso para que a compreensão ficasse mais didática e fácil.



O EU enquanto grupo ainda é caótico. Essa fase que corresponde a fase da Matriz conhecida como Identidade do Eu pede um tipo de jogo leve, mais para ajuda-los a aquecer e relaxar no grupo.

No grupo citado, o primeiro momento foi feito então em uma roda ampla, sem muita proximidade ou contato - foi o jogo da Adivinhação. Eles individualmente davam as suas opiniões e falando de uma maneira ainda genérica, sem se colocar como centro da ação, optavam por repetir ou imitar papéis, conforme aponta a primeira fase da Teoria de Papéis, por exemplo:

- "na Natação ninguém pode sair sozinho dos alojamentos nas competições" ou
- "a gente tem que queimar a orelha se quiser provar para o Técnico que se é bom"

Quando eles entraram na segunda etapa da sessão, na hora do jogo dos Dez Mandamentos do Esporte era possível observar os primeiros indícios da fase: Eu e o Outro, segundo a definição de YOZO (1996). A pergunta agora é "Quem é o outro?" Para saber os atletas partiram para um contato um pouco maior, separados em trios, dentro dos quais cada um podia se expor um pouco mais. Aqui era permitido jogar um papel, imaginar abnegações ao Técnico e reverências ao adversário. Alguns, no ímpeto de suas criações, faziam gestos engraçados e encenações teatrais, dando margem para fatores essenciais de sua personalidade: a

espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade. (GONÇALVES, et. al., 1988, p.45).

Aqui já era também visível, em apenas alguns atletas, uma disposição para iniciar a inversão de papéis, conhecida como pré-inversão. Alguns atletas, ainda que num número reduzido, conseguiam imaginar-se no lugar do outro, mas esses próprios não acreditavam muito que o outro pudesse se colocar no seu lugar.

Esse jogo pode se desdobrar em outros, aliás essa é uma das características da sua diversidade. Num momento mais a diante, onde esse grupo já tivesse sido mais trabalhado enquanto grupo, podendo entrar na terceira fase, de reconhecimento do TU e tendo condições de inverter realmente papéis, sugeriria a dramatização, de cada mandamento desses. Ser um Técnico adorado e sentir seus "servos" o amando incondicionalmente, pode trazer ao atleta *insights* interessantes; montar uma cena completa onde atletas respeitem a torcida alheia, a mesma coisa, mas tudo isso requer outros preparativos e competências. A intenção da sugestão é deixar expresso que, dependendo da criatividade e habilidade do profissional, uma técnica sempre pode complementar a outra, e assim o trabalho fica mais rico e eficaz.

Valendo-me da tabela de Yozo, apresentada neste trabalho, posso dizer que, neste momento, cada elemento do grupo vê os outros ainda como um espelho, assim como o autor denomina a segunda fase da Matriz - Fase do Espelho.

Embora no momento do compartilhar, alguns atletas se mostrassem mais soltos e interagindo mais, o verdadeiro processo de reconhecimento do Tu ainda podia estar distante. Em termos de grupo, de maturidade grupal - já que esta é a proposta agora, vê-lo com um todo - pode-se afirmar que este estava vivendo a segunda fase da Matriz, ou pelo menos, chegou bem até ela. Introduzir nesse mesmo encontro jogos de personagens ou de inversão de papéis, característicos da terceira fase da Matriz, seria precipitado para um grupo iniciante. Por isso, é que passamos para a etapa final do compartilhar.

### A Inversão de Papéis.

Gostaria de trazer agora uma técnica, vivida no atendimento individual que é a Inversão de papéis. Por ser uma técnica bem conhecida e básica do Psicodrama, conforme apresentada em páginas anteriores, a intenção aqui se volta para vê-la aplicada no contexto esportivo. Também aproveitarei para apontar, nessa

experiência com o atleta, os conceitos da Sociometria dos Vínculos.

A Inversão de Papéis pode muito bem ser aplicada num grupo, salvaguardando as diferenças na direção e condução. A experiência tende a ser rica também, mas como já comentei dois momentos com grupos, acredito poder contribuir mais, se passar agora para uma técnica no atendimento individual.

Importante deixar claro que como a técnica de inversão de papéis foi criada e destinada, primeiramente, para o trabalho com grupos - foco principal segundo Moreno -, no trabalho individual esse termo pode gerar controvérsias. Para alguns psicodramatistas só seria adequado falar de inversão de papéis quando as duas pessoas envolvidas em determinado vínculo estivessem presentes na sessão. E nas sessões individuais? Essa técnica estaria limitada ao trabalho da relação terapeuta-cliente? Para responder tal questão tomo como referência a opinião de Cukier (1992). Essa autora afirma que no psicodrama bipessoal (ou atendimento individual)

a tomada de papéis - assumida unilateralmente - e a troca de papéis - a inversão típica - se referem a um mesmo processo, com graus crescentes de complexidade (...) Entre um simples "imitar a mãe" - de uma criança - e o "ser a mãe" existem níveis intermediários de

vivências do papel do outro. No psicodrama bipessoal esta evolução, da tomada de papel à possibilidade de realmente experimentar ser o outro, se dá, na minha opinião, através do aquecimento; quando maior for a aderência que o cliente obtiver na tomada de papel do outro, mais poderemos falar em inversão de papéis. (CUKIER, 1992, p.45).

Para que a aplicação dessa técnica seja eficaz é preciso, além dos aspectos já citados anteriormente<sup>37</sup>, que ela se enquadre ao momento da Matriz o qual o atleta está vivendo, isto é, se ele ainda se encontra preso à primeira fase - conhecida como Identidade do EU, dificilmente ele terá condições de inverter papéis. Ele deve estar pelo menos no período de pré-inversão. Repare que a dúvida do atleta que vou apresentar, não é "quem sou eu enquanto pessoa?" numa crise mais profunda e existencial, mas sim "quem é o atleta". Desinteresse, risadas compulsivas, negações para entrar nessa técnica podem representar também uma precipitação da escolha da técnica e o psicólogo precisa, então, rever seus procedimentos.

Os trechos que vou relatar para ilustrar a aplicação dessa técnica fazem parte de um atendimento a um atleta de 16 anos

---

<sup>37</sup> Objetivos claros, aquecimento adequado, bom vínculo com o terapeuta, e lógico a competência de quem aplica.

de modalidade individual, que desde os 14 anos morava numa república com atletas da equipe, porque sua família residia numa cidade de do interior de São Paulo.

Filho único, seu pai é técnico da modalidade que pratica na sua cidade de origem - foi seu instrutor dos 4 aos 14 anos. Desde o início, pareceu-me ser um adolescente responsável e amadurecido para sua idade, pois ele possuía hábitos de pagar contas, fazer feira, não deixar bagunça na república etc. Tinha também atitudes típicas da adolescência, mas sempre conciliou estudos e esporte muito bem. Jamais perdeu um treino.

Vou optar por relevar somente as informações que são necessárias para a compreensão da técnica da Inversão de Papéis e as que forem úteis para o paralelo que vou fazer com a Sociometria do Vínculos de Aguiar (1988 e 1990). Quanto aos nomes e modalidade, para que o texto não fique impessoal, atribuirei ao atleta o nome de João, o Pai: Joaquim, o Técnico será Cião e a modalidade ciclismo - todos esses fictícios.

A razão pela qual escolhi essa técnica foi porque vinha percebendo a impossibilidade de João ver mais claramente os seus valores enquanto ciclista. Embora sua queixa inicial, motivo pelo qual ele procurou o trabalho, era aumentar a sua concentração; o que mais ouvia dele era a uma dúvida, uma dúvida

velada. Se ele era "bom" naquilo que fazia há anos, se era o pai dele que achava isso, se o técnico Cião o percebia como um potencial, eram na realidade as perguntas que rondavam a sua cabeça.

Para aumentar a incerteza, João que obteve títulos importantes e de destaque no passado, - com 10 anos, era apontado por muitos entendidos do ciclismo, relata ele, como um talento que em breve iria despontar - agora, não saía das mesmas marcas quando não as piorava. Esse atleta, na sua ânsia pela chegada, desse momento profetizado, queria fazer "qualquer negócio" que pudesse ajudá-lo a alcançar isso.

O trabalho, nesta ocasião ainda estava começando, e os trechos extraídos os quais vou relatar aqui faziam parte da terceira sessão. Num dado momento do aquecimento inicial, quando já estávamos prontos para a escolha da técnica utilizada, o assunto retornou para a figura do Pai. João, com um ar de impaciência e certa irritação, começa então a contar:

- "Meu pai, que me liga todo dia e sempre nas horas impróprias, fica querendo saber do meu treino, o que eu fiz nos mínimos detalhes, e até descorda das orientações do Cião..... (pausa)

Aproveitei a pausa e pedi a ele que, por uns momentos, parasse de falar, se acomodasse melhor na cadeira, pensasse um pouco

mais no pai, e só por aqueles instantes ficasse em silêncio, não se preocupando em dar explicações. A partir daí, com João numa postura mais relaxada, sugeri que pensasse no sr. Joaquim na hora do telefonema; depois, uns segundos antes de pegar o telefone para fazer a ligação para ele (início do aquecimento específico).

- "Tente imaginar, o que seu pai estava fazendo antes de te telefonar, da onde vinha, onde estava, com quem tinha encontrado, o que poderia estar pensando quando deu nele a vontade de te ligar." - eu disse.

Apesar de, no meio dessa fala, João voltar o olhar para mim e com uma cara de espanto e ainda aborrecimento, ter me dito que não sabia da vida do pai, onde ele estava; frente ao meu pedido: "já que você não sabe, pode inventar!", ele ainda contrariado volta a se concentrar e silenciar.

Depois de alguns segundos de silêncio, digo que gostaria de propor uma "brincadeira" - já havia explicado em sessões passadas, essa questão da utilização dos jogos dramáticos, das técnicas lúdicas no trabalho que desenvolvo; a Inversão de Papéis era a primeira vez que iria propor. Avisei que se ele, João, não quisesse poderíamos parar.

Na seqüência, comecei a explicar que gostaria de, naquele momento, conversar com o sr. Joaquim, mas, como ele não poderia



estar, eu convidaria ele - o atleta - a se colocar no lugar do pai, ser seu o sr. Joaquim por uns minutos para que pudéssemos conversar.

Num primeiro momento, (e costuma ser assim para a maioria das pessoas), houve uma esquivada. O "Hi! Eu não sei ser ele" ou "Eu não vou saber fazer direito" parece que são as frases que faltam para muitos atletas terminarem de se aquecer e entrar na Inversão de Papéis.

O profissional pode ajudar nesta circunstância, reforçando a idéia de poder criar, inventar, usar informações de conversas anteriores, e, principalmente, deve esclarecer que o objetivo dessa técnica não é saber quem é o pai "de verdade", mas sim como ele, o João, o vê. Depois das risadas iniciais, do arranhar da garganta e uma correção na postura, quase todos topam. E foi isso que aconteceu.

Para retomar a concentração, já que João podia ter desaquecido, comecei pedindo que ele imaginasse o pai novamente num lugar da casa dele com os pensamentos próprios, com seu jeito de ser e pedi que me avisasse, quando podíamos começar a nossa conversa: Psicóloga e sr. Joaquim. Após o sinal, parto para o diálogo:

- "Boa tarde, sr. Joaquim - dizer repetidamente (sem exageros!) o nome da pessoa que o atleta está compondo, ajuda-o a se

manter no papel - eu sou a Gisela, gostaria de conversar com o senhor, saber um pouco do João, o que tem achado dele, dos seus treinos....

Neste momento, as perguntas vão acontecendo em função das respostas que vou obtendo. Vou abordá-las aqui de uma maneira mais sintética para que as informações menos importantes não atrapalhem a compreensão do leitor.

O foco dessa conversa não estava voltado para avaliar ou trabalhar a relação dele com o pai, mas para procurar destacar dessa relação, quem era o Atleta para o pai na visão de João. Precisava aparecer ali, como esse pai, figura incontestavelmente fundamental para a formação da sua identidade, "desenhava" esse atleta. João até tinha certeza de ser um bom filho, mas tinha dúvidas se era um bom esportista. É como se João pensasse:

- "Se estou confuso de quem sou no ciclismo, porque não obter essa informação a partir da visão de meu pai, um técnico que conhece ciclismo, que me acompanhou nos pódiums, que sempre me mostrou quem sou?"

Durante a Inversão de Papéis, pude registrar algumas frases de João, no papel de Joaquim:

- "Ah, o meu filho.... não sei o que anda acontecendo... enquanto estava aqui comigo ele estava no pódium, agora disseram que a equipe era melhor, com o Cião, mas... não sei não... "
- "O meu filho diz que eu me intrometo muito no seu treino, já melhorei bastante.... quase não falo mais nada, ele até é dedicado, esforçado.... está indo, mas.... Você sabe que uma semana com um treino errado se compromete o ano todo. Ele pode perder o ano no ciclismo!"
- "Não!!! Eu ?! Só quero o bem do meu filho! Se ele me disser que quer parár, não tem problema eu quero a sua felicidade!
- "É que eu acho que aqui em Santos, o João treina com muita gente junto, ele não chega no técnico, pergunta, esclarece, e a coisa passa batido. Aqui tinha pouca gente.... O que, Eu? Não, não estou treinando, faz tempo, ninguém para competições importantes, na minha escola agora só tenho iniciação ao ciclismo....

Já tendo achado suficiente o tempo dedicado a Inversão, e por ter encontrado informações importantes para o compartilhar daquela sessão, proponho a volta de "João para João" mesmo. Uma pausa para respirar, e partimos para o relato de suas emoções vividas naquele papel.

Um desabafo que merece aqui um intervalo. Durante o compartilhar ou antes mesmo, às vezes sinto uma vontade imensa

em revelar alguns aspectos imperceptíveis na fala ou na expressão do atleta, que muito o ajudariam (pura ilusão...). É preciso ter firmeza para se manter no caminho do atleta e deixar que ele trace o seu percurso. Se preciso for, retornar e buscar outros, mas só a partir do desejo dele.

Vejo que a etapa do compartilhar deva ser mais do atleta, isto é, o tempo maior é separado para seus insights, suas dúvidas e feedbacks. Baseados neles é que o psicólogo deve fazer seus comentários e fechar a sessão. Particularmente, posso apontar algumas sugestões para um próximo encontro, assuntos que podiam ser mais explorados, mas não vejo como correto dar uma conclusão já pronta, revelar uma percepção minha que o atleta estava longe de perceber. Acredito que a habilidade está em aproxima-lo dela e deixar que ele a descubra por si mesmo.

No compartilhar, João comenta que sendo o pai, ele sentiu uma certa tristeza; estar sozinho sem o filho, sem ter equipe para treinar, mas logo saiu desse sentimento e acrescentou que isso não é suficiente para ele se intrometer no treino dele daqui. Noutro comentário, João diz:

- Eu preciso estar mais sossegado, cuidar sozinho do meu treino. Até acho que meu pai confia em mim, sabe que eu sou dedicado e responsável com as coisas do ciclismo, mas.... às

vezes, parece que ele esquece disso, ou no fundo não acredita e começa a me controlar como se eu fosse criança.

As minhas interferências, nesta hora se dirigem para uma melhor compreensão daquilo que ele mesmo está falando, seria, como "passar a limpo", um rascunho meio roto e rabiscado:

- "Você me disse que não é mais a criança que seu pai pensa que é. Quando você era criança, foi campeão e ele sempre disse que você era bom. E agora, que não é mais criança?"
- "Sei lá! - ele responde logo, e depois de uns segundos continua - Agora ele não é mais meu técnico, não tem que falar nada"
- "E como você vai saber se está fazendo as coisas certas, se o treino está bom? - eu pergunto.
- "É o Cião que tem que dizer, e eu confio no treino que ele me passa, mas...."
- "E o Cião te fala se você está fazendo um bom treino? - pergunto em seguida.
- "Ah! São muitos atletas, ele até fala, às vezes me chama para conversar, mas é diferente, quando eu treinava com meu pai, a gente passava o dia todinho na escola juntos falando dos treinos e quando chegava em casa era mais ciclismo, um pouco!" - ele explica empolgado.

Perto de terminar a sessão ele fala:

- "Eu acho que como o Cião não fala sobre meu treino todo dia, eu sinto falta, fui acostumado assim, e quando meu pai me liga eu sei que a sua opinião não é válida porque ele não me acompanha mais como antes."
- "Então, antes você era o João-criança, o João-campeão. Agora você cresceu. Quem vai dizer para você que você é campeão?"
  - eu pergunto.
- "É o Cião que tem que dizer, então, já que não é mais meu pai...
  - e dando um tempo maior para suas reflexões, concluiu - É... se eu já não sou mais criança, não devia precisar de ninguém para falar, teria que saber disso sozinho..."

Fecho o nosso dia de trabalho dizendo a ele que tinha gostado daquele encontro, que percebia que novos passos tinham sido dados, mas destaco, nessa minha fala, que não são só as crianças que precisam da opinião dos outros, mas sim todos nós. Só que, quando a gente cresce, a gente não utiliza só essas opiniões.

Tomando como base a **Sociometria dos Vínculos**, pode-se ler essa situação da seguinte maneira: vista pelo lado de João, a relação João - Joaquim estava, naquele período, sendo uma relação residual. O atleta mantinha-se preso a função de técnico do pai, papel esse já desativado. Mesmo tendo pedido ao pai que não se intrometesse em sua vida, a necessidade maior de obter feedbacks técnicos, se sobrepunha a esse pedido.

Concordo com Aguiar (1990) quando ele relata que *"A maioria dos conflitos pretéritos não resolvidos traz uma marca na configuração de suas relações presentes."* (p.60) pois pude perceber que como a relação atleta-técnico do passado de João, era muito próxima da relação pai-filho, ele chegou nessa nova equipe esperando encontrar esse tipo de relação com o Técnico. Uma relação bem próxima, de feedbacks diários, de muitos sonhos e previsões otimistas.

Interessante reparar essas outras declarações de Aguiar, criador da Sociometria do Vínculos:

Entre protetor e protegido estabelece-se um código de comunicação no qual permanece subentendido que todas as queixas expressam apenas uma parte da verdade. Devem portanto ser levadas em conta até o ponto em que não comprometam a continuidade do vínculo. Esse pacto secreto coloca-se por cima de todo sofrimento e de toda a impotência que engendra, inclusive para transformá-lo (AGUIAR, 1990, p.153).

O que estava acontecendo, e depois se confirmou em outras vivências e compartilhar, é que João, que anteriormente tinha um "técnico-particular", isto é, seu pai lhe dava toda atenção individualizada, comentava nos mínimos detalhes seus treinos e de alguma maneira, lhe ajudava a formar sua auto-imagem

enquanto atleta. Quando ele veio para Santos, numa equipe muito maior, tendo que dividir a atenção do Técnico, a sua auto imagem de atleta não foi sendo alimentada com a freqüência que estava acostumada, ele era mais um no meio de tantos atletas para Cião dar feedbacks.

Por outro lado, o pai querendo, de alguma maneira, estar próximo, tentava continuar na construção da auto-imagem de João, mas o sr. Joaquim não tinha tantas informações e acrescentando a isso seus próprios conteúdos (tristeza de não te-lo mais nos seus treinos, dificuldade de perceber o amadurecimento do filho, etc.) dificultava a percepção de João.

Na declaração: "oras meu pai me reconhece como bom, oras não", reparo que algo começa a despontar, um primeiro passo para uma consciência maior de seu papel enquanto atleta. João começa a perceber que o "oras não" era justamente o momento no qual sr. Joaquim entrava com seus próprios conteúdos (querer estar mais perto dele, tristeza também por não ter equipe de competição). Nessa hora o pai confundia a auto-imagem do filho.

A experiência com a Inversão de Papeis não foi geradora de nenhuma mudança brusca, mas foi significativa porque a partir dela João pode perceber que nos julgamentos do pai estavam contidos muitas emoções dele - Joaquim - referentes à



convivência do passado e não do presente. - Início da consciência do vínculo residual. Ele chegou também a verbalizar que se ele - João - queria uma ajuda para montar sua auto-imagem enquanto ciclista, de alguma maneira não deveria depender do julgamento do pai. Chegar a ponto de formar sua imagem de atleta juntando seus próprios conceitos, acrescentando um pouco a opinião de Cião, foi um caminho longo mas bem sedimentado.

Penso ter oferecido uma oportunidade para que o leitor visualizasse a Sociometria dos Vínculos na prática e de com o uso de uma técnica psicodramática - aqui no caso a Inversão de Papeis - pode contribuir para o desenvolvimento desses vínculos, para futuras transformações de um vínculo residual em um atual<sup>38</sup>.

Essa leitura sob a ótica da Sociometria dos Vínculos, logicamente, é só um lado da história, atrelado a isso, outros fatos interessantes também aconteciam na vida esportiva de João que eram trabalhados também na sessão. João chegou a

---

<sup>38</sup> Quanto ao vínculo virtual, não foi encontrado aqui neste exemplo, mas se no "faz-de-conta" o ciclista João, filho de Joaquim - técnico de ciclismo, que vê o menino como um potencial, nunca tivesse subido no pódio? Que tipo de relação se estabeleceria entre João/atleta e o Ciclismo? Um mundo de fantasia! Inatingível e inabalável, até que fosse trabalhado.... Aliás, será que não temos muitos atletas em situação semelhante? Estabelecendo vínculos virtuais com suas modalidades?

"ser" o Cião algumas vezes, isto é, trabalhou com a técnica de Inversão de papéis, sendo seu técnico.

Utilizando-se também de outras técnicas psicodramáticas, João pôde perceber e visualizar melhor a sua imagem enquanto atleta; e, no transcorrer do trabalho, consegue ser mais claro com os pais, por exemplo, na questão dos horários de ligações telefônicas. Estipulou com eles o melhor horário e o espaçamento entre as ligações, pediu ao pai principalmente que, por um tempo, ele não conversasse sobre seus treinos - para ajudá-lo a separar o pai do Ex-técnico. Uma tentativa que deu certo para ele conseguir se desvencilhar do residual e assumir um vínculo atual.

Tenho a certeza de que a soma do trabalho do Técnico Cião, mais o tempo dedicado a preparação física e nutricional aliadas ao seu crescimento emocional (também obtido através do trabalho com o Psicodrama), conduziram João, oito meses depois, ao degrau mais alto do pódio numa prova e numa outra, o terceiro lugar - posições que não ocupava há cinco e há um ano respectivamente. Adicionei só nesse caso a informação do pódio, que, não resta dúvida, é uma questão importante no Esporte de alto rendimento, para que se possa saber que o trabalho da PE também pode levar a ele, mas continuo afirmando, para mim, não deve ser seu objetivo maior.

Como "subir" sem conhecer quem sobe? João precisou primeiro se ver; saber que pernas o sustentariam no pódium e que braços ergueriam a medalha tão sonhada. Com a intenção de auxiliar João na construção de sua auto-imagem esportiva, e com a força dos demais trabalhos multidisciplinares, o pódium veio como conseqüência.

Confio ter alcançado o objetivo inicial do capítulo, - o de apresentar ao leitor jogos, técnica e teoria - utilizando para isso algumas de minhas experiências no Esporte. Esforcei-me ao máximo para que a aplicação dessas técnicas e a compreensão do arcabouço teórico do Psicodrama ficassem o mais claro possível. Gostaria de antes de fechar esse capítulo relembrar alguns pontos que considero importantes para a prática do Psicodrama na PE.

Os jogos dramáticos - vistos por alguns leigos como dinâmicas de grupo, jogos pedagógicos, dramatizações, "brincadeiras" para entrosamento grupal ou motivação - têm seduzido muitos profissionais da área pelo seu dinamismo, sutileza e ludicidade, conforme citado anteriormente. Mas uma dramatização ou vivência em J.D. não pode ser vista como um espetáculo teatral ou um "Show". É preciso elucidar que do mesmo jeito que esse tipo de recurso pode ser considerado leve e divertido, ele pode

enveredar, por exemplo, por caminhos tortuosos, contundentes e difíceis durante a sua aplicação com um grupo.

Perceber os mecanismos de defesa contidos numa cena psicodramática, saber o que e como passar isso para os participantes, pinçar os desejos íntimos expressos nas entrelinhas de um jogo dramático, são algumas das tarefas do psicodramatista que exigem muito treino e estudo.

Se o Psicólogo não tiver competência específica na área psicodramática e ética, ele corre o risco de destruir um bom grupo esportivo. A aplicação de uma única técnica psicodramática não tem o poder de resolver, como num passe de mágica, uma problemática vivida por um grupo, mas, por ironia talvez, tem maiores chances de numa única vivência exterminar um atleta ou grupo.

O Psicólogo do Esporte que está com o atleta no seu dia-a-dia de treinamento e competições não pode esquecer que este esportista traz junto de si, o seu sonho. O sonho de ser campeão. Este ideal precisa ser levado a sério, mesmo que para isso ele precise antes encontrá-lo no "faz-de-conta". Muitos psicodramatistas, assim como eu, têm a certeza de que o sonho é o início. Qualquer grande projeto tem que trazê-lo na frente. Sim, ao Sonho! Sim, ao "faz-de-conta" com profissionalismo. Sim,

a força do desejo; o desejo e a crença que quase todo atleta tem de poder chegar lá.

## V. O LAÇO DO PRESENTE

*"O Jogo e o Esporte são experiências humanas, portanto devem estar a serviço do humano em sua jornada evolutiva, ou melhor, co-evolutiva, colaborando para que a vida, em todas as suas manifestações, siga seu destino de permanente re-criação e criação. Esse nosso impulso para a criação continuada, nos mantém ligados à um jogo original, onde, desde há muito tempo, aspiramos um grande salto: sair da sobrevivência e alcançar a transcendência".*

*Fábio O. Brotto*

Para o encerramento dessa dissertação, convido o leitor para o último "faz-de-conta". Valendo-me ainda da linguagem psicodramática rebuscada de criatividade e fantasia, não vou me encabular: Vamos subir agora, no palco!

É hora de terminar os preparativos para a festa, os convidados já estão chegando! Já consigo visualizar: Atletas, Professores de Educação Física, Técnicos Desportivos, Psicólogos do Esporte, praticantes de atividade física, e até curiosos, aqueles mais conhecidos como "bicões"...

**Que sejam TODOS bem vindos!**

A anfitriã, Gisela, está ansiosa, com um gostoso friozinho na barriga (parecido com aquele que o esportista sente na hora da competição), querendo que chegue logo a hora de entregar o PRESENTE para todos os convidados. Segundo ela, o presente é bonito, na realidade, mais valioso do que bonito. Ele vem embrulhado num lindo papel (papel carta ou ofício?!?!). As fitas têm duas pontas que se unem e se enlaçam harmoniosamente. Uma ponta chama-se Esporte e a outra Psicodrama.

**E o presente é o Psicodrama na Psicologia do Esporte!**

- "Espero que você goste!" - diz a anfitriã ainda sem graça, sem saber qual vai ser a reação dos convidados. E entregando esse presente ela acrescenta baixinho: mas use, viu?!?

**Essa festa está só começando. Viva todos nós!**

Não me canso, ou só descanso..., quando faço arte, fantasia ou metáforas. Brincar com as palavras aqui me dá energia para continuar no meu propósito; entrar no faz-de-conta me faz encontrar comigo mesma. É assim, como a criança que faz essa duas coisas de uma maneira muito compenetrada e responsável,

eu me sinto mais feliz. Feliz por acreditar que fiz o melhor que pude para contribuir com o desenvolvimento da PE.

De acordo com minha proposta inicial, estou convicta de ter apresentado o Psicodrama como uma possibilidade, um instrumento a mais a que o Psicólogo do Esporte pode recorrer no seu trabalho diário. A explanação do corpo teórico, através dos conceitos de Matriz de Identidade, Encontro EU-TU, Tele, Papel, Sociometria do Vínculos e o Jogo Dramático pôde criar uma base sólida para que, no momento da apresentação dos jogos e das técnicas específicas do Psicodrama, ditos conceitos fossem melhores compreendidos.

O auge do trabalho foi atingido quando relatei três vivências nessa abordagem aplicadas ao contexto esportivo. As duas primeiras - "Tribunal de Justiça" e "Os dez mandamentos do Esporte" - adaptadas por mim para o Esporte, trouxeram experiências em grupos esportivos. A primeira dentro de uma equipe já formada, e a segunda experiência foi de um grupo formado por adolescentes de três diferentes modalidades (Tênis, Natação e Judô). A razão dessa peculiaridade foi esclarecida e durante o seu desenvolvimento, o grupo pôde vivenciar alguns de seus benefícios.



Esses dois exemplos serviram de pano de fundo para que fosse possível de se ver, na prática, os conceitos de Moreno. No "Tribunal de Justiça", pude fazer um paralelo com o EU-TU e EU-ISSO, noções básicas para o psicodramatista; no jogo "Os dez mandamentos do Esporte", consegui apontar as fases da Matriz de Identidade de acordo com as fases de um grupo em desenvolvimento.

O último exemplo citado serviu para conhecer a aplicação dos conceitos da Sociometria dos Vínculos. Para isso, utilizei-me da técnica de Inversão de Papéis, relatando trechos de um atendimento individual.

Esse é o presente! Poder chegar aqui e entregá-lo agora é, realmente para mim um motivo de festa.

No capítulo I, por ocasião da apresentação da Psicologia, foi possível conhecer as novas tendências dessa Ciência. A proposta era:

- "...deixar de considerar apenas a dimensão intrapessoal do indivíduo";
- "Incentivar o trabalho em equipes multiprofissionais";
- "Deixar - a atuação da Psicologia - de ter um caráter mais "curativo" e remediativo pois a tendência agora pede uma ação preventiva e prospectiva."

- "O compromisso e a preocupação do profissional de Psicologia agora se estendem, buscando além do atendimento das necessidades individuais, um engajamento pela transformação social."

Se a inclinação da Psicologia para o novo milênio se volta para essas necessidades, vejo o Psicodrama como um bom instrumento para isso já que ele busca, entre outras coisas:

- preservar as relações interpessoais (além da intrapessoal);
- trabalhar com a face sadia do indivíduo e, no *role-playing* desenvolver papéis também em termos profiláticos;
- considerar as relações pessoais e sociais, preocupando-se também com a responsabilidade que cada um tem enquanto cidadão.

No capítulo II, estudiosos da PE apontavam, nos novos rumos dessa área, a necessidade de mais ética, de melhores esclarecimentos sobre o "como fazer" e o "por que fazer", e pediam um trabalho de prevenção e educacional. Acredito que com a atuação do Psicodrama na PE, essas solicitações possam ser atendidas. Os recursos e teoria psicodramática, através dos exemplos aqui deixados, puderam ir ao encontro dessas expectativas. Os instrumentos psicodramáticos facilitaram:

- O aumento da percepção das interdependências;
- O estabelecimento de vínculos atuais;

- O reconhecimento do papel de Atleta (ou Comissão Técnica - CT);
- A harmonização dos outros papéis vividos pelo atleta (ou CT).

Se algumas razões técnicas foram citadas no capítulo anterior, elencando o porquê da escolha do Psicodrama, não posso deixar de citar também uma outra razão que vejo como fundamental para o bom andamento desse trabalho: Escolhi Psicodrama porque ele se assemelha aos meus valores e princípios, ao meu jeito de ser e de agir.

Tendo determinadas características de personalidade, sinto-me muito bem quando estou trabalhando com o Psicodrama. Eu o escolhi porque acredito na base teórica, no benefício/avanço que ele pode trazer para a PE; mas escolhi também por mim! Para que eu continue me sentindo feliz profissionalmente e livre para me expressar. Pode soar como egoísmo num primeiro momento mas nada mais justo do que fazer escolhas para nosso próprio bem.

De nada adiantaria, encantar-me com a teoria do Psicodrama, achar incríveis as suas técnicas se eu fosse um tipo de pessoa que não me enquadrasse neste contexto. Vejo muita gente comprando "roupa bonita" sem experimentar direito, por exemplo, e que depois percebe (que bom quando percebe) que não lhe cai bem,

fica disforme ou inadequado. Na PE, como em outras tantas áreas, também pode ser assim.

- "Experimente, sem pressa e compromisso, antes de usar de verdade! Espero que lhe caia bem!" - diz a anfitriã da festa.

Segundo o psicodramatista Kellermann (1998), a influência das características do terapeuta no processo terapêutico tem recebido atenção na literatura.

Vários estudos levam à conclusão de que as características pessoais, a experiência clínica e as atividades profissionais do terapeuta influenciam profundamente suas técnicas, suas atitudes e afetam o processo e os resultados apresentados pelo trabalho. (KELLERMANN 1998 p.31).

Concordo com Davoli quando ela responde à pergunta de Moreno feita em 1932, *"Who shall survive?"* (MORENO, 1994) dizendo: *"Sobreviverá quem souber conviver em grupos de maneira espontânea e criativa(...). Pode estar no grupo a responsabilidade pela transformação, criação ou na perpetuação de papéis sociais."* (DAVOLI, 1999, p.79-80).

Quando Feltz (1992) discute os rumos da Psicologia do Esporte no mundo, ela cita a opinião de uma série de profissionais

contemporâneos da área, preocupados com a crescente falta de entendimento e distância entre os acadêmicos da PE e os psicólogos que trabalham com a intervenção. Esse afastamento ainda existe em alguns lugares, concordo, mas o que quero destacar aqui é a lacuna que, às vezes, tenho visto entre esse profissional que está na quadra e o seu próprio atleta e Técnico. Às vezes, distante demais, às vezes, perto de mais...

O Psicodrama e suas técnicas tem o poder de aproximar muito o psicólogo e o atleta<sup>39</sup>, e fazer com que essa relação seja calorosa e afetiva, mas o profissionalismo e o discernimento precisam estar evidentes sempre. O "aproximar muito" ainda tem a sua medida certa, variável e ajustável de acordo com cada um, mas há de ter limites claros.

Fazer com que o atleta se sinta perto e acolhido pelo psicólogo e manter a distância necessária para que ambos possam se enxergar, é uma tarefa sutil e essencial de qualquer profissional de PE.

Se na entrada do século XXI, o Esporte, como um dos grandes fenômenos de expressão, também precisa reformular e

---

<sup>39</sup> Neste parágrafo e no próximo, quando citar o atleta estarei também me referindo ao Técnico e demais da comissão.

redirecionar seus paradigmas (TUBINO, 1993), por que os profissionais da PE não aproveitam esse movimento e transformam aqueles meros aplicadores de testes ou diagnosticadores de conflitos, em psicólogos mais voltado para os valores humanos essenciais? Assim eles não mais olhariam os atletas como uma "máquinas de fazer gols ou cestas", mais sim os veriam como seres humanos que podem, através de uma prática esportiva mais consciente, encontrar autonomia, prazer e transcendência.

É possível viver isso no Esporte de alto rendimento? Se Phil Jackson (1997), técnico reconhecido mundialmente, conseguiu ter experiência neste sentido dentro de uma estrutura tradicional do basquete profissional que é a NBA, e outros tantos que já relataram em seus livros aspectos parecidos (MILLMAN, 1995; VIOLA e FILLOY, 1996; GALLWEY, 1996; LEONARD, 1999) por que eu não poderia vislumbrar e lutar por tal situação? Creio efetivamente que isso poderá se expandir também nessa fatia do Esporte. Se esse grupo é minoria e quase imperceptível? Isso o futuro dirá.

O terceiro milênio que já se começa a trilhar, traz novos paradigmas, ou seja, ele pede uma visão não dual, considerando o homem com suas diferentes dimensões - físicas, emocionais,

espirituais. Essa nova sociedade deverá ser formada por Homens que, conforme propõe Weil (apud CREMA, 1992, p.72) *"lance pontes sobre todas as fronteiras e sobre os reducionismos humanos"*.

A visão Holística<sup>40</sup> aplicada ao Esporte de Rendimento, nos aponta Feijó,

é muito mais vantajosa, não só do ponto de vista humano, como também do ponto de vista da performance. Uma pessoa equilibrada emocionalmente, tem muito mais chance de se dar bem naquilo que se propõe, aqui no caso, o esportista com o desejo de Vencer. (1992, p.81).

Na minha ousadia de acrescentar na lista de Dieguez (apud Bracht, 2000 p.50) mais um caminho para se atingir a verdade, fi-lo certa de estar exercendo o pleno papel de minhas funções.

Acrescentei sim a Postura Amorosa porque sinto que no Esporte há espaço para isso. Não nos falta o amor pela modalidade (isso já temos vários exemplos), nem o amor patriótico, mas o amor

---

<sup>40</sup> A visão Holística (que vem do grego holos, e significa totalidade), "representa uma revolução científica e epistemológica que emerge como resposta a perigosa e alienante tendência fragmentária e reducionista do antigo paradigma cartesiano" (CREMA, 1988, p.59).

que a prática esportiva pode deflagrar uns pelos outros. Nós todos já somos um País apaixonado por futebol, por exemplo, mas torço para chegarmos no momento onde seremos "apaixonados" pelos homens, jogadores, sendo ou não do nosso time.

Bom seria o amor ao esportista e não só ao Esporte. Aí sim, teria-se, talvez, mais consideração uns pelos outros, menos violência nos campos, mais solidariedade e respeito aos limites e potencialidades de cada um. É essa prática esportiva que gostaria de ver no futuro. É para esse Esporte que eu trabalho, para aquele que conduz seus praticantes para mais próximos da Verdade, mais próximos de si mesmos, mais próximos uns dos outros.

Quero, como Psicóloga do Esporte, continuar defendendo o esporte de alto rendimento, mas se faz necessário melhorar algumas "táticas" de jogo, para que se possa aperfeiçoar a "performance" da Psicologia do Esporte. Se há o desejo de mais campeões, precisamos sim é preservar suas relações intra e interpessoais.

Tubino (1993) lança o desafio:

a intelectualidade do mundo esportivo começa a ensaiar um movimento de reconstrução ética do esporte. A tendência é o delineamento de um novo espírito



esportivo, o qual possa comprometer-se com as novas dimensões sociais do esporte (p.138).

Eu aceito o desafio e começo a fiar. Fiar linhas espiraladas, que "teimam" em convergir para a essência do EU-TU.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. *O Teatro da Anarquia: Um resgate do Psicodrama*  
São Paulo: Papyrus, 1988.
- \_\_\_\_\_ *O Teatro Terapêutico - escritos psicodramáticos*  
São Paulo: Papyrus, 1990.
- AL HUANG, C. & LINCH, J. *O Tao do Esporte*. São Paulo: Best  
Seller, 1992.
- ALDERMAN, R.B. Sport psychology: Past, present, and future  
dilemmas. In KLAVORA & WIPPER, *Psychological and  
sociological factors in Sport*. Toronto: University of  
Toronto, 1980.
- ALMEIDA, W.C. "Adultos jovens em psicoterapia" - *Revista  
Brasileira de Psicodrama* vol4, fascículo II, São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_ Procedimentos grupais para usos didáticos e  
operativos. In: ALMEIDA W.C., (org) *Grupos: a proposta do  
Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999.
- ARANHA, M. L. A. e MARTINS M. H. P. *Filosofando: Introdução  
à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.
- BASTOS, A. V. B. e ACHCAR, R. Dinâmica profissional e  
formação do psicólogo: Uma perspectiva de integração. In  
ACHCAR, R. *O Psicólogo Brasileiro*. São Paulo: Casa do  
Psicólogo, 1994.
- BECKER JR., B. *Manual de Psicologia do Esporte & Exercício*.  
Porto Alegre: Novaprova, 2000.

- BERMUDEZ, J. G. R. *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- BLANCHARD, C.; PERREAULTS, & VALLERAND, R. J. Participation in team sport: a self-expansion perspective. In *International Journal of Sport Psychology* V.29, n.4. 1998.
- BOFF, L. *Depois de 500 anos: Que Brasil queremos?* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BOMFIM, E. M. Psicologia Social, Psicologia do Esporte e Psicologia Jurídica In ACHCAR, R., *O Psicólogo Brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- BOUET, M. *Education physique et sport* -Paris: Editions Universitaires, 1992.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.
- BRANDÃO, M. R. F. Psicologia do Esporte In: FERREIRA NETO, A., et al, *As ciências do Esporte no Brasil* São Paulo: Ed. Assoc., 1995. Parte II, p.133-148.
- \_\_\_\_\_ *Equipe nacional de voleibol masculino: Um perfil socio-psicológico a luz da categoria do movimento humano*. Dissertação de Mestrado - Universidade Santa Maria, 1996.
- BRAWLEY, L. R. & CARRON, A. V. Group Dynamics in Sport In: HORN, T. S. *Advances in Sport Psychology* Human Kinetics Publish, 1992.
- BROTTO, F. *Jogos Cooperativos: Se o importante é competir o fundamental é cooperar*. Santos: Projeto Cooperação, 1997.

- \_\_\_\_\_ *Jogos Cooperativos: O jogo e o Esporte como um exercício de convivência.* Campinas, 1999. 197p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física: Universidade Estadual de Campinas.
- BUARQUE, C. *A Segunda abolição.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- BUBER, M. *Eu e Tu.* São Paulo: Moraes, 1974.
- BURITI, M. A. (org) *Psicologia do Esporte* São Paulo: Alínea, 1997.
- BUTT, D. S. *Psychology of Sport - The behavior, motivation, personality and performance of athletes.* New York: PMA Publ. Cop., 1987.
- CAPRA, F. *O Ponto de Mutação.* São Paulo: Cultrix, 1982
- \_\_\_\_\_ *A teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.* São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARPIGIANI, B. *Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos.* São Paulo: Pioneira, 2000.
- CARVALHAES, J. *Um Psicólogo no Futebol - Relatos e Pesquisas.* São Paulo: Ed. Esporte Educação, 1974.
- CASAL, H. M. V. *La preparación psicológica del deportista: Mente y rendimiento humano.* Zaragoza: Inde Publicaciones, 1996.
- CASTANHO, G. P. Jogos dramáticos com adolescentes. In MOTTA, J. (org), *O jogo no Psicodrama* São Paulo: Ágora, 1995.

- CAVASINI, S. M.; CAZELATTI, S. Aplicabilidade do teste sociométrico em equipes esportivas. *Revista de Medicina do Esporte*, 4,95-99, 1977.
- CAVASINI, S. M.; CAZELATTI, S.; MATSUDO, V. K. R.; SOEIRO A. G. C. Efeito da situação de platéia, selecionada através da Sociometria e relacionada à características de personalidade. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 4(1), 1982.
- COREY, G. *Técnicas de aconselhamento e psicoterapia*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- COX, R. H. *Sport Psychology: Concepts and applications*. Dubuque: Willian C. Brown, 1985.
- CREMA, R. *Introdução à visão holística*. São Paulo: Summus, 1989.
- CRATTY, B. J. *Psychology in contemporary sport*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989.
- D'AMBROSIO, U. Cumprir ordens, por si só, não é suficiente como código de conduta ou obediência e normalidade: Uma visão transdisciplinar. In ESTEVES, S.A.P.(org.), *O Dragão e a borboleta: Sustentabilidade e Responsabilidade Social nos negócios*. São Paulo: Axis Mundi/AMCE, 2000. Capítulo 14, p. 227-242.
- DATNER, Y. B. Jogando e aprendendo a viver In MOTTA J. (org) *O jogo no Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1995.
- DAVOLI, C. Aquecimento - caminhos para a dramatização. In

- ALMEIDA, W. C. (org) *Grupos: a proposta do Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999.
- DE ROSE Jr., D. O esporte e a Psicologia: Enfoque do profissional do Esporte. In RUBIO, K. (orgs) *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ESTEVES, S. A. P. (org.), *O Dragão e a borboleta: Sustentabilidade e Responsabilidade Social nos negócios*. São Paulo: Axis Mundi/AMCE, 2000.
- FADIMAN, J. e FRAGER, R. *Teorias da Personalidade*. São Paulo, Harbra, 1979.
- FEIJÓ, O. *Corpo e movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1992.
- \_\_\_\_\_ *Psicologia do Esporte e no Esporte*. In RUBIO, K. (org), *Encontros e Desencontros: Descobrendo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FELIU, J. C. *Psicología del Deporte*. Madrid, Sintesis, 1997.
- FELTZ, D. L. The nature of Sport Psychology In: HORN T.S. *Advances in Sport Psychology*. Human Kinetics Publish, 1992.
- FONSECA FILHO, J. S. *Psicodrama da Loucura*. São Paulo: Ágora, 1980.
- FRANCO, G. S. A contribuição do Psicodrama na formação do atleta. Anais do *VII Congresso Brasileiro de Psicodrama*. Rio de Janeiro, 1990.
- \_\_\_\_\_ *Técnicas Psicodramáticas - um recurso para a*

prática da Psicologia do Esporte. Anais do *VII Congresso Mundial de Psicologia do esporte*. Lisboa, 1993.

\_\_\_\_\_ Quando o Esporte encontra o Psicodrama. *Em Cena* *Jornal da FEBRAP - Federação Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, ano 15 - nº1, janeiro, 1998a.

\_\_\_\_\_ Inteligência Emocional no contexto esportivo. *Revista Ceciliana*. Santos: Universidade Santa Cecília, n. 10, 1998b.

\_\_\_\_\_ *Psicologia no Esporte e na Atividade Física - Uma coletânea sobre a prática com Qualidade*. São Paulo: Editora Manole, 2000a.

\_\_\_\_\_ Quando o Esporte encontra o Psicodrama. In: RUBIO, K. (orgs) *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000b.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GALLWEY, W.T. *O jogo interior de Tênis*. São Paulo: Texto Novo, 1996.

GILL, D. L. *Psychological dynamics of sport*. Human Kinetics Books, Champaign IL, 1986.

GONÇALVES, C.; WOLFF, J. e ALMEIDA, W. C. *Lições de Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1988.

GONZALEZ, J. L. *Psicologia y Deporte*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1992.

HENDERSON, H. *Construindo um mundo onde todos ganhem: a*

- vida depois da guerra da economia global*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- HORN, T. S. & DEWAR, A. A critical analysis of knowledge construction in Sport Psychology In HORN T. S. *Advances in Sport Psychology*. Human Kinetics Publish, 1992.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: O jogo como elemento da cultura*. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HYAMS, J. *O Zen nas artes marciais*. São Paulo: Pensamento, 1979.
- JACKSON, P. & DELEHANTY, H. *Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- KELLERMANN, P. F. *O Psicodrama em foco e seus aspectos Terapêuticos*. São Paulo: Ágora, 1998.
- LAWTHER, J. *Psicologia desportiva*. Rio de Janeiro: Fórum, 1973
- LEÃO, M. F. O Psicodrama Psicanalítico no atendimento de grupo de adolescentes. In ALMEIDA W.C., (org) *Grupos: a proposta do Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999. Cap. 12, p. 157-164.
- LEONARD, G. *O atleta dos atletas: Uma nova dimensão para a atividade física*. São Paulo: Summus, 1999.
- LINCH, J. e AL HUANG, C. *O Tao da boa forma interior: Muito além dos Esportes e exercícios para o seu bem estar*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- LOBO, O. O. Orientação vocacional psicodramática - Uma



- proposta para adolescentes em empresa. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Psicodrama*. Rio de Janeiro, 1990.
- LUCAS, A. N. A Psicologia, o Esporte e a ética. In: RUBIO, K. (org), *Encontros e Desencontros: Descobrendo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MACHADO, A. A.(org.) *Psicologia do Esporte- temas Emergentes*. São Paulo: Ed. Ápice, 1997.
- MACHADO, A. A. T. *Psicologia do Esporte ou Psicologia no Esporte? Discorpo 8* São Paulo, Departamento de Educação Física e Esportes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.
- MENEGAZZO, C. M.(org) *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. São Paulo: Ágora 1995.
- MILLMAN, D. *O atleta interior*. São Paulo, Pensamento, 1995.
- MIGLIORI, R. F. et al, *Ética, valores humanos e transformação*. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- MONTEIRO, R. F. *Jogos Dramáticos*. São Paulo: McGraw Hill, 1979.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- \_\_\_\_\_ *Psicoterapia de grupo e Psicodrama*. Campinas: Psy, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Quem sobreviverá: Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama\** vol. II e III  
Goiânia: Dimensão, 1994.

- MOTTA, J. (org) *O jogo no Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1995.
- NITSCH, J.R. Future trends in Sport Psychology and Sport Ciências. In *Proceedings of the 7<sup>th</sup> World Congress of Sport Psychology*. Singapore, 1989.
- PLATÃO, *O Simpósio ou do Amor*. Lisboa: Guimarães Editora, 1986.
- PUTTINI, E. F. e LIMA, L. M. S. *Ações Educativas: Vivências com Psicodrama na prática pedagógica*. São Paulo: Agora, 1997.
- RIERA, J. *Introducción a la Psicología del Deporte* Barcelona: Martinez Roca, 1985.
- ROCHA JÚNIOR, J. A. Psicologia no Brasil: Histórico e Perspectivas Atuais. In: CARPIGIANI, B. *Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira, 2000. Cap. 07 p. 93-104.
- ROMANÃ, M.A. *Psicodrama Pedagógico*. Campinas: Papirus, 1985
- RUBIO, K. *Et, niat, niatat: sobre o processo de formação de vínculo em uma equipe esportiva*. Dissertação de Mestrado - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 1998.
- RUBIO, K. (orgs) *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- SAMULSKI, D. *Psicologia do Esporte* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.
- SANTIN, S. *A Ética e as Ciências do Esporte: uma consciência*

filosófica da questão In: BRACHT, V. (orgs.) *As ciências do Esporte no Brasil* São Paulo: Ed. Assoc., 1995. Parte I, p. 7-28.

SCHULTZ, P. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix, 1992.

SIMÕES, A. C.; VILLAÇA, A. C.; GAGLIARDI, J. Identificação pessoal nas relações sócio-afetivas de um grupo esportivo. *Anais do VII Congresso Mundial de Psicologia do esporte*. Lisboa, 1993.

SIMÕES, A. C.; HATA, M.; RUBIO, K. Dinâmica das relações grupais: Análise sociométrica de uma equipe de handebol. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, 12 (2): 115-25, jul./dez., 1998.

SINGER, R. N. *Psicologia dos Esportes*- São Paulo: Harbra, 1978.

\_\_\_\_\_ *Applied Sport Psychology in the United States*. Applied Sport Psychology, 1989.

TÁVOLA, A. *Comunicação é mito: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

THOMAS, A. *Esporte - Introdução à Psicologia*. São Paulo: Ao livro técnico, 1983.

TUBINO, M. J. G. Uma visão paradigmática das perspectivas do Esporte para o início do século XXI. In MOREIRA, W. W. (org) *Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1993.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Faculdade de Educação Física -  
*Manifestos*, São Paulo, 1982.

VASQUES, F. L. A utilização do Psicodrama e técnicas de relaxamento no atendimento de atletas adolescentes. In *Anais da IX Jornada interna do Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapient*, 1995.

VIOLA, A. e FILLOY, G. *El Zen y el arte del basketball*. Buenos Aires: Kier, 1996.

WEINBERG, R. S. & GOULD, D. *Foundations of Sport and exercise psychology*. Champaign: Human Kinetics, 1995.

WILLIAMS, J. M. *Psicologia aplicada ao esporte*. Madri: B. Nueva, 1991.

WILLIAMS, J. M. & STRAUB, W.F. Nueva Psicología del Deporte: passado, presente, futuro. In WILLIAMS, J. M. *Psicologia aplicada ao esporte*. Madri: B. Nueva, 1991.

WINTERSTEIN, P. J. Motivação, Educação Física e Esportes. *Revista Paulista de Educação Física* (6), 1, 53-61., 1992.

WOLPE, J. *Prática da terapia comportamental*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

YOZO, R. Y. *100 jogos para grupos - Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Ágora, 1996.

Coleção "Os Pensadores" Vol. Sócrates. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984.